Paulo Rogers Ferreira

A vida no *feeling* do momento

esse alegre ter entre
os que bebem excessivamente

EDUFBA

A vida no feeling do momento: esse alegre ter entre os que bebem excessivamente

Paulo Rogers Ferreira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERREIRA, P. R. *A vida no feeling do momento*: esse alegre ter entre os que bebem excessivamente [online]. Salvador: EDUFBA, 2025, 164 p. ISBN: 978-65-5630-907-1. https://doi.org/10.7476/9786556309071.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribição 4.0.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimento 4.0.

A leitora e o leitor encontrarão aqui uma contribuição antropológica ao conceito de *feeling* do momento no consumo excessivo de álcool em coletivo. Trata-se de uma proposta alternativa à compreensão do beber socialmente em excesso, tendo como local etnográfico a região de Beauce, Quebec, Canadá. No lugar de considerar o consumo de uma série de cervejas como um problema social ou sanitário, procurei compreender como e por que se bebia excessivamente naquela região. Fazendo parte de inúmeros encontros, seja em garagens, em bares, em cabanas na floresta, no vestiário dos jogadores de hóquei amador ou durante partidas de boliche, me deixei afetar pela sensação presente e pelos contraditos pronunciados, logo que os que bebiam excessivamente experimentavam o que eles chamavam de *feeling* do momento. Após copilar meu diário de campo, percebi estratégias traçadas por eles para se manter em *feeling*.

A vida no ***feeling*** do **momento**

esse alegre ter entre
os que bebem excessivamente

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor
Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Vice-reitor
Penildon Silva Filho

EDUFBA

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora
Susane Santos Barros

Conselho Editorial

Titulares
Angelo Szaniecki Perret Serpa
Caiuby Alves da Costa
Cleise Furtado Mendes
George Mascarenhas de Oliveira
Mônica de Oliveira Nunes de Torrenté
Mônica Neves Aguiar da Silva

Suplentes
José Amarante Santos Sobrinho
Lorene Pinto
Lúcia Matos
Lynn Alves
Paola Berenstein Jacques
Rafael Moreira Siqueira

Canadian Centre for Rural and Agricultural Health

fapesb Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

GOVERNO DO ESTADO BAHIA SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

INSTITUTO Multidisciplinar em Saúde IMS/UFBA

CBPAM

Paulo Rogers Ferreira

A vida no ***feeling*** do **momento**

esse alegre ter entre
os que bebem excessivamente

Salvador | Edufba | 2025

2025, Paulo Rogers Ferreira.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Cristovão Mascarenhas

COORDENAÇÃO GRÁFICA Edson Nascimento Sales

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO Gabriela Nascimento

ASSISTENTE EDITORIAL Bianca Rodrigues de Oliveira

CAPA E PROJETO GRÁFICO Equipe Edufba

TEXTURAS Freepik

REVISÃO Ive Pitanga

NORMALIZAÇÃO Cecília Nascimento da Silva

Sistema Universitário de Bibliotecas - UFBA

Ferreira, Paulo Rogers.

A vida no *feeling* do momento : esse alegre ter entre os que bebem excessivamente / Paulo Rogers Ferreira. - Salvador : EDUFBA, 2025.

164 p.

ISBN: 978-65-5630-755-8

1.Alcoólatras – Quebec (Canadá). 2. Alcoolismo – Quebec (Canadá). 2. Álcool - Abuso. 3. Bebidas alcoólicas - Consumo. 4. Antropologia - Pesquisa. I.Título.

CDU 178.1

Elaborada por Selma Matos CRB-5: BA-1001

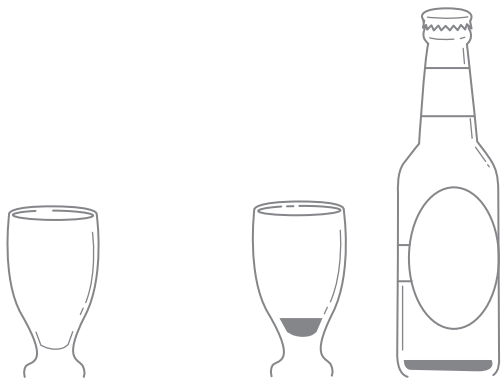
Editora afiliada à

ASOCIACION DE EDITORIALES UNIVERSITARIAS DE AMERICA LATINA Y EL CARIBE

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

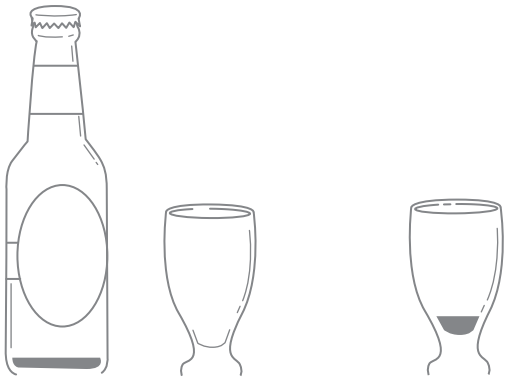
Editora da UFBA
Rua Barão de Jeremoabo
s/n – ***Campus*** de Ondina
40170-115 – Salvador, Bahia
Tel.: +55 71 3283-6164
edufba@ufba.br | edufba.ufba.br

À Jeanne Favret-Saada e a Eduardo Viveiro de Castro pela generosidade, respondendo prontamente meus *e-mails*, e pelo envio de artigos e livros que me inspiraram na concepção de *feeling* do momento em antropologia.



Anne Desbaresdes bebe novamente uma taça de vinho com os olhos entreabertos [...]. Na cozinha, dizem que ela recusou o pato à laranja, que ela está doente, que não tem outra explicação.

Marguerite Duras
Moderato cantabile, 1958.



Sumário

Apresentação à edição brasileira 11

Introdução 15

PARTE I

A CRUZADA CIENTÍFICA CONTRA O ALCOOLISMO 25

Capítulo 1 - O nascimento do mal 27

Capítulo 2 - A propagação do mal 49

Capítulo 3 - A cruzada científica quebequense 73

PARTE II

A VIDA NO *FEELING* DO MOMENTO 95

Capítulo 4 - A vida no *feeling* do momento 97

Capítulo 5 - A última palavra dos que bebem excessivamente 127

Capítulo 6 - O alegre ter entre os que bebem excessivamente 141

Considerações finais 153

Referências 157

Apresentação à edição brasileira

Esta obra é ganhadora do Edital nº 005/2024, de apoio à publicação científica, tecnológica ou de popularização das ciências, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). Ela foi originalmente publicada em francês no repertório de teses da Université Laval, Canadá, pelo Departamento de Antropologia, sob o título *Ce qui nous rassemble autour de la "dernière bière": vivre le feeling du moment en Beauce (Québec)*.

Tratei de demonstrar, por etnografia, o abismo entre as campanhas sanitárias contra o alcoolismo no Quebec e a perspectiva dos que bebiam excessivamente em Beauce, região rural e industrial daquela província. Após a publicação desta obra no Canadá, muitas controvérsias foram abertas por cientistas sociais daquele país, questionando a eficácia e a intenção das campanhas de prevenção contra o alcoolismo em todo o Quebec. Essa inflexão intelectual está em marcha, dando a devida emergência ao *feeling* do momento como conceito reticular dos que bebem excessivamente em Beauce e fora dela. Desse modo, esta obra tem a pretensão de que esta etnografia sirva de inspiração e orientação para futuras pesquisas sobre este conceito também no Brasil.

O texto foi revisado, atualizado, dois capítulos da versão original foram suprimidos e o último reescrito. A linguagem da obra foi adaptada para um público mais amplo, evitando citações longas, como também a reprodução da metodologia, típica de tese doutoral.

Como chave de leitura, a obra se divide em duas partes que não dialogam entre si. A ausência de diálogo entre elas é proposital, pois a primeira se volta aos profissionais de saúde e cientistas se digladiando pela glória da notoriedade referente à apresentação do melhor arcabouço teórico sobre o conceito de alcoolismo e de como controlar bebedores excessivos por reforma sanitária, enquanto, na segunda, os que bebem excessivamente em Beauce pouco se interessam por tais disputa e intervenção.

Como recurso estilístico, o autor desta obra, antropólogo, é colocado textualmente em terceira pessoa, para que o leitor possa sentir que ele também embarcou no *feeling* do momento dos que bebem excessivamente em Beauce, a partir da técnica do desconhecimento de si, isto é, uma estranha sensação de ultrapassagem da identidade de pesquisador para viver e fazer durar o *feeling* do momento com os outros no consumo excessivo.

Sou grato a Manon Boulianne, a Raymond Massé, a Sylvie Poitier, a Bruno Jean, a Marie-Andrée Couillard e a Esperanza Godoy pelas sugestões críticas ao original, se não pude seguir todas as críticas, não foi por falta de iniciativa. Um grande amigo quebequense, Gilles Ayotte, foi de fundamental importância na revisão do original em língua francesa. Não posso deixar também de mencionar meu ex-companheiro quebequense Jean-Philippe Guay, pelo apoio afetivo e pela compreensão de que o *feeling* dos que bebiam excessivamente em Beauce exigia de mim uma imersão etnográfica longe dele.

Agradeço ao Canadian Centre for Rural and Agricultural Health (CCRAH), pelo apoio financeiro, custeando esta pesquisa integralmente, e à Fapesb por subsidiar a publicação impressa desta obra para a edição brasileira.

Um especial reconhecimento aos meus alunos e colegas do curso de Medicina do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (IMS/UFBA) por me proporcionar ambiente agradável de estímulo à colaboração e ao Centro Baiano de Pesquisa em Antropologia Médica (CBPAM/UFBA), fundado e coordenado por mim, por oportunizar a colaboração multicêntrica com colegas médicos e antropólogos residentes no Brasil e no Canadá, engajados em antropologia médico-especulativa.

Por fim, à Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), que conduziu a preparação desta obra com tanto zelo, cumprindo rigorosamente todos os prazos da Fapesb.

Ville de Québec-QC,
Département d'anthropologie
Canadian Centre for Rural and Agricultural Health (CCRAH)
UNIVERSITÉ LAVAL

Vitória da Conquista-BA,
Centro Baiano de Pesquisa em Antropologia Médica (CBPAM),
Instituto Multidisciplinar em Saúde
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

19 de junho de 2024.

Introdução

A Beauce, na província de Quebec, no Canadá, estende-se entre dois rios que desaguam no rio Chaudière, formando um longo corredor meio triangular. Para o norte, a região faz fronteira com a capital da província, a cidade de Quebec, e ao sul com o estado americano do Maine, nos Estados Unidos da América (EUA). Para o oeste, a fronteira é com os condados de Lotbinière, dos Appalaches e de Le Granit, e para o leste, com os condados de Etchemins e de Bellechasse. A Beauce está situada na região administrativa de Chaudière-Appalaches. O vilarejo de Sainte-Brosse--de-Beauce[1], que será etnografado, possui 2.567 habitantes (Canada, 2011).

No vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce encontra-se um conceito frequentemente utilizado pelos bebedores excessivos, relacionado ao momento exato de quando se deve parar de beber, o que eles chamam de *feeling* do momento[2]. Tal conceito está associado a uma experimentação intensiva, quando da interação entre bebedores

---

1 Nome fictício sugerido pelos que bebiam excessivamente no vilarejo. Ele significa "Santa Bicada de Beauce" e faz referência a um trocadilho com a história do Quebec, em que a maioria dos vilarejos rurais daquela província tem nomes de santos católicos.

2 A expressão *feeling* do momento não é exclusiva da região rural da Beauce e não se reserva apenas ao consumo excessivo de álcool. Em levantamento preliminar sobre o uso da expressão, constata-se que

no beber excessivo, e ele se volta às sensações sedutoras (companhia atrativa, cerveja gelada, amizades, etc.) sentidas pelos bebedores em cada ocasião de consumo. Ele nada tem a ver com representações culturais, com dependência alcoólica ou com despesas econômicas associadas aos excessos no consumo. Esse conceito vem do fato de que cada bebedor, quando do intenso no encontro, não para de beber enquanto os outros não pararem também, em que o álcool, os copos, as mesas, as cadeiras e a música tocada também contribuem ativamente para a expansão e fim dessa intensidade. O bebedor excessivo é compreendido, assim, como aquele em que a "última" cerveja[3] (algumas cervejas a mais) é o excesso sob intensidade de interações para fazer durar um *feeling* do momento provisório.

A etnografia ocorreu entre 2013 e 2014, e este trabalho foi publicado originalmente em francês, no Canadá, em 2016, na modalidade tese doutoral, sendo adaptado e ampliado para um público mais amplo no Brasil. A etnografia considerou a questão das intensidades a cada vez que o antropólogo entrava em contato com os que bebiam excessivamente para tentar compreender o itinerário desse consumo, pois o pesquisador constatava que era uma exigência dos bebedores excessivos que se repetia a cada vez que ele bebia com eles. Eles exigiam que o antropólogo embarcasse no *feeling* do momento durante o beber excessivo.

Quando o antropólogo chegou em Beauce, uma grande quantidade de material tinha sido publicada na imprensa nacional sobre os "abusos" no consumo de cervejas daquela parte do país. Havia, sobretudo, uma considerável quantidade de relatórios de prevenção contra o dirigir alcoolizado. Esse contexto midiático, policial, sanitário e político, que estava diretamente encabeçado por uma cruzada científica contra os que bebiam excessivamente, suscitou reações negativas por parte dos habitantes de Sainte-Brosse-de-Beauce contra a presença de um pesquisador em campo[4],

---

ela é empregada em toda a América, incluindo o Brasil, e que não há uma data precisa para sua aparição.

3 Na região rural de Beauce, as bebidas fermentadas são as mais populares, mais especificamente a cerveja, devido à grande quantidade de microcervejarias artesanais na região.

4 Ainda nesse sentido, a etnografia do pesquisador chegou a ser matéria do *Jornal de Montreal*, de grande circulação na província, logo que jornalistas infiltrados foram assistir sua palestra pública sobre o conceito de *feeling* do momento em Beauce, em um congresso da

pois o antropólogo apresentava-se interessado no consumo excessivo local[5].

O conceito de cruzada científica foi inspirado em Howard Becker (1963), ainda que esse sociólogo tratasse de cruzada moral para situar cientistas americanos e outros segmentos da sociedade na luta contra as drogas, a pornografia, o consumo de cigarro e o alcoolismo. Ao caracterizar as cruzadas morais, Becker (1963) as dividia em dois tipos, a saber: as que estipulavam as normas e as que as faziam ser aplicadas. Ele citava várias cruzadas morais nas quais os cientistas faziam parte. Para esse autor, uma cruzada podia obter grande sucesso pelo que pregava como mudanças na moralidade pública, fomentando o pânico moral[6], e por uma jurisprudência mais e mais restritiva, como foi o caso da cruzada contra a literatura pornográfica. O sociólogo ressaltava ainda que uma das consequências maiores de uma cruzada moral vitoriosa era a instauração de uma nova lei, de novos empregos especializados e de um novo conjunto legislativo e regulamentar, geralmente acompanhado de um aparato policial. Ele apontava, sobretudo, que toda cruzada moral teria uma "coloração humanitária", isto é, a intenção de "melhorar" comportamentos de certos grupos em nome do bem-estar da humanidade.

Por várias vezes, os habitantes de Sainte-Brosse-de-Beauce (os que bebiam excessivamente e os que não bebiam) aconselharam o antropólogo a executar a etnografia em outro vilarejo ou em outro país, acrescentando que o vilarejo deles não era lugar de consumo excessivo de álcool e que o antropólogo não teria nada a fazer por lá. Essas reações podiam ser explicadas por três razões: o receio que os habitantes do lugar tinham

---

Association Francophone pour le Savoir (ACFAS). Com o título sensacionalista "Les scientifiques étudient vraiment tout" ("Os cientistas estudam realmente tudo"), a matéria no jornal é evasiva sobre a conceituação do *feeling* e se reserva a trechos desconexos da palestra do pesquisador sobre a moralidade da sociedade quebequense quanto aos excessos no consumo de álcool em Beauce (Lachance, 2015).

5 Algo análogo ocorreu na etnografia de Jeanne Favret-Saada (1981, 1985), quando a antropóloga etnografou a bruxaria no Bocage rural francês. Sou grato a Jeanne Favret-Saada pelo envio de material impresso, durante a escrita deste livro, e por prontamente responder meus *e-mails* sobre o se deixar ser afetado em etnografia.

6 Por pânico moral, a inspiração é de Stanley Cohen (2011): drama, emergência e crise; exagero; valores ameaçados; um objeto de preocupação, ansiedade e hostilidade; forças do mal ou pessoas a serem identificadas e paradas; o sentido eventual do episódico e transitório etc.

que uma pesquisa científica sobre o consumo excessivo de cerveja local pudesse reforçar a imagem do vilarejo, associando-o ao alcoolismo; o temor que essa imagem pudesse fomentar as políticas de prevenção, sobretudo o aumento do número de *blitzs* nas estradas da região; e, por fim, o medo que a imprensa regional e nacional pudesse servir dos resultados da pesquisa de forma sensacionalista. No mais, esse trauma vinha do fato que o prefeito do vilarejo tinha sido vítima de jornalistas que se fizeram passar por pesquisadores, sanitaristas e cientistas, para estudar a cultura local enquanto eles procuravam, na verdade, se informar sobre quais eram os reais gastos da prefeitura associados ao consumo de cerveja em eventos públicos[7]. Rapidamente, o antropólogo compreendia o porquê da presença de um pesquisador interessado no beber excessivo local era tão traumatizante.

Nos bares, o antropólogo seguiu a intensidade dos excessos, porém, ele ignorava, inicialmente, quais eram as estratégias dos que bebiam excessivamente para escapar de uma sociedade de controle, no caso a sociedade quebequense, e, especialmente, dos sanitaristas que vieram antes dele para aplicar pesquisas qualitativas e quantitativas no vilarejo, munidos de longos questionários estruturados e semiestruturados, versando sobre a quantidade de copos de cerveja que cada habitante do lugar consumia por ocasião, para depois, com os resultados, preveni-los do alcoolismo. O antropólogo desconhecia, ainda, que os jornalistas tinham estado no vilarejo para excitar uma imprensa sensacionalista ávida em fundar preconceitos, fazendo rir, pejorativamente, a sociedade quebequense da conduta dos "festeiros" beaucerons, conduta associada ao consumo excessivo de cerveja, mostrando, assim, que o alcoolismo havia fincado raízes profundas em Beauce.

Era incompreensível para o antropólogo, no início do trabalho de campo, o porquê de tantas assertivas sarcásticas contra sua etnografia por parte dos bebedores excessivos locais: "*Anota aí, meu amigo! Eu bebo três cervejas por dia, hahaha!*" ou "*Não se bebe cerveja em Sainte-Brosse-*

7 Para preservar o anonimato do vilarejo, foram excluídas as várias reportagens escandalosas no *Jornal de Quebec*, no *Jornal de Montreal*, no *Jornal Le Soleil*, no *Jornal Le Devoir*, no *Jornal La Presse* e em *Beauce.com* sobre a despesa da prefeitura de Sainte-Brosse-de-Beauce com grandes eventos regados a álcool.

-de-Beauce, hóstia, hahaha!"[8]. No mais, alguns bradejavam para dar esse tipo de informação para que todos do bar pudessem ouvir sem que fosse posto para eles qualquer pergunta sobre o tema. Essas assertivas sarcásticas criaram uma distância entre o grupo dos que bebiam excessivamente e o antropólogo, no início da etnografia, e somente as garçonetes eram sociáveis para com o pesquisador. Com o passar do tempo, o antropólogo descobriu que a sociabilidade das garçonetes estava associada à procura de informações sobre sua etnografia, no intuito de passá-las para seus clientes.

As garçonetes relembravam a todo momento aos seus clientes, principalmente durante as primerias semanas de trabalho de campo, que o pesquisador tinha vindo para o vilarejo para escrever um relatório sobre condutas excessivas. Essa insistência das garçonetes era irritante para o pesquisador, pois a cada vez que uma aproximação entre ele e os clientes do bar era possível, elas logo advertiam: "*Atenção, ele vai escrever um relatório sobre os teus excessos!*". Cada cliente do bar revelou, sem que o pesquisador os colocasse a questão, que nenhum deles era alcoólatra, mas que nos bares dos vilarejos vizinhos estavam cheios deles. Para que os clientes do bar chegassem a um certo nível de confiança no antropólogo, eles propuseram que o pesquisador se deixasse conduzir pelo *feeling* do momento, logo, pelo beber excessivo em coletivo. Pouco a pouco, após imersão do antropólogo no *feeling* do momento, os clientes do bar passaram a apresentá-lo aos outros clientes que adentravam ao bar como um *chum de gars* ("um amigo de longa data").

Os clientes do bar explicaram ao antropólogo que eles estavam surpresos em ver um pesquisador bebendo regularmente 12 horas por dia nos bares locais, pois estavam habituados a pesquisadores que não bebiam, que aplicavam questionários e que promoviam um certo conceito de "saúde ampliada", associado à moderação, sob demanda do Ministério da Saúde, e bem distante do *feeling* do momento.

O antropólogo procurou também compreender o fluxo de informações contraditórias sobre o número de cervejas consumidas que cada cliente do bar frequentemente dispunha. Essa frequente contradição

---

8 Desde a Revolução Tranquila, nos anos 1950 e 1960, em que os intelectuais quebequenses nacionalistas começaram a criticar a Igreja Católica, palavras que antes eram sacras como "hóstia" (*ostie*), "cálice" (*calisse*), "Cristo" (*Chirst*), "tabernáculo" (*tabarnak*), entre outras, passaram a ser termos pejorativos ou palavrões na linguagem corrente.

centrava-se na estratégia que resultava em se deixar enganar, voluntária e temporariamente, e enganar o antropólogo, sendo que o pesquisador precisaria também se deixar enganar, voluntária e temporariamente, sobre o número exato de cervejas consumidas durante o *feeling* do momento em coletivo. Em várias ocasiões, o antropólogo bebeu com bebedores excessivos nos bares, mas também nas garagens das casas deles, no vestuário dos jogadores de hóquei amador, em cabanas na floresta, nas estradas da região, em vilarejos vizinhos etc. Foi notado que os que bebiam excessivamente costumavam beber em coletivo uma série de cervejas em cada ocasião.

Foi perguntado pelo pesquisador, em várias ocasiões, o que eles entendiam por "última" cerveja, essa última que não chegava até o momento em que ela chegava sem que eles dissessem que se tratava mais da última. Eles disseram que se travava daquela que permitia continuar a "*prendre une brosse*" ("tomar uma") alguns minutos ou algumas horas a mais, em um encontro sustentado pelas intensidades de grupo, se somente se a conversa fosse agradável e a cerveja apetitosa. A "última" cerveja (algumas a mais) era a "última" que retardava um pouco mais o *feeling* do momento no beber excessivo. Ela era a intensidade do momento, pois os que bebiam excessivamente não sabiam de antemão se eles iriam provar o mesmo *feeling* do momento em uma próxima ocasião ou mesmo se haveria a possibilidade de experimentar um novo *feeling* em outro momento[9]. Após a "última" cerveja, o *feeling* do momento esvaia-se. Por intensidade dentro do *feeling* do momento, eles entendiam as trocas de sensações, de afetos entre eles, e o conforto advindo das cadeiras, das mesas, da calefação, da música ambiente e do álcool e que era sentido em coletivo.

A intensidade no *feeling* do momento se endereçava aos corpos dos que bebiam excessivamente – ao sistema nervoso, aos movimentos vitais e aos instintos: os que bebiam excessivamente adquiriam corpos que

---

9 Em *Abecedário*, na seção "B de bebida", Gilles Deleuze (1996) conceitua o último copo da ocasião como aquele que permite o alcoólatra não chegar ao porre ou ao hospital no beber excessivo, para que ele possa recomeçar a beber no dia seguinte. No caso do fenômeno do *feeling* do momento, é impossível prever se haverá um no dia seguinte, mesmo o bebedor excessivo tendo vivido um *feeling* hoje sem chegar ao porre ou ao hospital. Isso significa que cada *feeling* do momento é único, depende das intensidades em jogo no momento em que se vive.

suportavam essas séries de cervejas para ter essa sensação alegre em coletivo. O foco era o intenso que se manifestava logo que eles estavam em grupo provando o *feeling* do momento. Nessa dinâmica, tudo se resumia à traição de si mesmo que aparecia quando se provava o *feeling* do momento, quando os que bebiam excessivamente passavam a proferir contraditos sobre o número de cervejas que eles bebiam: "*Somos bebedores de final de semana!*", ao mesmo tempo que eles bebiam em plena quarta-feira; "*A próxima é a 'última'!*", ao mesmo tempo que eles bebiam umas a mais, entre outros.

No momento em que o antropólogo perguntou quantas cervejas por dia eles bebiam, eles respondiam que bebiam duas ou três, mas não contavam as cervejas no momento que eles bebiam. Muitos jogadores de hóquei amador diziam também que não bebiam antes das partidas de hóquei, pois levavam o esporte a sério, ao mesmo tempo que bebiam no bar antes da partida. Outros bebedores disseram ainda que não se lembravam se tinham bebido no dia anterior ao mesmo tempo que o antropólogo estava com eles bebendo no dia anterior.

Mesmo quando o antropólogo esteve imergido no *feeling* do momento com eles, os que bebiam excessivamente continuavam a fornecer informações contraditórias para o pesquisador. No início, era incompressível, para o pesquisador, a regularidade dessas informações contraditórias que deixavam sua etnografia bem confusa, pois uma vez dentro do *feeling* do momento, o fato de se enganar, voluntária e temporariamente, e enganar os outros sobre o número de cervejas consumidas em grupo, sendo que esses outros também se deixavam enganar voluntária e temporariamente, continuava a orientar o consumo excessivo em cada ocasião. Após o antropólogo beber frequentemente com eles, ele foi compreendo que o ato de se enganar, voluntária e temporariamente, enganando também os outros, era uma das estratégias que permitia viver o *feeling* do momento no beber excessivo em coletivo.

O grupo de bebedores excessivos não era exclusivo de Sainte-Brosse-de-Beauce, pois, ao beber nos bares do vilarejo, o antropólogo percebeu um fluxo considerável de bebedores que se deslocava de vilarejo em vilarejo em busca de novidades. Por novidades, os que bebiam excessivamente entendiam a busca de novas aventuras nos bares do vilarejo ou em bares da região. A influência do *feeling* do momento, nesses locais, abria-se

para uma metamorfose do espaço-tempo a cada ocasião, a cada cerveja consumida em grupo.

Como o antropólogo não era sequer um bebedor regular, logo chegou ao porre por muitas vezes nos bares do vilarejo, pois bebia mais rápido do que os que bebiam excessivamente, achando que acessaria o *feeling* do momento em poucos minutos. Após vários porres, o antropólogo perguntou aos que bebiam excessivamente quando estes iriam chegar a eles também. Eles começaram a rir do pesquisador, acrescentando que o antropólogo era um "inocente", pois ninguém desejava cortar o *feeling* do grupo chegando ao porre.

Após vários porres do pesquisador nos bares do vilarejo, em tentativas frustadas de iniciar com a etnografia, ele começou, cada vez mais, a traçar uma orientação sobre a maneira de como acompanhar quem bebia excessivamente no *feeling* do momento. Ele aprendeu a lição dos bebedores excessivos que argumentaram que o problema era que o antropólogo tinha se deixado dominar pelo efeito do álcool, pensando que deveria beber mais rápido para ficar sociável para com quem bebia excessivamente, e que esse comportamento, atípico de um pesquisador, era, para os que bebiam excessivamente, engraçado, pois apelativo. Os que bebiam excessivamente passaram, assim, a dar conselhos ao antropólogo para que ele pudesse viver um *feeling* do momento nessas séries de cervejas em Beauce. Um entre eles assinalou: "*Meu amigo, nada de estresse! A gente sabe que você não é um bebedor de álcool! A primeira coisa a fazer é aprender a suportar o efeito do álcool no corpo. Se você sentir que estar próximo do porre, é parar de beber por esta noite, evidentemente!*". Um outro bebedor acrescentou: "*Brasileiro* [antropólogo]*, um* boy *que fica de porre todos os dias não interessa a ninguém!*". Finalmente, um terceiro sintetizou: "*Meu camarada, pare de beber rápido. É simples!*".

Depois de seguir as primeiras orientações[10], o antropólogo foi pego pelo *feeling* do momento coletivo nessas séries de cervejas rumo à "última" em cada ocasião. No momento em que embarcou no *feeling* do momento, os que bebiam excessivamente começaram a ter confiança nele, confiando assim as principais questões que eles colocavam para eles mesmos no momento em que eles esperavam a próxima cerveja,

10 Algo análogo pode-se encontrar nas obras de Carlos Castañeda (2007, 2008, 2009, 2012).

fazendo lembrar, e rindo, ao antropólogo, que cedo ou tarde ele também faria as mesmas questões a ele mesmo sobre tal incerteza. Eis, pois, as questões: "*O que pode se passar se bebo uma com você?*" ou "*A próxima será a última que beberei com você?*", ou ainda "*Será que suporto beber mais uma com você?*". Eles disseram ainda que essas questões surgiam na cabeça deles a cada vez que eles terminavam de beber uma cerveja para beber a próxima com alguém no *feeling* do momento. Tratavam-se de questões associadas ao conceito de limite.

No mais, os que bebiam excessivamente disseram que eles colocavam tais questões em segredo para eles mesmos no *feeling* do momento. Eles acrescentavam que, conhecendo a "ingenuidade" do antropólogo em relação ao consumo excessivo de álcool, ele deveria aprender imediatamente que externar esse nível de questão a alguém vivendo o *feeling* do momento poderia interromper essa sensação, pois tratava-se, segundo eles, de beber para "*se faire du fun*" ("se fazer festeiro") com os outros e não para passar toda a noite a se interrogar se suportaria uma cerveja a mais.

Os bebedores excessivos disseram que não estavam interessados em externar as razões que os levavam a beber excessivamente quando eles estavam em grupo e que era somente em razão da presença do antropólogo – que eles consideravam um *chum* ("amigo") – que eles falavam sobre esse tipo de problemática, e apenas antes que o antropólogo e eles pudessem, juntos, viver um *feeling* do momento.

Essas questões quanto à incerteza da próxima cerveja rumo à "última" vinham da prudência relativa – a atenção em se distrair para que a ocasião seja alegre – que era muito importante para os que bebiam excessivamente em coletivo. Por várias ocasiões, eles eram prudentes em não desfazer o *feeling* do momento enquanto bebiam em companhia que lhes proporcionava alegria. Era necessário fazer um esforço ao nível do corpo, da sociabilidade e da intensidade, em se distrair para não desfazer o *feeling* do momento bruscamente, pois o que contava era fazer durar a "última" cerveja (o limite), em que a prudência relativa era posta em prática. No mais, as inquietudes quanto à incerteza da próxima cerveja, o que se exprimia por questões relativas à capacidade dos corpos de suportar ou não sua chegada, deu lugar a uma metaestabilidade da quase parada sobre essas séries de cervejas em Beauce, como logo se verá.

Portanto, será questão da medida da quantidade intensiva logo que os que bebiam excessivamente viviam um *feeling* do momento em coletivo.

Tratava, assim, de medir o número de cervejas consumidas por cada bebedor juntamente com a quantidade intensiva em *feeling* do momento e que determinava o número de cervejas também consumidas em grupo. Para medir a quantidade intensiva de um grupo de bebedores excessivos, dois tipos de quantidades diretamente associadas a esse consumo foram consideradas, a saber: a quantidade etílica consumida por cada um, o que inclui os não humanos em interação no corpo humano – o malte, o lúpulo e a levedura, todos transformados em álcool e seu efeito, interagindo no sangue, nos órgãos e na microbiota humana; e a quantidade intensiva (as intensidades) em grupo. Por quantidade intensiva, o período durante o qual grupos de bebedores excessivos mediam a intensidade do momento que eles passavam em companhia uns dos outros sob efeito do álcool, logo que eles eram afetados pelo *feeling* do momento no beber excessivo.

A medida da quantidade intensiva tinha a ver com a necessidade de superação do consumo pessoal de cada bebedor. Ela era muito delicada a medir e era inútil tentar obstrui-la por políticas de prevenção sanitárias destinadas a conter o *feeling* do momento para a prevenção do alcoolismo, pois o *feeling* do momento só durava o tempo imprevisível das quantidades etílica e intensivas. Ele não durava que o tempo do encontro alegre entre os que bebiam excessivamente.

PARTE I

A cruzada científica contra **o alcoolismo**

CAPÍTULO 1

O nascimento do mal

A etimologia do vocábulo *mal* apresenta uma ambiguidade, pois ela se associa tanto ao demônio nas igrejas católica e evangélicas, quanto ao conceito de doença em medicina. O conceito de *mal*, professado na Inglaterra pela Reforma Protestante para nomear o mal (demônio) causador da desordem moral da loucura voluntária da embriaguez no século XVII, foi reformulado pela medicina, na Suécia, para se referir ao mal do alcoolismo no século XIX.

A raiz etimológica do vocábulo *malade* ("doente", em francês) carrega em si o mal. "Doença", do latim *male habitus,* significa alteração no estado de saúde, enquanto o vocábulo *malignidade* faz referência ao caráter insidioso de uma infecção que se traduz por sintomas inabituais e uma evolução (Dictionnaire, 2001). Por sua vez, o vocábulo *maligno* circunda o neoplasma se infiltrando nos tecidos vizinhos e ocasionando a metástase. Essa curiosa recorrência do vocábulo *mal* em medicina não é fortuita: ela provém da formação religiosa, sobretudo cristã, que receberam inúmeros médicos quando fundaram a medicina moderna no século XVIII, substituindo o cuidado cristão pela assistência em medicina.

O mal do alcoolismo é recorrente em diferentes períodos históricos no Ocidente e associado a uma série de discursos normativos e ambivalentes sobre o consumo excessivo de álcool. Na passagem dos discursos da Idade Média aos discursos científicos contemporâneos, os valores da tradição popular foram recuperados para enquadrá-los nas práticas dos que bebiam álcool sobre uma base de uma quantidade de álcool a ser consumido compatível com a saúde, com os valores da sociedade, com as despesas econômicas, com a ordem cultural e com o imaginário social. Assim, o imaginário ocidental do consumo excessivo de álcool (abusos, excessos, falta de responsabilidade, esquecimento dos deveres, dependência, entre outros) constituiu uma imagem simbólica dos usos desse produto a partir de valores que eram a ele associados, fazendo um paralelo com essa experiência de consumo: o demônio, a embriaguez, a desordem moral, a loucura, o mal do alcoolismo. Esses elementos eram repletos de valores morais que se encontravam frequentemente nas prescrições médicas, na tradição popular e, mais recentemente, em textos antropológicos[1].

Michel Foucault (1978) foi quem apresentou a "gestão do mal"[2] na medicina francesa, introduzindo-a na clínica no início do século XVIII, quando da substituição da pergunta feita pelos médicos aos pacientes "O que tu tens?" por outra "Onde te faz mal?"[3], abrindo o diálogo do médico e do doente a uma nova gramática e estilo próprio. Magnus Huss, um médico militar evangélico de origem sueca, inventor do alcoolismo crônico em 1849 e que considerava também ele um mal, adotou para si a

---

1 Por exemplo, em 1984, o antropólogo australiano Robin Room publicava um artigo intitulado "Alcohol and ethnography: a case of problem deflation?", no qual criticava o modelo vigente cultural-funcionalista dos antropólogos do alcoolismo. Ele insistia sobre a periculosidade do alcoolismo (dependência, doença crônica, morte, entre outros) e considerava que ela era subestimada e negligenciada pelos *Alcohol Studies* anglo-saxões.

2 É importante situar que o termo *mal,* associado à doença em medicina, é mais presente em língua francesa do que em língua portuguesa, como em expressões francesas: *mal au dente* = dor de dente, *mal au cœur* = dor no coração, *mal à la tête* = dor de cabeça etc.

3 Annemarie Mol (2002, 2006), ao etnografar um hospital na Holanda, apontou a importância do diagnóstico médico a partir da identificação da localização das doenças no corpo humano, sobretudo levando em consideração as queixas de pacientes nas consultas. Porém, a questão linguística aparece novamente aqui. Ao invés da pergunta que funda a clínica moderna francesa "Onde te faz mal?" ("gestão do mal"), Mol aponta que o médico holandês pergunta "Onde dói?", para que o diagnóstico seja preciso e para que o médico possa encaminhar o paciente ao tratamento adequado.

postura em que o excesso, no consumo de bebidas destiladas, era explicado por uma mescla do discurso biomédico com julgamentos de ordem moral e cristã. Huss reuniu em cruzada científica contra o mal do alcoolismo, que ele mesmo inventou, vários médicos europeus e americanos, cientistas sociais, regiliosos, sanitaristas, certas classes da sociedade civil e os governos ocidentais.

Na metade do século XIX, em cruzada científica em nome de Deus, da família, da humanidade, do seu vilarejo natal e da Suécia, Huss começava a medir a quantidade de álcool nos corpos dos pacientes pobres internados nos hospitais públicos de Estocolmo e que ele considerava como bebedores excessivos. Tendo descoberto os efeitos da bebida destilada no corpo humano, o médico sueco classificava tal descoberta de alcoolismo crônico. Para ele, o alcoolismo era associado à ausência de moral e de fé de certa classe de bebedores.

A descoberta do alcoolismo pelo sueco, que mesclava o discurso biomédico com julgamentos de ordem moral e cristã, cobriu toda a Europa e a América tempos depois. Governos, moralistas, cientistas, médicos, sanitaristas e economistas, tendo conhecimento de tamanha descoberta desconcertante, começavam a se inquietar do progresso do alcoolismo em seus países. A propagação rápida das ideias de Huss vinha do fato que se constatava que essa nova doença assolava todo o Ocidente: todas as instituições da sociedade – Estado, direito, Igreja, ciência, movimentos de temperança, sanitários, entre outros – começavam a lutar contra o mal do alcoolismo, seguindo o exemplo da luta já consolidada contra o mal da tuberculose (Bernard, 1984; Sournia, 1986).

Porém, uma característica singular persistia na luta contra o mal do alcoolismo: os que bebiam excessivamente não eram doentes como os outros porque o alcoolismo não era causado por uma bactéria ou por um vírus, mas, antes mesmo, pela conduta deliberadamente excessiva. Essa especificidade do alcoolismo será o elemento-chave que permitirá abrir espaço institucional e colaborativo aos estudos interdisciplinares em ciências humanas e sociais.

Essa cruzada científica teve seu início na aparição do modelo biomédico do século XVIII como o principal argumento racional que permitiu dar voz a essa empreitada, expondo os principais elementos que contribuíram ao discurso da medicina, na Inglaterra, a substituir progressivamente o discurso da Reforma Protestante do início do século XVII. É válido ressaltar

que o discurso moral sobre a excessividade não era exclusivo dessa cruzada científica: Foucault (1984) já demonstrava como a questão moral dos excessos estava presente desde a Grécia Antiga. Para esse filósofo, a problemática moral das quantidades no consumo de comida, de bebida e nas relações sexuais colocava em jogo as forças naturais, estas que tendiam sempre a ser excessivas. Para Foucault[4]: "Questão do bom uso. Como disse Aristóteles: 'Todo mundo, em certa medida, usufrui do prazer da mesa, do vinho e do amor; mas, nem todos o fazem como convém'"[5]. Ora, o conceito de Aristóteles (1997), na *Ética a Nicômaco* (335 a 323 a.C.), era o de *mediania,* que apregoava que a medida correta nem era o excesso, nem a carência, mas o meio termo, o que será, em tempos modernos, inspiração para o conceito de moderação.

É no mínimo curioso que o século XXI continue sob influência da mediania aristotélica. As cruzadas científicas abertas contra os chamados "grupos de risco" vêm do fato que os excessivos não agem como convém para o bom uso dos corpos, da saúde, da sociedade, da economia e da cultura. São os casos dos portadores de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) associados ao grande número de parceiros; os usuários de drogas, as quais consumidas de forma excessivas destroem as células nervosas; os obesos e os anoréxicos que não sabem controlar sua própria alimentação de acordo com as quantidades calóricas cotidianamente recomentadas; os que dormem por mais de oito horas por dia, diminuindo a chance de obter um trabalho; as mulheres que amam demais[6], destruindo suas vidas e seus relacionamentos; as crianças e seus excessos com os *games*, prejudicando os estudos; entre outros.

Em finais do século XVII, na Inglaterra, as usinas recrutavam camponeses de toda parte do país e até do exterior, pois a mecanização da indústria exigia mão de obra em grande quantidade e um mercado competitivo. Assistia-se, portanto, a chegada massiva de uma população imigrante nas cidades de médio e grande porte. Com essa população,

---

4 Todas as traduções de citação são do autor.

5 "Question du bon usage. Comme le dit Aristote: 'Tout le monde, dans quelque mesure, tire du plaisir de la table, du vin et de l'amour; mais tous ne le font pas comme il convient'" (Foucault, 1984, p. 71).

6 Um bom exemplo sobre paixões excessivas é a obra clássica *Women who love too Much* de Robin Norwood (1985).

o estilo de beber com conterrâneos nos finais de semana nos cabarés e bares das cidades começava a causar um choque cultural na burguesia urbana. As elites urbanas reservavam a tais imigrantes os trabalhos mais pesados em que estes deveriam estar em boa forma para assumir as tarefas. O modo de vida (e de beber) desse tipo de trabalhador começava, assim, a preocupar as elites ansiosas pelo progresso industrial. O consumo regular de bebida destilada do camponês na cidade, este que passava boa parte de seu tempo a beber gim em tavernas, foi, pouco a pouco, compreendido como um problema econômico, pois um trabalhador embriagado ou com ressaca não poderia trabalhar direito.

No campo, o consumo excessivo de gim era comum: bebia-se excessivamente para celebrar a colheita, os camponeses frequentavam as tavernas dos vilarejos para encontrar familiares, amigos e beber, bebia-se após o trabalho e organizava-se festas em que a venda de gim ajudava a financiar a construção de igrejas e capelas (Nicholls, 2009). O gim era a bebida destilada preferida dos camponeses ingleses e a maioria deles o bebia frequentemente, além de ser também um exemplo de avanço tecnológico, pois ele passava, pouco a pouco, de um modo de produção artesanal ao industrial. Orgulho de uma Inglaterra rural em transição, o gim era uma verdadeira paixão nacional (Monti, 2014).

A aristocracia urbana e rural apreciava também o consumo excessivo, porém não reservado às bebidas destiladas, mas às bebidas fermentadas, no caso o vinho e a cerveja; os aristocratas imitavam a maneira de beber dos nobres[7]. O consumo excessivo de bebidas destiladas dos camponeses pobres nos finais de semana e a embriaguez durante o trabalho nas usinas começavam a inquietar o clero anglicano. Para ele, esses pobres que bebiam destilados em excesso não podiam trabalhar para a edificação da Obra de Deus porque eles se entregavam ao vício e ao pecado. Para François Monti:"Um bispo da Igreja Anglicana dirá sem cessar: é para o trabalho que

---

7 Para Jean-Charles Sournia: "Se muitos nobres, políticos e intelectuais eram bem conhecidos por sua intemperança no consumo de vinho e de cerveja, apenas a intemperança dos pobres com bebidas destiladas era perigosa para o futuro da nação". Do original: "Si beaucoup de nobles, de politiciens, d'intellectuels étaient connus pour leur intempérance, celle des pauvres était dangereuse pour la vie de la nation" (Sournia, 1986, p. 38).

Deus criou os pobres! Mas se as coisas continuam nesse ritmo, não haverá mais trabalhadores, apenas beberrões"[8].

O clero irá, portanto, denunciar os excessos cometidos pelos pobres com o consumo de gim. No discurso do clero anglicano, a desordem moral da loucura voluntária da embriaguez era causada pelo demônio que levava à desmedida e ao relaxamento dos modos. A Igreja Anglicana classificava o consumo excessivo de bebidas destiladas como uma espécie de gula, um dos setes pecados capitais catalogados por São Tomás de Aquino (Nourrisson, 1990).

Na Inglaterra, era percebida a influência da Reforma Protestante sobre a vida do camponês pobre que migrou para a cidade. Max Weber (1964) apontava que tal reforma não significava a eliminação do domínio da Igreja na vida de todos os dias, pois ela constituía, pelo contrário, a substituição de uma nova forma de dominação por outra. Ela significava a substituição de uma autoridade extremamente relaxada, praticamente inexistente à época, por uma outra que penetraria todos os domínios da vida pública ou privada, impondo uma regulamentação da conduta infinitamente mais pesada e severa[9].

Tratava-se de uma mudança importante na moral cristã da Idade Média, onde a antiga contemplação a Deus nos mosteiros católicos isolados passava a ser substituída por uma concepção de trabalho cotidiano dos fiéis protestantes dentro das usinas como representando o sacrifício que os permitiria ter acesso ao Éden. Sob o auspício da Reforma, o trabalho, associado à vocação e à sobriedade, tornava-se uma obrigação moral e cristã.

---

8 "C'est pour le travail que Dieu a créé les pauvres! Mais si les choses continuent au même rythme, il n'y aura plus de travailleurs: il n'y aura que des soûlards" (Monti, 2014, p. 15-16).

9 Para Friedrich Nietzsche: "*César Bórgia como papa*... Compreendem-me? Pois bem, *essa* teria sido a vitória pela qual hoje anseio -: com ela o cristianismo estaria *abolido*! – O que aconteceu? Um monge alemão, Lutero, foi a Roma. Esse monge, tendo nele todos os instintos vingativos de um sacerdote fracassado, indignou-se em Roma *contra* o Renascimento... Em vez de, profundamente grato, compreender a enormidade que acontecera, a superação do cristianismo em sua *sede* – seu ódio soube apenas extrair seu alimento desse espetáculo. Um homem religioso pensa apenas em si. – Lutero viu a *corrupção* do papado, quando justamente o contrário era evidente: a velha corrupção, o *peccatum originale,* o cristianismo já *não* estava na cadeira do papa! Mas sim a vida! Mas sim o triunfo da vida! Mas sim o grande Sim a todas as coisas belas, elevadas, ousadas!... E Lutero *restaurou* a Igreja: ele a atacou..." (Nietzsche, 2016, p. 77).

A partir da Reforma Protestante, o ideal de um homem sóbrio, que trabalhava para edificar a Obra de Deus, representava o caminho rumo ao Éden. Os operários das fábricas deveriam ser seguros de si, sacrifício ofertado a Deus, quanto às suas economias, às suas condutas e às suas obrigações morais e cristãs, se transformando, assim, em bons operários da Providência Divina. O prazer e o gosto por aventuras, por sua vez, deveriam ser substituídos pela moral da sobriedade, a única que conduziria mulheres e homens a Deus, estes que deveriam ser perspicazes e inteiramente devotados a sua tarefa, professando opiniões severas e sob estritos "princípios burgueses" (Weber, 1964). Tratava-se de uma nova moralidade aplicada ao controle das condutas individuais.

O trabalho viria, portanto, para a glória de Deus. Os operários deveriam cumprir com a tarefa a qual eles eram predestinados: adquirir confiança em si mesmo, trabalhar sem descanso, tudo para dissipar a dúvida religiosa dando a certeza da graça (Weber, 1964). Homens e mulheres, protestantes e sóbrios, que asseguravam a eles mesmos sua própria saúde, formavam a "comunidade dos eleitos"; o condenável na Reforma era o repouso, os gastos de tempo desnecessários e a lúxuria, com esta última sendo, sobretudo, um perigo, porque mulheres e homens poderiam gastar o tempo precioso com coisas inúteis em uma vida breve que deveria ser dedicada exclusivamente a Deus.

Pouco a pouco, a ética protestante foi se transformando em princípios utilitaristas laicos que fundariam o espírito do capitalismo (Weber, 1964). Ela deixou, no final do século XVII, na Inglaterra, o ideal de um operário sóbrio, racional, aquele que era capaz de trabalhar. Nesse cenário, todos os operários que bebiam gim de maneira excessiva passavam a ser percebidos como representando uma ameaça contra esse ideal de sobriedade.

No Parlamento britânico, o clero e a burguesia nascente formavam aliança para denunciar o fato de que o consumo excessivo de gim representava um perigo para os trabalhadores. O desafio inicial consistia em demonstrar que o gim, produto nacional e um dos motores da economia britânica, era incompatível com o trabalho nas usinas. Intelectuais e membros do clero anglicano discursavam sobre os problemas associados ao consumo excessivo de gim que levaria à embriaguez, à intoxicação, ao pecado, à fraca rentabilidade dos trabalhadores nas usinas, aos acidentes no trabalho, ao aumento da pobreza e ao crime. Assim, o *Gin act,* de 1729,

impunha altas taxas de imposto para essa bebida, com intuito de limitar o consumo[10].

James Nicholls (2009), ao tratar da política da sobriedade na Inglaterra, de meados do século XVIII, apontava que as *coffee houses* e as *alehouses* exerciam um papel importante em uma sociedade sob controle e que praticava distinções de classes. As *coffee houses* eram frequentadas pelos novos burgueses e, nessas casas, encontravam-se intelectuais (economistas, políticos, médicos, sanitaristas e artistas) que se reuniam para discutir o futuro da Inglaterra em plena industrialização. Em contrapartida, as *alehouses* eram frequentadas pelos imigrantes pobres que vieram se estabelecer e trabalhar nas grandes cidades. Eles encontravam, nesses espaços, seus conterrâneos ou faziam novos amigos para longas noites regadas a gim e, muitas vezes, procuravam oferta de emprego.

Na Inglaterra do século XVIII, a aristocracia tradicional se transformava, pouco a pouco, em uma burguesia intelectualizada. A nova classe se reunia nas *coffee houses* para debater calorosamente sobre os ideais de progresso, de racionalidade e de modernidade, reuniões essas que começaram a preocupar a nobreza e o clero. Segundo Nicholls (2009), as *coffee houses* não eram, por definição, um lugar para quem bebia gim excessivamente. Os apreciadores de café argumentavam que, mesmo que o café fosse um estimulante, não era intoxicante, e que nas *alehouses* só se encontravam bêbados. As *coffee houses* serviam, portanto, como mote de uma burguesia intelectualizada "sóbria" que cada vez mais aumentava seu poder político em uma Inglaterra em transição, no mesmo momento em que a nobreza e o clero consideravam o gim como uma bebida anárquica que "assolava" a cabeça dos pobres.

Nos discursos da burguesia intelectualizada, que se estimava sóbria e racional, os dados estatísticos serviam para estabelecer que os camponeses pobres imigrantes estavam trabalhando precariamente, porque

---

10 Para Monti: "As taxas aumentaram de maneira drástica: a licença para poder vender o gim passou a custar mais cara que a renda anual da maioria dos comerciantes!". Do original: "Les taxes sont augmentées de manière drastique: rien que la licence pour pouvoir vendre de l'alcool au détail coûte plus cher que les revenus annuels de la plupart des commerçants!" (Monti, 2014, p. 16).

eles vivam bêbados[11]. Assim, o consumo excessivo de gim se intensificava pouco a pouco. As noções de pobreza e embriaguez eram associadas aos operários provindos de áreas rurais e as elites urbanas propagavam a ideia de que o comportamento dos novos cidadãos que se entregavam à embriaguez levaria ao crime. Foi assim que o problema do consumo excessivo de gim chamou a atenção dos médicos; estes podiam, então, tirar proveito aumentando sua própria clientela e irão, por sua vez, escrutar, mais e mais, o corpo humano em busca das causas desse fenômeno.

A sobriedade, conceito empregado inicialmente por puritanos e pela burguesia intelectualizada britânica, passava a integrar, pouco a pouco, o vocabulário médico. Doravante, os médicos passariam a tratar e a cuidar dos trabalhadores imigrantes no intuito de melhorar a produtividade nas usinas. No mais, os psicólogos entraram no jogo argumentando sobre a moral pública no trato do consumo excessivo de gim e os romancistas da época passaram a escrever sobre as confissões dos bêbados[12], estas cheias de paixões desmedidas associadas aos crimes cometidos por esse tipo de consumidor. Foi assim que surgiu o conceito de desrazão associado a esse gênero de consumo, ao mesmo tempo em que se desenvolvia a medicalização do problema (Foucault, 1976).

O discurso dos médicos para reforçar os discursos da burguesia intelectualizada, do clero e da nobreza se pautava no grande número de embriagados que se encontravam nos hospitais públicos repletos de pobres. Assim, os médicos conduziam o olhar da sociedade para um perigo visível que se encontrava também no coração dos centros hospitalares. Um dos debates nos hospitais era sobre como fazer para eliminar os "maus hábitos" do consumo excessivo de gim proveniente da classe trabalhadora. Os médicos se questionavam como inculcar em camponeses pobres, vindos se instalar nas cidades, o sentido da responsabilidade moral e a ideia de progresso de uma nação moderna guiada por um ideal de sobriedade.

---

11 Para Sournia: "Esta noção de embriaguez popular encontrou seu argumento científico na estatística e na demografia, pois estas duas ciências estavam se iniciando na Inglaterra". Do original: "Cette notion d'ivrognerie populaire trouvait des arguments dans la statistique et la démographie, car dans ces sciences l'Angleterre fut l'initiatrice de l'Europe" (Sournia, 1986, p. 38).

12 Por exemplo, os romances *Moll Flanders*, escrito por Daniel Defoe em 1722, *Roderick Random*, escrito por Tobias Smollett em 1748, e *The History of Tom Jones, a Foundling*, escrito por Henry Fielding em 1749.

O bem-estar da classe trabalhadora passava a preocupar a burguesia intelectualizada e os médicos de maneiras diferentes, no sentido em que a primeira se voltava antes de tudo para a moral pública, enquanto os segundos se centravam também sobre o corpo humano (Bernard, 1984; Sournia, 1986; Monti, 2014).

Ainda no século XVIII, com a "descoberta" do chamado "Novo Mundo", os médicos, os filósofos e os naturalistas se inteiravam das teorias raciais que circulavam em toda Europa. Carl von Lineu, botânico, zoólogo e naturalista, foi o precursor do racismo científico. Em 1758, ele apresentava o *Homo sapiens* em quatro subgrupos variados: *Europeaues, Asiaticus, Afer* e *Americanus.* Entre os anos 1775 e 1788, o filósofo Immanuel Kant publicava diferentes tratados sobre as raças humanas e o médico e antropólogo alemão Friedrich Blumenbach, por sua parte, introduzia a antropologia física e dividia, em 1795, a humanidade em cinco raças: mongol, ameríndia, caucasiana, malaia e africana. Nesse contexto, o conceito de doença, adquirido do consumo excessivo do álcool, tal como se entende na medicina de hoje, estava associado ao lugar de origem do bebedor excessivo, sua cor de pele, a envergadura do corpo, o peso e o tipo de bebida frequentemente consumida, se destilada ou fermentada, antes mesmo que da relação de causa e efeito que deu nascimento a medicina moderna do século XIX.

Philippe Pinel, médico francês, precursor da psiquiatria, foi um dos primeiros a procurar as causas da doença mental, no qual fazia parte o consumo excessivo de bebidas destiladas. Em seu *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la manie,* publicado em 1801, ele associava a mania às questões morais e raciais. Para Pinel: "A marcha progressiva das luzes sobre a característica e o tratamento da alienação mental se centra inteiramente nesta que seguimos para outras doenças, seguindo os graus mais ou menos avançados das civilizações dos povos"[13]. Esse médico francês classificava os "abusos" no consumo de bebidas destiladas como um tipo de alienação mental que ele irá nomear de "idiotismo". É válido ressaltar que a maioria dos pacientes que frequentava os asilos

13 "La marche progressive des lumières sur le caractère et le traitement de l'aliénation mentale se rapporte entièrement à celle qu'on a suivie pour les autres maladies, suivant les degrés plus ou moins avancés de la civilisation des peuples"(Pinel, 1801, p. III).

à época de Pinel era pobre e proveniente de áreas rurais, considerada, portanto, como raça inferior.

O clero, os movimentos de temperança e os governos passavam a consultar cada vez mais os médicos para combater a conduta dos que bebiam excessivamente bebidas destiladas. Os tratados médicos relativos a esse mal nascente foram objeto de uma primeira síntese por um médico britânico, Thomas Trotter. Em 1804, Trotter publicara *An essay, medical, philosophical, and chemical on drunkenness and its effects on the human body,* em que ele apresentava uma visão mais racional do mal dos que bebiam excessivamente bebidas destiladas. Para Trotter (1804, p. 1): "Inicialmente, relutou-se para pôr nas prescrições médicas tais doenças, estas que eram associadas de imediato ao espírito da luxúria: para todos os desvios de padrões de comportamento, não havia dúvida sobre a impureza de pretensões de quem faz uso de bebidas destiladas"[14]. Portanto, a luxúria, como impureza de pretensões de quem fazia uso de bebidas destiladas, provocava problemas psicológicos, mais especificamente o delírio. O médico britânico procurava a causa desse delírio nos órgãos humanos e apontava quais eram os grupos de bebedores excessivos, entre os trabalhadores, que eram mais vulneráveis a tal doença: as mulheres grávidas, as crianças e os pobres[15].

No que concernia às condições de trabalho do século XVIII, era corrente ver todos os membros de uma mesma família operária trabalhando nas usinas. Homens e mulheres adultos, crianças e idosos, em suma, famílias inteiras. Os médicos estavam preocupados com o bem-estar do

---

14 "Mankind, ever in pursuit of pleasure, have reluctantly admitted into the catalogue of their diseases, those evils which were the immediate off spring of their luxuries. Such a reserve is indeed natural to the human mind: for of all deviations from paths of duty, there are none that so forcibly impeach their pretensions to the character of rational beings as the inordinate use of spirituous liquors" (Trotter, 1804, p. 1).

15 Para Sournia: "Trotter foi um dos primeiros a declarar que a intemperança era uma das causas da loucura ao mesmo tempo em que víamos o aumento do número de casos nos hospitais, nos asilos, nas casas especializadas recentemente criadas para tratamento seguidos do aumento do crime, de doenças e do pauperismo (termo novo criado na Inglaterra nos anos 1830)". Do original: "Il [Trotter] fut l'un des premiers à déclarer que l'intempérance était l'une des causes de la folie dont on voyait augmenter le nombre des cas dans les hôpitaux, les asiles et les maisons spécialisées nouvellement créées, en même temps que l'on voyait croître le crime, la maladie et le paupérisme (terme nouveau crée en Angleterre dans les années 1830)" (Sournia, 1986, p. 40).

grupo vulnerável das mulheres grávidas, no sentido de assegurar a reprodução biológica de mão de obra para as usinas. Era também importante que elas estivessem sempre sóbrias, pois carregavam no ventre os trabalhadores que garantiriam o futuro da Inglaterra.

A partir do trabalho de Trotter, os estudos sobre os que bebiam excessivamente bebidas destiladas foram progressivamente sendo sistematizados e começava a ser executada a observação direta sobre os pacientes. No mais, o vocabulário médico modificava-se. Na literatura médica da época, falava-se, doravante, de uma classe trabalhadora e não de uma classe camponesa imigrante e pobre. Os médicos estavam interessados em classificar os que bebiam excessivamente bebidas destiladas como doentes, argumentando que o consumo excessivo causava também uma desordem na saúde.

O sucesso de Trotter deu-se pela demonstração de uma visão racional sobre o delírio dos que bebiam excessivamente bebidas destiladas, por meio de um olhar direcionado ao comportamento moral das condutas. Tratava-se de uma voz secular, compreendida como científica, esta que era de suma importância aos olhos dos intelectuais que frequentavam as *coffee houses,* pois a burguesia intelectualizada aderia voluntariamente às explicações racionais e não religiosas que se davam sobre a desordem moral da loucura voluntária da embriaguez, no intuito de tratar os pobres para que eles pudessem acessar os ideais da revolução industrial e do progresso. Os ideais de Trotter – médico que foi mesmo citado por romancistas europeus – foram, portanto, propagados em toda a Europa por meio de colóquios de medicina. Suas ideias foram traduzidas na França, na Alemanha, nos Estados Unidos, no Canadá e na Suécia, enfim, em todo Ocidente. Foi assim que se difundiu a ideia segundo a qual aquele que bebia excessivamente bebida destilada era delirante.

Nos Estados Unidos, o delírio dos que bebiam excessivamente bebidas destiladas, do qual tratava Trotter, ganhava um sentido todo particular. A luta de uma elite americana, construindo seu ideal republicando, procurou denunciar o perigo do consumo excessivo de bebidas destiladas entre negros e indígenas[16]. Foram, portanto, editadas leis que proibiam

16 Para Sournia: "Antes eram os negros, um escravo que bebe não poderia trabalhar direito, ele poderia se rebelar contra sua condição. O acesso às tavernas era interditado para eles e será até a abolição [...]. Quanto aos indígenas, diziam que eles não suportavam bebidas destiladas e se tornavam violentos: a venda de bebida era interditada". Do original:

o acesso às tavernas e à venda de bebidas para esse tipo de clientela. A elite americana – os pastores evangélicos, a burguesia intelectualizada, os sanitaristas e os médicos – formava uma nova cruzada contra o consumo de bebidas destiladas de negros e indígenas, imitando a cruzada contra o consumo excessivo de gim da classe trabalhadora, na Inglaterra.

O médico-chefe da armada americana, signatário da Declaração de Independência dos Estados Unidos, Benjamin Rush, leitor de Pinel, de Trotter e admirador das teorias raciais, irá apontar os perigos físicos e mentais associados ao consumo excessivo de bebidas destiladas entre certas raças na América, isto é, entre os negros e os indígenas. Para Rush: "Vemos os efeitos crônicos da bebida destilada sobre o corpo e a mente. No corpo, esses efeitos tornam-se doença aguda; eles excitam as pessoas mais predispostas às outras causas"[17]. As outras causas, das quais tratava Rush, eram a fraqueza dos homens e a compulsão[18].

Graças a seus trabalhos, Rush foi considerado o fundador da psiquiatria americana. Para o médico americano, o consumo excessivo de bebida destilada levava a pobreza, ao relaxamento da moral, à desordem social e à morte. Ainda com Rush: "Vemos a pobreza e a miséria, o crime e a infâmia, a doença e a morte, tudo isso é natural e é consequência do uso excessivo de bebidas destiladas"[19]. Rush associava também esse tipo de consumo excessivo à impotência sexual e à masturbação. Se os Estados

—

"C'étaient d'abord les Noirs; un esclave qui buvait ne travaillait pas bien, s'il s'enivrait l'idée lui venait parfois de s'élever contre sa condition. L'accès aux tavernes lui était proscrit, et le resta après son affranchissement [...]. Quant aux Indiens, on prétendait qu'ils ne supportaient pas l'alcool et devenaient violents: leur en vendre était interdit" (Sournia, 1986, p. 46-47).

17 "Let us next attend to the chronic effects of ardent spirits upon the body and mind. In the body, they dispose to every from of acute disease; they moreover excite fevers in persons perdisposed to them, from other causes" (Rush, 1812, p. 8).

18 Ainda com Sournia: "Rush preconizava o emprego de ameaças e de duchas frias e que a abstinência de bebida destilada pode levar à cura [...]. Ele queria construir casas de desintoxicação, asilos, 'sober houses', onde os que reincidiam seriam trancafiados até se curar". Do orginal: "Rush préconisait l'emploi de menaces puis de douches froides, l'abstinence de toute boisson alcoolique pouvant seule aboutir à la guérison. [...] Rush voulait construire des maisons de désintoxication, des asiles, des 'sober houses', où les récidivistes seraient enfermés jusqu'à guérison" (Sournia, 1986, p. 48).

19 "We see poverty and misery, crimes and infamy, diseases and death, are all the natural and usal consequence of the intemperance use of ardent spirits" (Rush, 1812, p. 13).

Unidos precisava de mão de obra, deveria evitar todo comportamento que freasse o crescimento populacional.

O consumo excessivo de bebidas destiladas tornava-se um problema sanitário por conta do desenvolvimento de uma economia industrial no século XVIII na Europa, mas também na América. Didier Nourisson (1990) citava o exemplo das "segundas-feiras santas" na França, que começavam a ser vistas como problemáticas. Essas segunda-feiras, também conhecidas como "segunda-feira azul", correspondiam a um feriado semanal e voluntário praticado por um grande número de operários que se juntavam nesse dia para beber excessicamente bebidas destiladas em tavernas.

O custo social do consumo de bebidas destiladas passava a ser cada vez mais elevado no sentido de produtividade da mão de obra para as usinas. Em 1820, surgia a higiene pública sob impulso de médicos ávidos em alinhar uma prática médica a um discurso moral sobre a classe trabalhadora. Os higienistas associavam pauperismo, condições de trabalho, prostituição, operários morando em alojamentos e queda na população ao beber excessivo de bebidas destiladas. Para eles, esse consumo excessivo era um vício restrito da classe trabalhadora (Nourrisson, 1990).

Nos hospitais, os médicos higienistas apontavam que o consumo excessivo de bebidas destiladas predispunha a apoplexia, isto é, uma hemorragia interna. O médico René Laennec comparava a cirrose do fígado, causada pelo excesso de bebida destilada, à tuberculose. O médico Pierre-François Olive Rayer substituía o termo *delirium tremens,* inventado pelo médico britânico Thomas Sutton, por *onomania*, uma espécie de mania causada pelo abuso de licores. Nessa época, o médico higienista Louis-René Villermé, um dos percursores da sociologia médica, considerado como um dos pioneiros da medicina do trabalho, tornava-se famoso.

Em 1837, a Académie des Sciences Morales et Politiques da França, preocupada com a economia material, a vida civil e a situação social dos trabalhadores das usinas no país, lançava um convite para que investigadores pesquisassem a situação da classe trabalhadora francesa. Foi assim que Villermé recebeu o convite para dirigir a pesquisa. Sua obra intitulada *Tableau de l'état physique et moral des ouvriers employés dans les manufactures de coton, de laine et de soie,* publicada em 1840, tornou-se um sucesso. Ele descrevia as condições de vida do camponês pobre, empregado nas usinas do departamento de Haut-Rhin, onde o consumo excessivo de bebida destilada era bem conhecido. Em cada usina que

o médico visitava, testemunhava "abusos" desse consumo. Ele ficou chocado com a "luxúria" dos operários, pois se eles ganhavam muito pouco, dizia o médico, eles deveriam gastar o dinheiro deles comprando comida e não bebendo. Mesmo se eles comiam apenas batatas, o médico via bem que eles compravam roupas caras para serem usadas nos domingos nas tavernas. Para Villermé: "E ainda essas economias que se reduzem a quase nada. Faz-se necessário que esses pobres operários não cedam jamais ao desejo de beber uma taça de vinho ou acrescentar outra coisa além de batatas às suas miseráveis refeições"[20]. Citando os operários do departamento do Norte, de Lille, de Roubaix e de Tourcoing, Villermé acrescentava ainda que "todos bebiam da detestável bebida destilada. Quanto ao vinho, ele é caro demais para que eles possam consumir [...]. Posso afirmar: nunca tinha visto tanta sujeira, tanta miséria, tantos vícios de forma tão medonha e tão revoltante"[21].

Lutando em favor da sobriedade, compreendida como o modelo de boa conduta, o médico francês fazia elogios à classe dos que trabalhavam com fios. Ainda com Villermé: "Eles ganham um salário muito baixo, mas a sobriedade deles, a economia, faz com que eles sejam menos miseráveis que os operários de outras indústrias que ganham mais"[22]. Na conclusão de sua investigação, Villermé apontava: "[...] a embriaguez não só se opõe à parcimônia, [...] à felicidade familiar, [...] mas ainda assim a arruína, mergulha-a e mantém-na em uma pobreza profunda; torna o trabalhador preguiçoso, brincalhão, briguento, [...] arruína a sua saúde, [...] destrói a moral, perturba, escandaliza a sociedade e incita ao crime"[23].

---

20 "Et encore ces économies se réduisent-elles à presque rien. Pour les faire, il faut nécessairement que les malheureux ouvriers ne cèdent jamais au désir de boire un verre de vin ou d'ajouter quelque chose à leurs misérables repas" (Villermé, 1971, p. 57-58).

21 "Tous buvaient de la détestable eau-de-vie de grain, ou bien de la bière. Quant au vin, il est d'un prix trop élevé pour qu'ils puissent y atteindre [...]. Je puis l'affirmer: je n'ai jamais vu à la fois autant de saletés, de misères, de vices, et nulle part sous un aspect plus hideux, plus révoltant". (Villermé, 1971, p. 75).

22 "Ils ne touchent que de très modiques salaires; et cependant leur sobriété, leur économie font qu'ils sont généralement moins misérables que des ouvriers d'autres industries qui gagnent davantage" (Villermé, 1971, p. 76).

23 "[...] L'ivrognerie s'oppose à l'épargne, [...] au bonheur de la famille, [...] mais encore elle ruine celle-ci, elle la plonge et la retient dans une profonde indigence; elle rend l'ouvrier paresseux, joueur, querelleur, [...] l'abrutit, délabre sa santé, [...] détruit les mœurs, trouble, scandalise la société, et pousse au crime" (Villermé, 1971, p. 209).

Na Inglaterra, cinco anos após as conclusões de pesquisa de Villermé na França, um jovem burguês chamado Friedrich Engels, influenciado pelas teorias raciais e preocupado com os excessos no consumo do gim dos operários em tavernas londrinas, associava esse tipo de consumidor a seu país de origem, ao mesmo tempo que elaborava os conceitos de revolução industrial e de luta de classes. Na sua obra clássica *The condition of the working class in England,* publicada em 1845, Engels se preocupava com a transformação da Inglaterra em nação capitalista industrial. Ele irá tratar da situação da classe operária que ele percebia como uma "base real da qual se origina todos os movimentos sociais atuais porque ela representa ao mesmo tempo a ponta extrema e a manifestação a mais visível da miserável situação social da atualidade"[24].

Quanto ao olhar posto por Engels sobre o consumo de gim dos camponeses irlandeses que imigraram para a Inglaterra no intuito de trabalhar nas usinas, o autor, influenciado pelas teorias raciais, apontava que "essas pessoas que cresceram praticamente sem conhecer os bons modos da civilização, [...] beberrões, despreocupados com o futuro, chegam na Inglaterra com seus modos brutais de uma classe da população pouco inclinada para a cultura e para a moralidade"[25]. Engels estava preocupado com o consumo excessivo do gim entre os camponeses irlandeses. Discursando sobre a condição de vida miserável dos irlandeses em Londres, ele denunciava que o gim estava "destruindo" o cérebro dos operários para a revolução. Para ele, a revolução do proletariado deveria ser sóbria.

Em 1859, Charles Darwin formulava sua teoria sobre a evolução das espécies, segundo a qual só os mais adaptados ao meio vigorariam na marcha evolutiva. Nos Estados Unidos, o antropólogo Lewis Henry Morgan, em sua obra clássica *Ancient society: researches in the lines of human progress from savagery through barbarism to civilization*, publicada em 1877 e sob influência de Darwin, apresentava uma teoria avançando a ideia

---

24 "[...] base réelle d'où sont issus tous les mouvements sociaux actuels parce qu'elle est en même temps la pointe extrême et la manifestation la plus visible de la misérable situation sociale actuelle" (Engels, 1975, p. 31).

25 "Ces gens, qui ont grandi presque sans connaître les bienfaits de la civilisation, habitués dès leur jeune âge aux privations de toutes sortes, grossiers, buveurs, insoucieux de l'avenir, arrivent ainsi, apportant leurs mœurs brutales dans une classe de la population qui a, pour dire vrai, peu d'inclination pour la culture et la moralité" (Engels, 1975, p. 135).

que a evolução da humanidade seguia um esquema único, caracterizado por três estágios sucessivos: a selvageria, a barbárie e a civilização. Na metade do século XIX, o conjunto dessas questões raciais sobre a conduta e a adaptação dos indivíduos foi também associado aos que bebiam excessivamente bebidas destiladas, sendo estes compreendidos como grosseiros ou bárbaros, inadaptáveis, irresponsáveis e despreocupados com o futuro. Classificando-os segundo o país de origem, a raça, a cor da pele, a envergadura e o peso corporal, o tipo de bebida consumida, se destilada (bebida de pobre) ou fermentada (bebida de rico), as teorias raciais e biomédicas sintetizavam o olhar científico sobre esse tipo de conduta.

Porém, uma mudança surgia no discurso da medicina do século XIX sobre os que bebiam excessivamente bebidas destiladas. Passava-se de um discurso moral sobre a doença, que especulava sobre o estado moral dos operários que bebiam excessivamente bebidas destiladas, a um discurso chamado de objetivo, centrado na observação dos pobres que bebiam excessivamente bebidas destiladas e que estavam internados em hospitais públicos. Separava-se, assim, os que bebiam excessivamente bebidas destiladas dos outros enfermos para contá-los e, posteriormente, classificá-los. A influência à época era a classificação proposta por Carl von Lineu, que estabelecia reinos, filos, classes, ordens, famílias, gêneros e espécies. Doravante, investigava-se objetivamente os "sintomas subjetivos" dos que bebiam excessivamente bebidas destiladas, inspirando-se em um padrão de confissões de bêbados que cometiam crimes, tal qual eram descritos nos romances burgueses na Inglaterra. Os médicos irão, então, escutar e traduzir as palavras dos embriagados em uma *doxa* científica. Foi nesse universo que se constituiu a experiência clínica de Magnus Huss.

Descobrindo o alcoolismo crônico em 1849, Huss direcionava seu olhar clínico – uma mescla dos ideiais da Reforma Protestante, do nacionalismo, do militarismo exacerbado e da medicina moderna – sobre a conduta moral dos bebedores excessivos internados nos hospitais públicos de Estocolmo, na Suécia. Discursando sobre os "sintomas subjetivos" dos que bebiam excessivamente bebidas destiladas, associado-os ao esquecimento dos deveres cristãos, familiares e patrióticos, aos danos econômicos, à violência doméstica e ao impulso para o crime e a recidiva, o médico sueco relacionava o excesso no consumo ao alcoolismo crônico, pois ele constatava que a presença do efeito do álcool em excesso no corpo humano

acarretava esses "maus hábitos". Huss descobriu sua vocação como médico refletindo sobre seu próprio consumo excessivo de álcool[26].

Na época de Huss, a Suécia era um país protestante e não produtor de vinho. Entretanto, cada vez mais, era percebível o aumento do consumo excessivo de bebidas destiladas entre os operários nas grandes cidades e que as consumiam como faziam os mais pobres na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França. A facilidade de acesso ao consumo de bebidas destiladas era possível porque, desde o século XVII, cada fazenda sueca, produtora desse tipo de bebida, utilizava de batatas para a produção. Esses mesmos camponeses pobres, consumidores de bebidas destiladas e que passarão a ser operários na capital da Suécia, se reunirão nos finais de semana para beber excessivamente em tavernas.

A partir da segunda metade do século XIX, Huss começava a combater a miséria dos pobres, esta que ele associava aos que bebiam excessivamente bebidas destiladas. A miséria que esse médico sueco via nesse tipo de bebedor era a mesma que a Reforma Protestante apontava como um vício que afetava os pobres para a edificação da Obra de Deus. No mais, ele associava os pobres às raças inferiores, pois bebiam a bebida mais barata da Suécia.

O aumento do número de embriagados, doravante identificado estatisticamente nas cidades suecas, incitava o governo a estabelecer impostos sobre o consumo de bebidas destiladas. Em 1775, o rei Gustavo III interditou a destilação doméstica e criou as destilarias do governo. A burguesia intelectualizada e os médicos começavam, então, a denunciar os perigos causados pelo consumo excessivo de bebidas destiladas para a saúde da população. Desde o final do século XVIII e durante a primeira metade do século XIX, medidas foram tomadas pelo governo para controlar os "abusos" no consumo de bebidas destiladas entre os operários.

---

26 Para Sournia: "Quando era um jovem médico militar, ele teria se revoltado ao perceber boa parte de seu salário sendo gasto com branwin [bebida da elite sueca] e ficou tão mal depois que passou uma noite embriagado (segundo o costume usual em seu meio), o que o fez jurar a si mesmo que nunca mais sucumbiria a tal situação, mesmo se precisasse, para isso, viver em uma abstinência total por toda sua vida". Do original: "Comme jeune médecin militaire, il aurait été révolté de percevoir son salaire en partie en bränwin, et étudiant à Uppsala, il aurait été si malade après une nuit d'ivresse (selon une coutume usuelle dans ce milieu) qu'il se serait juré de ne plus jamais succomber, même s'il ne fut pas dans sa vie un abstinent total" (Sournia, 1986, p. 68).

Nos anos 1830, surgiam as associações antialcoólicas naquele país. Em 1831, foi fundada a primeira associação absolutista em Estocolmo em que todo aquele que queira fazer parte dessa associação deveria prometer publicamente se abster de toda bebida destilada, porém tratava ainda de uma minoria de pessoas[27]. E em junho de 1836, o americano Robert Baird, missionário presbiteriano antialcoólico, visitava a Suécia. Essa visita levou à tradução, em sueco, de um livro sobre o movimento das associações antialcoólicas da América do Norte. A tradução fora financiada pelo rei Carl XIV e o livro foi enviando para todas as cúrias do reino[28].

Muitos religiosos trabalhavam também para diminuir o consumo excessivo de bebidas destiladas entre os pobres que residiam nas cidades e no campo. Em 1847, o governo sueco promulgava um decreto que tocava o consumo dos pobres. Em abril de 1849, foi fundado um instituto de formação para as diaconisas da Igreja sueca. Nessa época, Magnus Huss ingressava na associação e dava seus conselhos. Ele dizia que todo aquele que vier se tratar no hospital deveria também se converter ou, ao menos, ser ajudado a viver uma vida cristã (Linck, 2013).

O primeiro texto de Magnus Huss sobre o alcoolismo crônico apareceu entre 1848 e 1849 na revista *Hygiea,* publicação da Sociedade de Medicina da Suécia, fundada por Huss e seus colaboradores. Huss se lançava em uma pesquisa exaustiva para repertoriar todos os sintomas associados ao consumo excessivo de bebidas destiladas. Como o próprio Huss apontava: "Consagrei numerosos anos a estudar doentes internados nos hospitais públicos de Estocolmo, as doenças que apareceiam entre os que

---

27 Segundo Patrick-Dominique Linck: "Em 1836, o bispo Tegner, que recomendava a temperança, aconselhava aos padres de ser o exemplo, consumindo apenas um copo de bebida destilada por refeição e se abstendo de convidar os jovens a beber no presbitério". Do original: "En 1836, l'évêque Tegnér, qui recommande la tempérance, demande aux prêtres de donner l'exemple en ne buvant pas plus d'un verre d'eau-de-vie par repas, en s'abstenant d'inviter des jeunes, pas encore confirmés, à boire au presbytère" (Linck, 2013, p. 166).

28 Ainda com Linck: "Baird era moderado. Ele pregava a abstinência de bebidas destiladas, mas autorizava o consumo de bebidas fermentadas como o vinho e a cerveja [bebidas dos ricos na Suécia]. A Associação antialcoólica da Suécia, criada em 1837, seguia a 'doutrina' de Baird". Do original: "Robert Baird est modéré: il s'abstient d'eau-de-vie mais autorise le vin et la bière. L'Association antialcoolique de Suède, créée en 1837, suit la 'doctrine' de Baird" (Linck, 2013, p. 166).

bebiam excessivamente aquavit [uma bebida destilada]"[29]. Como método, Huss reunia os resultados desse estudo, estabelecendo um quadro de forma mais precisa possível e depois os comparava aos dados de envenenamento. Foi assim que ele obteve o quadro clínico do alcoolismo crônico.

A educação cristã de Huss o colocava em uma ambivalência entre seu ideal de objetividade e sua fé na Palavra de Deus. O médico sueco tinha adquirido sua experiência de clínico nos hospitais dirigidos pela nobreza e pelo clero daquele país. Se a Igreja se preocupava com o tratamento da alma dos que bebiam excessivamente bebidas destiladas, Huss também se preocupava com o tratamento do corpo. Após ter conseguido pôr fim aos seus próprios excessos, para ele, era seu dever cristão controlar os excessos dos outros.

No século XIX, a toxicologia era uma das disciplinas científicas bem-sucedidas. Segundo Henri Bernard (1984), Huss integrava sua experiência clínica na construção médica das doenças classificadas segundo o nível de intoxicação. Nessa etapa nosógrafa, a descoberta de Huss sobre o alcoolismo crônico deveria ser confrontada com outras doenças repertoriadas nesse domínio. Huss demonstrava que o problema dos pobres internados por consumo excessivo de bebidas destiladas estava associado a uma intoxicação exógena, causada por esse tipo de consumo. Para Huss: "Atribuí a essa doença um novo nome, *alcoholismus chronicus,* para marcar seu lugar entre as doenças por envenenamento e para avançar no tratamento e no conhecimento deste mal por meio de sintomas característicos. Logo este mal merece um lugar autônomo na nosografia"[30].

O médico sueco participava ativamente da formação de uma consciência higienista em seu país. Ele se tornou o diretor geral do departamento de higiene de Estocolmo e também médico pessoal do rei. Doravante, o consumo excessivo de bebidas destiladas por pobres não será mais considerado como uma loucura voluntária provocada pelo demônio, como apontava o clero anglicano no século XVII, ou classificado de idio-

---

29 "J'ai consacré de nombreuses années à étudier au lit du malade, dans le plus grand hôpital de Stockholm, les maladies qui surviennent chez les grands buveurs d'aquavit" (Huss, 1981, p. 8).

30 "J'ai attribué à cette maladie le nouveau nom *alcoholismus chronicus*, pour marquer sa place parmi les maladies par empoisonnement, et pour avancer qu'à travers des symptômes caractéristiques elle mérite une place autonome dans la nosographie"(Huss, 1981, p. 13).

tismo, como prescrevia Pinel, ou ainda como um delírio, como diagnosticava Trotter, mas como uma doença chamada alcoolismo crônico, esta mesma doença da classe trabalhadora (de pobre) que se tornava, mais do que nunca, um problema visível cientificamente.

Além disso, Huss não citava o consumo excessivo de bebidas fermentadas como o vinho e a cerveja, bebidas pouco consumidas na Suécia pelos pobres, mas o consumo de bebidas destiladas, as mesmas que eram apontadas como um problema sanitário pelos médicos britânicos, estes que queriam frear, junto com o governo e intelectuais nacionalistas, os excessos observados nas *alehouses* inglesas. Huss apresentava uma lista de lesões associadas a esta nova doença chamada de alcoolismo crônico.

Huss viajará por toda Europa e seu conceito de alcoolismo crônico será adotado por todo Ocidente. O médico sueco vai ser condecorado como um "eminente benfeitor público" na Europa e na América[31]. Doravante, o alcoolismo existe como doença. Ele é o mal a ser combatido e será até os nossos dias.

---

31 Para Jean Claude Bologne: "O álcool do pobre, [...] avatar dos velhos fantasmas cristãos associados à violência ligada aos excessos, será, doravante, mais vivo. Pela primeira vez, veremos até onde ele pode ir. Este fato vai mudar a imagem da embriaguez – agora denominada de alcoolismo – e os meios de luta que será a ela impostos". Do original: "L'alcool du pauvre [...] avatar de la vieille hantise chrétienne des violences liées à l'ivresse, sera d'autant plus vive que, pour la première fois, on va voir jusqu'où elle peut aller. Ces deux données vont changer notablement l'image de l'ivrognerie – désormais rebaptisée alcoolisme – et les moyens de lutte qu'on lui oppose" (Bologne, 1991, p. 334).

CAPÍTULO 2

A propagação do mal

No final do século XIX, os médicos higienistas multiplicavam as pesquisas estatísticas sobre as quantidades de bebidas fermentadas consumidas por habitantes de cada departamento francês. Eram estabelecidas as motivações das taxas sobre alcoolismo: o número de culpados por embriaguez em espaços públicos, as mortes acidentais por embriaguez (sobretudo no trabalho), os suicídios e as internações por delírio causadas por esse tipo de bebida. Concluía-se dessas pesquisas que os operários estavam tendo, cada vez mais, acesso ao vinho. Duas razões podiam explicar a acessibilidade do vinho pelos operários naquela época. Por um lado, a produção em massa nas indústrias provocava um maior acesso a essa bebida fermentada e, por outro, o progresso no modo de circulação e transporte de mercadorias. Para Didier Nourrisson: "Nos anos 1840, Villermé afirmava que os operários 'só comiam carne e bebiam vinho no dia do pagamento, isto é, duas vezes por mês'. [...] Em contrapartida, no final do século, o vinho ganha, regularmente, seu lugar em cada refeição na mesa do operário"[1].

—

1 "Dans les années 1840, Villermé affirmait que les ouvriers 'ne mangent de la viande et ne boivent du vin que le jour ou le lendemain de

Se o vinho passou a estar presente em cada refeição na mesa do operário e se ele provocava também o mal do alcoolismo entre os pobres, os médicos higienistas não podiam deixar de constatar que o vinho, a bebida fermentada que Cristo havia multiplicado em seu primeiro milagre e dos europeus ricos, estava na origem de um problema sanitário. Contra os bebedores excessivos de vinho que eram ricos, o argumento se voltava para que eles, pois, bebendo em excesso, poderiam empobrecer. O imaginário do alcoolismo, associado à pobreza, se estendia para os ricos[2].

Era consenso, entre os médicos, que os operários tinham cada vez mais acesso fácil a essa bebida fermentada ao ponto que o médico Émile Renaudin, diretor do asilo de Méréville, introduziu o conceito de alcoolismo crônico de Huss, na França, em 1853, isto é, quatro anos depois da descoberta desse mal pelo médico sueco, se interrogando quanto à possibilidade de que o alcoolismo crônico pudesse também se estender para os que bebiam vinho excessivamente.

Renaudin afirmava que o alcoolismo observado por Huss era de uma "simplicidade primitiva" porque o médico sueco reservava essa doença apenas ao consumo excessivo de bebidas destiladas, excluindo, portanto, as bebidas fermentadas. O médico francês argumentava que o consumo excessivo de bebidas destiladas na Suécia, e mais recentemente de bebidas fermentadas na França, estava diretamente associado ao aumento da população urbana. Para Renaudin: "É, sobretudo, sob essa condição que ele vem a ser endêmico. Na capital da Suécia [...], a alteração nos modos, a facilidade de acesso ao licor e, sobretudo, a irregularidade do

---

la paie, c'est-à-dire deux fois par mois' [...], à la fin du siècle par contre, on peut affirmer que le vin prend régulièrement sa place à chaque repas à la table de l'ouvrier" (Nourrisson, 1990, p. 34-35).

2 Para Jean-Charles Sournia: "Nas classes superiores, o bêbado incurável, que arruinava seu patrimônio, que tinha várias mulheres e que destruía sua família era enviado aos asilos onde se encontravam os loucos e os retardados, assim como os menores delinquentes da aristocracia". Do original: "Dans les classes supérieures, l'ivrogne incurable, dissipateur de son patrimoine, coureur de filles et détruisant sa famille était envoyé dans ces maisons que l'on ne sait comment désigner puisqu'on y trouvait aussi bien des aliénés ou des arriérés, que des délinquants mineurs de l'aristocratie" (Sournia, 1986, p. 53).

regime e dos hábitos, contribuem como exemplo desse vício vergonhoso da embriaguez"[3].

Em 1857, surgia a teoria da degenerescência, provinda das teorias raciais, anunciada pelo psiquiatra fraco-austríaco, diretor-chefe do asilo de Saint-Yan, Bénédict Augustin Morel, e que implicava os que bebiam excessivamente bebidas destiladas e fermentadas. Morel tornou-se famoso ao afirmar que "os alienados são representantes de certas variedades doentias da espécie humana"[4]. O consumo excessivo das "variedades doentias", isto é, dos degenerados, era compreendido como a causa do aumento da violência e das despesas econômicas.

Em 1871, alguns anos após o médico Renaudin propagar as ideias de Huss na França, o vocábulo *alcoolismo* entrava no jargão popular. Na Comuna de Paris, movimento de insurreição contra o governo, a burguesia se indignava e denunciava o conluio entre a revolução e o consumo excessivo de álcool[5]. A imprensa denunciava rapidamente os excessos no consumo de bebidas alcoólicas entre os insurgentes. Ela comparava o sangue que jorrava pelas ruas com o vinho tinto.

De 1872 a 1885, o governo ampliava cada vez mais as medidas para lutar contra a criminalidade: repressão à embriaguez pública (lei de 22 de janeiro de 1873), adoção do princípio de encarceramento individual em prisões departamentais (lei de 05 de junho de 1875), regulação dos que tinham recidivas (lei de 27 de maio de 1885). Para Marc Renneville: "Médicos e antropólogos passam a medir os crânios dos infratores. Eles escrutarão, minunciosamente, todas as partes do corpo"[6]. De fato,

---

3 "C'est surtout dans cette condition qu'il devient endémique. La capitale de la Suède offre surtout cet affligeant spectacle. L'altération des mœurs, la facilité de se procurer le liquide, et surtout l'irrégularité du régime et des habitudes, contribuent à répandre le vice honteux de l'ivrognerie" (Renaudin, 1853, p. 86).

4 "Les aliénés sont des représentants de certaines variétés maladives de l'espèce humaine" (Morel, 1857, p. 5).

5 Para Didier Nourrisson (1990, p. 208): "A Comuna era apresentada como um 'monstruoso acesso de alcoolismo agudo' ou uma 'erupção de alcoolismo'[...]. Este tornaria, assim, um meio de ocultar a questão social e política que propunha o levante". Do original: "La Commune est présentée comme 'un monstrueux accès d'alcoolisme aigu' ou 'une éruption d'alcoolisme' [...]. Celui-ci devient ainsi un moyen d'occulter la question sociale et politique que pose la Commune".

6 "Médecins et anthropologues ne se contentent plus désormais de tâter les crânes des infracteurs: ils scrutent minutieusement toutes les parties de leurs corps" (Renneville, 2004, p. 8).

a medicina higienista contribuía, assim, para a emergência da antropologia criminal, um ramo da antropologia física que se integrava às práticas judiciais e à legislação penal. A metodologia utilizada na época era demonstrar, objetivamente, a hereditariedade patológica e anatômica detectada na maioria dos criminosos, incluindo os que bebiam excessivamente. Apoiados nas teorias raciais, antropólogos físicos mediam os crânios, as arcadas dentárias, observavam a cor da pele, a envergadura e peso do corpo dos criminosos para demonstrar quais eram as raças mais susceptíveis de cometerem crimes. Um dos mais eminentes antropólogos físicos e médico da época foi o italiano Cesare Lombroso, cofundador da escola de criminologia da Itália.

A teoria do criminoso nato tornava Lombroso famoso. O médico antropólogo dizia que os criminosos faziam parte das raças inferiores, dos loucos morais e dos epiléticos. Ao tratar do consumo do vinho e do jogo, compreendidos como os principais indícios permitindo identificar os criminosos natos, Lombroso avançava: "Após o prazer da vingança e da vaidade satisfeito, não é questão de causa, para o criminoso, superar o do vinho e do jogo. A paixão pelos licores fermentados é, em suma, muito complexa, porque ela é ao mesmo tempo a causa e o resultado do crime"[7]. Ele associava também a miséria humana e econômica ao alcoolismo crônico, como fazia Huss. Ainda com Lombroso: "O verdadeiro regime preventivo só será possível com uma profunda reforma social. O criminoso nato seria seguramente uma raridade. Ele foi criado pela sociedade. Os grandes fatores de sua criação são a miséria e o alcoolismo"[8].

Em 1886, o primeiro congresso de antropologia criminal organizado pelo médico italiano acontecia em Roma. Os cientistas discutiam sobre o criminoso nato, as medidas anatômicas e as teorias raciais. Gabriel Tarde, filósofo francês, sociólogo e juiz na cidade de Sarlat, na França, se encontrava entre os conferencistas. Tarde exprimia seu desacordo com

---

7 "Après les plaisirs de la vengeance et la vanité satisfaite, il n'en est point, pour le criminel, de supérieur à celui du vin et du jeu. La passion pour les liqueurs fermentées est en somme très complexe, car elle est en même temps une cause et un résultat du crime" (Lombroso, 1895, p. 116).

8 "Le vrai régime préventif ne saurait consister que dans de profondes réformes sociales. Le criminel-né serait sûrement très rare, s'il n'était créé par la société elle-même. Ses grands facteurs sont la misère et l'alcoolisme" (Lombroso, 1895, p. 9).

a metodologia empregada pelos antropólogos criminais quanto à comparação da cor da pele e às medidas dos crânios, das arcadas dentárias, da envergadura e do peso do corpo dos criminosos para identificar os criminosos natos. Apresentando uma nova abordagem teórica sobre as concepções do que seria um criminoso, o que incluía os que bebiam excessivamente, ele baterá de frente com o arcabouço científico do final do século XIX.

Tarde se interessava pelos conceitos de delito e de crime no geral e não exclusivamente pelo conceito de consumo excessivo de álcool em particular. Ele apresentava um ponto de vista diferente que se opunha a Lombroso. Criticando a abordagem do médico e antropólogo italiano que associava o criminoso nato às teorias raciais, Tarde apontava o fato que o consumo excessivo de álcool era uma questão por vezes social e psicológica e que não estava associada às dimensões da caixa craniana ou cor da pele do criminoso nato. Ele escreveu, em seu primeiro livro, *La criminalité comparée,* publicado em 1886, que o crime não era uma questão de ordem antropológica (em seu sentido anátomo-racial do termo), mas uma questão de ordem social. Ele argumentava sobre o conceito de delito, que, em matéria penal, não se poderia associar o crime às teorias raciais e que o ato criminoso era, por sua vez, cometido por sugestão, isto é, por contágio imitativo do exemplo de indivíduo a indivíduo, quando dos contatos sociais e psicológicos. Tarde acrescia que a imprensa escrita constituía um exemplo de sugestão que impulsionava ao crime com suas crônicas policiais, odiosas, cheia de escândalos.

Demonstrando que Lombroso mesclava o louco, o selvagem, o bárbaro e o semicivilizado em seu conceito de criminoso nato, Tarde, que tinha como tarefa cotidiana impor sentenças aos criminosos, propunha que os estudantes de direito não fossem medir caixas cranianas como fazia o médico e antropólogo italiano. Ele acrescentava que os estudantes só seriam admitidos nos cursos de direito criminal sob a condição de estarem previamente inscritos como membros de uma sociedade de apadrinhamento dos prisioneiros, presidida pelo seu professor. Essa atividade permitiria aos estudantes estabelecer uma relação convivial com os criminosos, o que era, portanto, uma nova maneira de efetuar pesquisa científica naquela época.

Tarde desenvolvia sua teoria sociológica em duas frentes, a saber: uma abordagem da criminalidade que era mais social que médica e uma

teoria sociológica da imitação por contágio imitativo do exemplo de indivíduo a indivíduo. Assim, ele insistia sobre o carácter social e psicológico do crime e sobre as transformações dos valores no percurso histórico da humanidade. Para Tarde: "Na Idade Média, a grande parte dos delitos era o sacrilégio, depois veio os atos de bestialidade e a sodomia. [...] A preguiça torna-se, nas sociedades industriais, um malfeito grave, enquanto outrora trabalhar era visto como um ato degradante"[9].

Estabelecendo sua teoria do contágio imitativo do exemplo de indivíduo a indivíduo, Tarde voltava-se a uma análise comparativa entre o suicídio, o consumo excessivo de álcool e a multiplicação das possibilidades de contatos interpessoais advindos do aumento da população urbana. Ainda com o sociólogo: "É perfeitamente fácil se render às evidências que todos os fatos estatísticos, sobretudo os de frequência de suicídios no Norte, onde o consumo infinitamente forte de álcool e a emancipação a mais completa das consciências concorrem com a densidade cada vez maior da população urbanizada"[10]. No mais, ele expunha sua nova lei da imitação fazendo referência aos delitos: "Um malfeitor, cometendo um delito, copia, em parte, de outros malfeitores (e em parte também ele é determinado por seu impulso e por sua educação, por sua classe ou por sua nacionalidade, imitação de outras formas, mais profunda ainda e mais potente)"[11].

Essa posição de Tarde, a propósito do delito em geral, irá desconcertar os médicos e antropólogos que associavam o criminoso nato aos que bebiam excessivamente. Em 1890, ele publicava *La philosophie pénale*, discorrendo sobre a responsabilidade do criminoso: "Vale a pena, agora, pesquisar as condições da responsabilidade penal, isto é, nos perguntar o que é um crime e o que é um criminoso, quais circunstâncias físicas ou

---

9 "Au Moyen Âge, le plus grand des forfaits était le sacrilège; puis venaient les actes de bestialité ou de sodomie [...]. La paresse tend à devenir, dans nos sociétés laborieuses, le plus grave méfait, tandis qu'autrefois le travail était dégradant" (Tarde, 1886, p. 45-46).

10 "On se rend parfaitement compte de tous les faits statistiques, notamment de la fréquence des suicides dans le Nord, où la consommation infiniment plus forte de l'alcool et l'émancipation plus complète des consciences concourent avec la densité plus grande de la population plus urbanisée"(Tarde, 1886, p. 176).

11 "Un malfaiteur, en commettant un délit, copie en partie d'autres malfaiteurs (et en partie aussi se détermine par les impulsions de son éducation, de sa classe ou de sa nationalité, imitation d'autre sorte, plus profonde encore et plus puissante) (Tarde, 1886, p. 116).

sociais levam um para o outro, como eles se formam e se transformam um no outro no curso das etapas da civilização"[12].

Ele contribuía para a mudança na concepção de vício apresentada por médicos e por antropólogos: "Talvez nasçamos com vícios, mas, certamente, não nos tornamos criminosos. A psicologia do matador, esta, no fundo, é a psicologia de todo mundo. E para descer até seu íntimo, basta sondar o nosso"[13]. O crime era compreendido como provindo de uma relação social e psicológica estabelecida de indivíduo a indivíduo por sugestão, por afecção, por admiração, por contágio imitativo do exemplo. A estabilidade dessa relação social e psicológica dependia, portanto, da crença e do desejo dos sujeitos engajados na associação. Ele propunha, assim, uma microsociologia das associações por relações sociais e psicológicas, desenvolvidas de indivíduo a indivíduo.

Os argumentos de Tarde refutavam, portanto, os discursos médicos e antropológicos sobre os que bebiam excessivamente, associados à loucura, às raças degeneradas e ao criminoso nato. Em 1900, ele foi eleito para a École Normale Supérieure, onde ocupou a cadeira de filosofia moderna. Seu principal rival nessa instituição, Émile Durkheim, refutará suas ideias, dando elementos aos defensores da cruzada científica contra os que bebiam excessivamente.

Durkheim não concebia o social como Tarde. Para ele, a sociedade era uma coisa exterior ao indivíduo que o ditava verticalmente as regras de conduta aceitáveis e patológicas. Preocupado em fundar uma sociologia objetiva, positiva, distinta dos outros domínios científicos, sobretudo da psicologia e da filosofia (domínios caros a Tarde), Durkheim separava, primeiramente, a sociedade (objeto sociológico inventado por ele mesmo) do indivíduo (que ele reservava ao domínio psicológico). Ele falava de uma consciência coletiva, exterior ao indivíduo, que o controlava e que o freava de suas paixões desmedidas. Para Durkheim: "Não somente

---

12 "Il vaut la peine maintenant de rechercher les conditions de la responsabilité pénale, c'est-à-dire de nous demander [...] ce que c'est que le crime et ce que c'est que le criminel, dans quelles circonstances physiques ou sociales ils éclosent l'un et l'autre, comment ils se forment et se transforment l'un et l'autre au cours de la civilisation" (Tarde, 1890, p. 216).

13 "Peut-être on naît vicieux, mais à coup sûr on devient criminel. La psychologie du meurtrier, c'est, au fond, la psychologie de tout le monde, et, pour descendre dans son cœur, il nous suffit de sonder le nôtre"(Tarde, 1890, p. 237).

esse tipo de conduta ou de pensamento [a consciência coletiva] é exterior ao indivíduo, mas também ela é dotada de uma potência imperativa e coercitiva a qual se impõe a ele, queira ele deseje ou não”[14]. Ele irá, na sequência, estabelecer uma distinção entre o normal e o patológico: “Chamaremos de normais os fatos que apresentam as formas mais gerais e denominaremos os outros com o nome de mórbido ou patológico”[15]. No mais, o francês propunha a existência de uma normalidade fundada sobre um tipo de indivíduo médio abstrato – todo aquele que escaparia a essa normalidade seria classificado como um problema mórbido.

No trato do crime, ele o associava a uma questão de sociologia normal e de saúde pública. Para Durkheim: “Classificar o crime entre os fenômenos de sociologia normal não é somente dizer que ele é um fenômeno inevitável e até desejável, devido à incorrigível maldade dos homens, mas afirmar que ele é um fator de saúde pública, uma parte integrante de toda sociedade sã[16].

Era, portanto, a sociedade, essa coisa exterior ao indivíduo, que fabricava a conduta criminosa. Diferente de Lombroso, que associava a conduta criminosa à raça e à estrutura anatômica dos corpos, ou de Tarde, que a atribuía ao contágio imitativo do exemplo de indivíduo a indivíduo em uma relação social e psicológica, Durkheim considerava que a conduta criminosa nascia na sociedade que dita verticalmente as regras de condutas normais e patológicas. Passava-se, portanto, de uma associação intersubjetiva de indivíduo a indivíduo por contágio imitativo do exemplo em Tarde para uma sociedade hierarquizada em Durkheim, onde cada indivíduo apresentava uma taxa de normalidade ou de morbidez, exercia uma função social, vivia em um contexto social e atendia ou não ao nível de integração baseado em uma moral coercitiva: a consciência coletiva.

---

14 “Non seulement ces types de conduite ou de pensée sont extérieurs à l’individu, mais ils sont doués d’une puissance impérative et coercitive en vertu de laquelle ils s’imposent à lui, qu’il le veuille ou non” (Durkheim, 1973, p. 4).

15 “Nous appellerons normaux les faits qui présentent les formes les plus générales et nous donnerons aux autres le nom de morbides ou de pathologiques”(Durkheim, 1973, p. 56).

16 “Classer le crime parmi les phénomènes de sociologie normale, ce n’est pas seulement dire qu’il est un phénomène inévitable quoique regrettable, dû à l’incorrigible méchanceté des hommes; c’est affirmer qu’il est un facteur de la santé publique, une partie intégrante de toute société saine” (Durkheim, 1973, p. 66-67).

Durkheim abordou o alcoolismo na sua obra *Le suicide,* publicada em 1897. Ele apresentava as características psicológicas do alcoolismo (a loucura, o crime e as paixões desmedidas), que ele classificava de extrassociais, associando-as aos pobres (distinção de classe) para declarar, na sequência, que tudo indicava, por meio dos dados estatísticos obtidos, que não existiria uma relação de causalidade entre alcoolismo e suicídio. Para Durkheim: "*A priori,* a hipótese parece pouco provável porque é nas classes mais cultivadas e as mais sofisticadas que o suicídio faz o maior número de vítimas e não é nesse meio que o alcoolismo encontra seus clientes mais numerosos"[17].

No que concernia a Tarde, Durkheim desvalorizava a teoria social do contágio imitativo do exemplo de indivíduo a indivíduo argumentando que se tratava de uma abordagem puramente psicológica e não sociológica. Para Durkheim: "Um homem pode imitar outro sem que ele seja solidário um com o outro. A propagação imitativa, por ela mesma, não tem o poder de os solidarizar"[18].

O choque de ideias entre Tarde e Durkheim continuaria até que o primeiro publicasse, em 1902, uma obra desconcertante intitulada *Psychologie économique*, que vinha, em parte, como resposta a Durkheim. A obra modificava o conceito de bebedores excessivos que, na época, era associado à doença e ao crime por médicos, sociólogos e antropólogos como também às despesas econômicas por movimentos de temperança que se multiplicavam na Europa e na América. O que era desconcertante nessa obra era o fato que Tarde discorria, cada vez mais, sobre o consumo do álcool por meio de uma teoria social do luxo e não da luxúria, acentuando a admiração que levava à imitação, por contágio imitativo do exemplo, de indivíduo a indivíduo, fazendo da necessidade de luxo um desejo social e psicológico.

Essa necessidade de luxo por contágio imitativo do exemplo de indivíduo a indivíduo, Tarde associava-a também ao consumo do vinho, da

---

17 "*A priori*, l'hypothèse paraît peu vraisemblable. Car c'est dans les classes les plus cultivées et les plus aisées que le suicide fait le plus de victimes et ce n'est pas dans ces milieux que l'alcoolisme a ses clients les plus nombreux" (Durkheim, 1985, p. 46).

18 "Un homme peut en imiter un autre sans qu'ils soient solidaires l'un de l'autre ou d'un même groupe dont ils dépendent également, et la propagation imitative n'a pas, à elle seule, le pouvoir de les solidariser" (Durkheim, 1985, p. 107).

cidra e da cerveja. Ele discorria sobre o luxo como um objeto de desejo no percurso histórico das civilizações: "Não há um objeto de primeira necessidade (uma camisa, sapatos, chapéu etc.) que não começou por ser um objeto de luxo"[19]. E era assim que ele associava a necessidade de luxo ao consumo de álcool como objeto de desejo: "Um exemplo notório dessa classe de desejo [de luxo] é o de beber licores alcoólicos (desejo nascido, em suas múltiplas variedades, da invenção da destilação do álcool, do *bitter*, do *vermouth*, do absinto etc.)"[20]. E conclui: "Não somente o desejo desse consumo é esse que, uma vez experimentado e satisfeito, se repete, mas ele também encontra um desejo, o mais repetido, um dos mais nobres, o desejo de festejar e confraternizar com os camaradas"[21].

Se essa passagem em Tarde era penitente foi porque a necessidade de luxo dos operários de confraternizar com os camaradas, bebendo excessivamente nos cabarés e tavernas, constituía a grande preocupação dos médicos higienistas, do clero, dos moralistas, dos governantes, da imprensa e dos economistas em toda Europa e América no século XVII. Tarde considerava que o luxo era uma necessidade indispensável na vida humana: "Diríamos que a vida busca, antes de tudo, se emancipar fora dela mesma, a romper seu próprio círculo buscando florescer [...]. O supérfluo, como o luxo, é a razão de ser de todo o resto, de toda necessidade e de tudo que é útil"[22].

A abordagem teórica, preconizada por Tarde, causou alvoroço entre os economistas e sua leitura sociológica do beber foi rapidamente abafada. Logo mais, o argumento durkheimiano quanto às causas extrassociais

---

19 "Il n'est pas un objet de première nécessité, la chemise, les souliers, le chapeau, qui n'ait commencé par être un objet de luxe" (Tarde, 1902, p. 122).

20 "Un exemple frappant de cette [...] classe de désirs est celui de boire des liqueurs alcooliques (désir né, dans ses multiples variétés, d'inventions telles que celle de la distillation de l'alcool, du bitter, du vermouth, de l'absinthe, etc.)" (Tarde, 1902, p. 123).

21 "Non seulement le désir de cette consommation [...] est de ceux qui, une fois éprouvés et satisfaits, se répètent le plus sûrement et s'enracinent le plus vite, mais encore il trouve pour auxiliaire, dans sa propagation au dehors, un désir des plus répandus, et des plus nobles, le désir de causer et de fraterniser avec des camarades" (Tarde, 1902, p. 123-124).

22 "On dirait que la vie, en s'épanouissant de la sorte, cherche, avant tout, à s'émanciper hors d'elle-même, à rompre son propre cercle, et ne tend à fleurir [...]. Le superflu donc, le luxe [...] c'est la raison d'être de tout le reste, de tout le nécessaire et de tout l'utile" (Tarde, 1902, p. 123-124).

do alcoolismo, percebidas como de ordens puramente psicológicas, assim como as noções de normalidade e patológico, irão ganhar um novo fôlego, graças a um jovem neurologista austríaco, Sigmund Freud, o pai da psicanálise.

Se Durkheim restringia o mal, inventado por Huss, a fatores extrassociais, isto é, a fatores de ordens psicológicas, excluindo, assim, as análises sociológicas do seu rival Tarde, Freud irá legitimar a via durkheimiana acrescentando um argumento suplementar à cruzada científica contra os que bebiam excessivamente. Tratando dos alienados, Freud, à busca do inconsciente, vem a formular o conceito de paranoia, que ele reservava também aos que bebiam excessivamente. Doravante, os que bebiam excessivamente, ou melhor, os alcoólatras, serão paranoicos, perversos.

Em 24 de janeiro de 1895, em uma carta endereçada a Fliess, Freud comparava o delírio ciumento do alcoólatra à paranoia, sendo as mulheres as responsáveis por acioná-lo. Para Freud (1895, p. 101): "O alcoólatra jamais confessará que a bebida o tornou impotente. Seja qual for à quantidade de álcool que ele suporte. Ele rejeita essa noção intolerável. São as mulheres as responsáveis do delírio de ciúme entre os alcoólatras etc"[23]. Ele qualificava, ainda, o alcoolismo como um equivalente masturbatório. Em uma outra carta endereçada a Fliess, datada de 22 de dezembro de 1897, ele acrescentava: "A masturbação é o grande hábito, uma 'necessidade primitiva', e os outros apetites tais como a necessidade de álcool, de morfina, de tabaco, são seus substitutivos, produtos de transferência"[24].

Em *Psycho-analytic notes on an autobiographical account of a case of paranoia (dementia paranoides),* Freud apontava que os alcoólatras tentavam sublimar as mulheres que os abandonaram por uma homossexualidade inconsciente, a qual nomeará de "dupla perversão" (consumo excessivo de álcool e homossexualidade inconsciente): "É após ter sido traído ou abandonado por uma mulher que os homens vêm a beber, mas isso significa, em outros termos, que, em geral, eles recorrem ao cabaré

---

23 "L'alcoolique ne s'avoue jamais que la boisson l'a rendu impuissant. Quelle que soit la quantité d'alcool qu'il supporte, il rejette cette notion intolérable. C'est la femme qui est responsable, d'où le délire de jalousie, etc" (Freud, 1895, p. 101).

24 "La masturbation est la seule grande habitude, le "besoin primitif", et les autres appétits tels que le besoin d'alcool, de morphine, de tabac, n'en sont que des substitutifs, les produits de remplacement" (Freud, 1895, p. 211-212).

e à companhia de outros homens que os procuram, sublimando assim a satisfação emocional que eles tinham em casa com suas mulheres"[25]. E foi, assim, que o psicanalista concluiu: "Esses homens [...] se defenderão por meio do terceiro modo da contradição: 'Não sou *eu* que ama os homens – é ela *que os ama*' – e eles suspeitam das mulheres amarem todos os homens que eles mesmos estão tentando amar"[26].

Em *Contributions to the psychology of love life*, publicado em 1912, Freud discorria sobre a inconsistência na escolha do objeto, isto é, a ligação amorosa ao seu objeto e à insaciável "fome de excitação" dos excessivos. Para ele, "alguém já ouviu falar que o bebedor era obrigado a mudar constantemente de bebida porque logo se cansaria de uma bebida que permaneceria a mesma? [...] algo na própria natureza do impulso sexual não conduz à obtenção da plena satisfação"[27].

Por sua vez, em *Future of an illusion*, publicada em 1927, Freud associava os que tinham fé religiosa à dependência narcótica, tal qual Marx considerava a religião como o ópio do povo: "O que se passa, atualmente na América, ilustra bem essa questão. Vemos por lá a privação dos homens – evidentemente sob influência do reino das mulheres – de todo excitante, de toda bebida efervescente em uma troca direta com a piedade"[28].

As ideias de Freud sobre as causas psicopatológicas do alcoolismo serão rapidamente aceitas por toda a Europa e América. Sociólogos e economistas tratarão, novamente, de analisar o estilo de vida dos operários associando-o às despesas econômicas com o excesso no consumo de bebidas. É o caso de Maurice Halbwachs, sociólogo francês da escola

---

25 "C'est après avoir été déçu par une femme que l'homme en vient à boire, mais cela revient à dire qu'en général il recourt au cabaret et à la compagnie des hommes qui lui procurent alors la satisfaction émotionnelle lui ayant fait défaut à domicile, auprès d'une femme" (Freud, 1911, p. 309).

26 "Ces hommes, [l'inconscient] s'en deféndra alors au moyens du troisième mode de la contradiction: 'Ce n'est pas *moi* qui aime l'homme – *c'est elle qui l'aime*' - et il suspecte la femme d'aimer tous les hommes qu'il est lui-même tenté d'aimer" (Freud, 1911, p. 309).

27 "A-t-on jamais entendu que le buveur fût contraint de changer sans cesse de boisson parce qu'il se lasserait bientôt d'une boisson qui resterait la même? [...] Quelque chose dans la nature même de la pulsion sexuelle ne soit pas favorable à la réalisation de la pleine satisfaction" (Freud, 1925, p. 63-64).

28 "Ce qui se passe actuellement en Amérique l'illustre fort joliment. On veut là bas priver les humains – évidemment sous l'influence du règne des femmes – de tout excitant, de toute boisson enivrante, et on les gave en échange avec de la piété" (Freud, 1927, p. 69).

durkheimiana, quando da publicação do seu livro, em 1913, intitulado *La classe ouvrière et les niveaux de vie: recherches sur la hiérarchie des besoins dans les sociétés industrielles contemporaines*. Halbwachs apresentava uma teoria sociológica das necessidades. Ele classificava, media e taxava as tendências de consumo dos operários e o luxo por meio de uma hierarquia de necessidades associadas às representações coletivas, estas que eram um conceito de Durkheim, acrescentando as experiências individuais, que eram analisadas por Freud. Para Halbwachs: "Os homens que não estão sob o império exclusivo dos sentidos, ou das paixões, por simples reflexão e bom senso, chegarão a distinguir as necessidades de acordo com a ordem real das importâncias"[29].

Halbwachs associava, portanto, a necessidade de luxo à origem de classe: "Pode-se dizer que somos treinados aos excessos, o que faz sofrer toda a família. É um sentimento de classe e um sentimento de família mal compreendido que estão na origem de tais desvios"[30]. Ele utilizava da ideia de desvio, de nível de vida, de consciência de classe para classificar os que bebiam excessivamente, ressaltando que eles constituíam um problema social a ser resolvido. Assim, ele vai introduzir, na sociologia francesa, a taxa de satisfação necessária a cada classe social.

Do lado dos psicanalistas, era valorizada uma outra classificação de grupos de alcoólatras. Carl Gustav Jung tornava-se famoso graças às suas pesquisas sobre a psicogênese da doença mental. Se Freud comparava a religião aos efeitos deletérios da dependência narcótica, Jung, por sua vez, aconselhava seus pacientes a procurar experiências espirituais para cura da alma ao ponto que um de seus pacientes, Rowland Hazard, viria a influenciar a criação da Associação dos Alcoólicos Anônimos (AAA), já desde 1935, em que a orientação espiritual era uma das bases.

Em *Psychogenesis in mental disease,* que Jung começava a redigir em 1907, o psiquiatra e psicoterapeuta considerava a dupla personalidade e o consumo excessivo de álcool como um efeito de deslocamento do

---

29 "Les hommes qui ne sont pas sous l'empire exclusif des sens, ou de telle ou telle passion, par simple réflexion et bon sens, en viendront à distinguer les besoins d'après l'ordre réel de leur importance" (Halbwachs, 1913, p. 394).

30 "Il se peut, d'ailleurs, qu'on soit entraîné à ces excès, dont souffre toute la famille [...] C'est um sentiment de classe et un sentiment de famille mal entendus qui sont à l'origine de telles déviations" (Halbwachs, 1913, p. 419).

complexo sexual. Para ele, se há uma frenquência do deslocamento do complexo sexual, ele se encontra entre as pessoas obrigadas a perseguir uma preocupação crônica que as tormentas. O psiquiatra cita o exemplo das mulheres que se traem por uma alegria desenfreada, agressiva, e os homens por excesso frequente e desmedido no consumo de álcool. Em relação à importância do inconsciente em psicopatologia, ele acrescentava ainda que o sujeito que chegava ao desequilíbrio psíquico procurava se defender do seu próprio inconsciente, ou seja, ele passaria a combater as influências compensatórias do inconsciente. Era o que Jung classificava de "paranoia do alcoólatra": "O alcoólatra deixa de amar sua mulher, a compensação inconsciente procura, então, recolocá-lo no seu dever, mas ele não obtém que um sucesso parcial, pois o inconsciente o pulsa a torná-lo ciumento por sua mulher, como se ele a amasse ainda"[31].

Essas pesquisas sobre o inconsciente foram reformuladas por Georges Heuyer, fundador da pedopsiquiatria na França, em 1949, e por Jacques Lacan. Ambos apresentarão à Société Médico-Psychologique grupos de alcoólatras subagudos. Em uma pesquisa, publicada em 1933, intitulada "Alcoolisme subaigu à pouls normal ou ralenti. Coexistence du syndrome d'automatisme mental", Heuyer e Lacan classificavam os alcoólatras subagudos em perversos e paranoicos. Para Heuyer e Lacan: "Paciente K, Maurice, 40 anos. Alcoolismo crônico. Ideia delirante de perseguição. Alucinação auditiva bem ativa. Escuta vozes atrás das paredes. Injúrias. Ameaças. Proposições obscenas [...]. Confissão de excessos de bebida (mais de 3 litros, aperitivos e cafés)"[32]. Os pesquisadores argumentavam que o alcoolismo contribuía para exacerbar a paranoia e a sexualidade projetiva.

As ideias de Freud, de Jung, de Heuyer e de Lacan farão rapidamente sucesso e serão propagadas nos Estados Unidos. Nesse país, os efeitos da política da proibição se faziam sentir entre 1919 e 1933 pela via discursiva dos economistas que associavam os excessos no consumo de bebidas

---

31 "L'alcoolique cesse d'aimer sa femme; la compensation inconsciente essaie de le ramener à son devoir, mais n'obtient qu'un succès partiel parce qu'elle le pousse seulement à devenir jaloux de sa femme comme s'il l'aimait encore" (Jung, 2001, p. 255).

32 "Patient K, Maurice, 40 ans. Alcoolisme chronique. Idées délirantes de persécution. Hallucinations auditives très actives. Entend des voix à travers les murs. Injures. Menaces. Propositions obscènes [...]. Interprétations: a été intoxiqué par la cocaïne. Moyen érotique employé pour l'intoxiquer [...]. Aveu d'excès de boisson (3 litres, de plus, apéritifs et cafés arrosés)" (Heuyer; Lacan, 1933, p. 2).

ao caos das despesas econômicas. O cálculo dos economistas entrava, assim, na cruzada contra os que bebiam excessivamente. Foi o aparecimento dessa política que permitiu a esse grupo de especialistas adquirir notoriedade internacional.

Em 1890, Richard Theodore Ely participava da fundação da American Economic Association. Segundo Mark Thornton (1991), a maioria dos membros fundadores dessa associação era proveniente de famílias puritanas, associadas ao pietismo pós-milenista. O pietismo pós-milenista foi um movimento religioso composto por evangélicos que acreditavam no retorno de Jesus Cristo nos anos 2000, proclamando aos homens que eles deveriam ser responsáveis consigo mesmos para preparar as condições necessárias quando desse retorno. Os economistas puritanos associavam os que bebiam excessivamente à falta de responsabilidade para com o retorno de Cristo. Um dos economistas mais famosos dessa época foi Simon Nelson Patten.

Patten afirmava que uma política proibicionista poderia trazer vantagens para a economia, argumentando que a abstinência era o resultado inevitável da competição evolutiva. Em sua obra, *The economic basis of protection,* publicada em 1890, o economista chamava a atenção de poder contar com os homens sóbrios para o futuro da economia americana. Para Patten: "Os homens sóbrios, com efeito, têm hoje uma vantagem econômica considerável sobre os consumidores de bebidas alcoólicas e essa vantagem irá sempre aumentar"[33]. Para ele, a sobriedade era uma questão de sobrevivência para a economia. Em sua perspectiva evolucionista, a política da proibição era compreendida como desejada e inevitável, e ele se baseava em três elementos para reforçar seu argumento: o aumento do consumo do álcool na América do Norte e o contrabando desse tipo de bebida; a presença constante dos que bebiam excessivamente em todos os Estados Unidos e o avanço tecnológico que fazia aumentar a produção de bebidas alcoólicas de qualidade inferior e mais acessível à população.

Um outro economista que se tornou popular nessa época foi Irving Fisher. Fisher organizou e coordenou congressos sobre a política da proibição para a American Economic Association. Ele partia do pressu-

---

33 "Les hommes sobres, en effet, jouissent aujourd'hui d'un avantage économique considérable sur les consommateurs de boissons, et cet avantage ira toujours en augmentant" (Patten, 1899, p. 174).

posto que a proibição reduziria o crime, melhoraria o tecido moral da sociedade e aumentaria a produtividade e o padrão de vida. Ele publicou três obras sobre essa política (*Prohibition at its worst,* publicada em 1927; *Prohibition still as its worts,* publicada em 1928 e *The "noble experiment",* publicada em 1930) constituídas de análises empíricas baseadas em estatísticas relativas ao consumo do álcool, às atividades criminais e à saúde pública. No conjunto de suas obras, os dados estatísticos serviam de base objetiva e científica permitindo justificar a política da proibição nos Estados Unidos. Fisher revisou a lei proibicionista e estabeleceu taxas de criminalidade associadas ao consumo excessivo de álcool. No mais, ele discorreu sobre os acidentes no trabalho nas indústrias estabelecendo uma ligação direta com os excessos no consumo de álcool. Em relação à política da proibição, ele ressaltava: "No que toca às investigações científicas sobre o efeito moderado de bebidas alcoólicas sobre o indivíduo médio e no que concerne a experiência na promoção da segurança de acidentes rodoviários e nas fábricas do país, o peso das evidências joga a favor da proibição"[34].

Enquanto se aplicava as leis proibicionistas nos Estados Unidos, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, a industrialização acelerada, traduzida por um aumento na renda dos operários em todo o país, irá incomodar a moralidade tradicional. A forte taxa de mortalidade dos homens na guerra elevou sensivelmente a idade média da população no mesmo instante em que o celibato feminino aumentava. Em todos os meios sociais era visível o aumento da taxa de divórcio, ao mesmo tempo que se regulava, pelo governo, pílulas contraceptivas. No mais, as pesquisas demonstravam uma diminuição da prática religiosa entre as mulheres. Para Jean Pierre Martin: "Senhoritas, jazz e gim são indissociáveis nos Estados Unidos e compõem um modelo cultural popularizado pela impressa, mas também pelas mídias alternativas, rádio e cinema. A americana dos

34 "On the side of scientific investigation of the effects of moderate drinking on the average human individual, and on the side of experience in promoting safety from accidents on the highways and in the factories of the nation, the weight of evidence is altogether in favor of Prohibition" (Fisher, 1928, p. 24).

anos vinte bebe, em privado, em público, e muito – apesar da proibição e por causa da proibição"[35].

Em 1921, o governo começava a reavaliar a política da proibição, por conta de um efetivo de fiscalização insuficiente em que tal política se mostrava incapaz de fazer respeitar a lei. Foi nesse contexto que o economista Herman Feldman lançava uma obra intitulada *Prohibition: its economic and industrial aspects,* publicada em 1930. Tratava-se de uma vasta pesquisa estatística sobre os aspectos econômicos dessa política, se voltando à análise das despesas econômicas que ela necessitava para ser executada. O economista criticava, assim, os cálculos de Fisher: "Mesmo as pesquisas sobre Proibição de alguns economistas mostram restrições científicas não encontradas normalmente nas suas tabelas estatísticas, curiosamente construídas"[36].

Feldman era conhecido por suas pesquisas sobre a abstinência. Ele elaborava estatísticas sobre as ausências e os atrasos no trabalho dos operários de indústrias nas segundas-feiras e nos dias de pagamento para avaliar a eficácia da política proibicionista. Como método, ele distribuía questionários. Uma das conclusões desse economista foi que a política da proibição era ineficaz, porque o método de pesquisa por questionários apresentava problemas, já que não contava os preconceitos dos entrevistados sobre o consumo de álcool. O economista criticava, portanto, o método dos seus pares que militavam pela política da proibição, indicando que os cálculos deles não eram objetivos.

Foi assim que Clark Warburton, seguindo Feldman, criticou as pesquisas dos economistas de sua época sobre essa política. Em 1932, ele publicou a obra *The economic results of prohibition,* enquanto que o vocábulo *prohibition* só iria fazer parte da enciclopédia das ciências sociais americana em 1934. Warburton desenvolveu suas pesquisas criticando a aplicabilidade de dados econômicos sobre a ausência dos trabalhadores

---

35 "Garçonne, jazz et gin sont indissociables aux États-Unis, et composent un modèle culturel popularisé par la presse, mais aussi par les médias nouveaux, radio et cinéma. L'américaine des années vingt boit, en privé, en public, et beaucoup – malgré la Prohibition, à cause de la Prohibition" (Martin, 1993, p. 71).

36 "Even the writings on prohibition by some distinguished economists show a certain freedom from scientific restraint not normally found in their discussions of other subjects. One of the most curiously constructed statistical statements" (Feldman, 1930, p. 3).

nas segundas-feiras no trabalho. Ele concluiu que a política da proibição não conseguiu mudar essa mentalidade. Para ele: "A semana média de trabalho, em escala nacional, declinou 3,14% no período da proibição, 9,19% no período de transição e nada conseguiu mudar no período da proibição"[37]. Além disso, descobriu que os dados não mostravam uma relação mensurável entre a política da proibição e a diminuição dos acidentes de trabalho nas indústrias e que essa política não teve efeito mensurável no aumento da produtividade industrial.

Esses economistas denunciavam os métodos empregados por seus pares, enquanto se implementava a política proibicionista. No mais, era constatado nos últimos anos de existência da política da proibição o aumento do número de destilarias por todo o país. O consumo de álcool tocava todos os seguimentos sociais. Ainda nesse período, as associações de mulheres feministas e cristãs denunciavam seus esposos que viviam bêbados; os médicos, os psicólogos e as indústrias farmacêuticas procuravam, a todo preço, demonstrar ao governo que o alcoolismo crônico nunca tinha sido totalmente erradicado.

No momento em que se aplicava a política da proibição, as prescrições médicas voltavam-se para o alcoolismo crônico, associado-o à fisiopatologia e à psicologia experimental, duas áreas do conhecimento que tinham um papel importante na elaboração dos discursos biomédicos sobre a conduta dos bebedores excessivos. Essas prescrições permitiam consolidar a profissão do médico na American Medical Association for the Study of Inebriety and Narcoties, antiga Medical Temperance Society. Assim, a partir do momento em que os economistas constataram a ineficácia da política proibicionista para frear o consumo excessivo de álcool, os médicos reformulavam, ao mesmo tempo, o conceito de alcoolismo.

Em 1930, o Laboratory of Applied Biodynamics da Universidade de Yale, sob a direção de Howard W. Haggard, apresentava os resultados de pesquisa recorrendo às investigações realizadas no campo das ciências sociais e em medicina. Haggard irá fundar, assim, o *Quarterly Journal of Studies on Alcohol* no Yale Center of Alcohol Studies, da antiga American Medical Temperance Society. Os médicos irão fazer, gradualmente, convites

---

37 "The average national work week declined 3.14 percent in the pre-Prohibition period, 9.19 percent in the transitional period, and did not change in the Prohibition period" (Warburton, 1932, p. 205).

aos psicólogos, aos sociólogos, aos antropólogos e aos economistas para uma colaboração interdisciplinar na luta contra o mal alcoolismo.

Na França, as pesquisas sobre os que bebiam excessivamente associavam duas áreas do conhecimento, a medicina e a demografia, graças ao médico Sully Ledermann, cofundador do Institut National d'Etudes Démographiques. Sua obra, de dois tomos, intitulada *Alcool, alcoolisme, alcoolisation,* publicada em 1956 e 1964 respectivamente, o tornou famoso. Se valendo de uma análise da população francesa, todas as classes sociais confundidas, Ledermann media o grau de intoxicação da população para determinar a quantidade adequada de álcool que o francês médio poderia consumir sem pôr em perigo a saúde. Para Ledermann: "1 litro por dia para um trabalhador de força muito ativa (10 cl. de álcool puro); ¾ para um trabalhador de uma atividade física moderada; ½ para um sedentário (5 cl. de álcool puro)"[38].

Em 1960, um bioestatístico, fisiólogo e pesquisador do alcoolismo, Elvin Morton Jellinek, cofundador do Research Council on Problems of Alcohol, em 1937, nos Estados Unidos, e um dos principais especialistas da recente inaugurada Organização Mundial da Saúde (OMS), irá desenvolver um olhar interdisciplinar sobre as pesquisas reservadas aos "problemas" com o álcool. Doravante, pouco se falará sobre campos científicos específicos – medicina, psicologia, economia, antropologia e sociologia – e das disputas internas, vaidades e guerras de egos entre especialistas as quais davam lugar à corrida sobre qual seria a melhor via científica para combater o mal do alcoolismo, mas de colaborações interdisciplinares, para utilizar um termo empregado por Jellinek.

O conceito de alcoologia, inventado pelo médico francês Pierre Fouquet, em 1967, foi influenciado por Jellinek, que propunha um olhar interdisciplinar sobre o alcoolismo. Jellinek definia o alcoólatra como bebedor excessivo em que a dependência e a perda de controle no consumo atingiam um tal grau que o pesquisador apontava tratamento urgente. Ele elaborava, tal qual Ledermann, estudos estatísticos sobre a conduta dos que bebiam excessivamente referentes aos prejuízos que tal bebedor

38 "1 litre par jour pour un travailleur de force très actif (10 cl. d'alcool pur); ¾ de litre pour un travailleur d'une activité physique modérée; ½ litre environ pour le sédentaire (5 cl. d'alcool pur)" (Ledermann, 1956, p. 106).

se submetia por conta de despesas econômicas com álcool. Jellinek considerava que a política da proibição não havia resolvido o problema dos que bebiam excessivamente e que numerosos fatores entravam em jogo – causas sociológicas, econômicas, psicológicas, antropológicas, entre outras – permitindo, assim, explicar a alcoolização de um povo.

Em sua obra mais famosa, *The disease concept of alchoolism,* publicada em 1960, Jellinek apresentava uma síntese da história do conceito de alcoolismo crônico*,* ressaltando o aporte de várias disciplinas específicas como a sociologia, a psicologia, a economia, a medicina, a estatística, a história e a antropologia. A intenção de Jellinek era demonstrar a importância da colaboração interdisciplinar para combater o mal dos alcoólatras. Ele irá buscar quais eram os modos de beber dos latino-americanos, dos anglo-saxões, dos franceses, dos gregos e de vários outros povos. Ele acrescentará que, nos Estados Unidos, o conceito de alcoolismo foi substituído por *inebriety* só no início do século XX. Ele apresentará, sobretudo, sua própria classificação de tipos de alcoolismos, a saber: o *alcoolismo alfa* – dependência puramente psicológica; o *alcoolismo beta* – complicação nos órgãos sem dependência física nem psíquica (polineuropatologia, gastrite ou cirrose); o *alcoolismo gama* – dependência física do álcool, isto é, o sujeito perdeu a possibilidade de dominar seus próprios impulsos e de se abster de beber; o *alcoolismo delta* – a incapacidade de se abster sem perda de controle; e, finalmente, o *alcoolismo ípsilon* – crises de intoxicação periódicas.

Um dos fundadores da preventologia na França, o médico Pierre Fouquet, respondeu ao convite de Jellinek para resolver esse "problema" sanitário. Fouquet fundou, em 1978, a Société Française d'Alcoologie dividindo a síndrome do alcoólatra em três fatores: o físico – predisposição mental que aumentava as perturbações no corpo; a tolerância – permitindo ao sujeito consumir bebidas alcoólicas em grandes ou pequenas quantidades; e o tóxico – os efeitos do etanol no corpo humano. O método empregado por Fouquet, para tratar o alcoolismo, se voltava, sobretudo, à psicoterapia educativa em clínica a partir da confidência dos fracassos e das despesas na vida diária dos alcoólatras.

O método psicoterápico e humanístico da confidência dos fracassos e das despesas na vida diária dos alcoólatras surgiu no primeiro livro publicado, em 1956, por Fouquet em colaboração com Jean Clavreul, sob título *Une thérapeutique de l'alcoolisme: essai de psychothérapie éducative*. Os autores irão ressaltar a objetividade científica se valendo

do método da confidência em psicoterapia. Se endereçando diretamente, em forma de carta, aos que bebiam excessivamente e os propondo confidenciar seus fracassos diários, Fouquet e Clavreul demandavam-os: "Escrevendo sua autobiografia [...], aceitando seguir minha sugestão de que você possa confiar em mim, é possível que consiga ir mais longe na confidência, esta que você pensava que jamais conseguiria"[39]. Os autores apresentavam, assim, uma ciência do confidencial: "Seu médico torna-se, assim, o detentor de sua confidência, se propondo a se engajar, sempre, sistematicamente, com você em seu desejo de vencer em sua vida. Em uma palavra, o médico torna-se seu melhor amigo, no melhor sentido do termo"[40].

O método psicoterápico e humanístico proposto por Fouquet e Clavreul revelava o que Foucault conceitua de uma ciência do confessional para a clínica moderna. Para Foucault: "Uma ciência-confissão. Uma ciência que permitia se apoiar sobre rituais de confissões e sobre seus conteúdos, uma ciência que supunha essa extorsão múltipla e insistente, se dando por objeto o inconfessável confessado"[41].

O conficionário da Igreja Católica foi substituído, progressivamente, pela confidência em clínica dos alcoólatras no final do século XX. Graças a essa nova terapêutica, reaparecia o discurso das famosas "razões para beber" ou "desrazão" nos discursos científicos. Os terapeutas podiam, assim, diagnosticar o sofrimento psíquico e a dependência dos que bebiam excessivamente. Escrevendo cartas endereçadas aos alcoólatras para que eles pudessem confidenciar seus fracassos por excessos no consumo do álcool, Fouquet e Cravreul começavam a demonstrar a limitação do conceito de alcoolismo, este que era utilizado, sobretudo, pelos médicos que se apoiavam em fatores bioquímicos e estatísticos, para introduzir, em seguida, questões de ordem psicossocial, servindo a estabelecer uma

---

39 "En écrivant votre autobiographie [...], en acceptant de suivre ma suggestion de vous confier à moi, il est possible que vous soyez allé plus loin dans la confidence que vous ne le pensiez tout d'abord" (Fouquet; Clavreul, 1956, p. 62).

40 "Votre médecin devenu ainsi le détenteur de vos confidences, se trouve engagé à être toujours, systématiquement, avec vous dans votre désir de mieux réussir votre vie. En um mot, il est devenu votre ami dans le meilleur sens de ce terme" (Fouquet; Clavreul, 1956, p. 63).

41 "Une science-aveu, alors science qui prenait appui sur les rituels de l'aveu et sur ses contenus, une science qui supposait cette extorsion multiple et insistante, et se donnait pour objet l'inavouable-avoué" (Foucault, 1976, p. 86).

nova disciplina científica, a alcoologia interdisciplinar[42]. Fouquet e Cravreul tentavam fazer acordos com os alcoólatras para que eles seguissem o tratamento terapêutico e educativo: "Por hoje, é suficiente que entremos em um acordo sobre este ponto que levou você, alcoólatra, ao impasse [...]. Feche os olhos e pense sobre as causas de seu mal. Assim, podemos nos desarmar dele"[43].

Em um artigo intitulado "'*Éloge*'de l'alcoolisme et la naissance de l'alcoologie", publicado em 1967, Fouquet propunha, efetivamente, uma nova ciência interdisciplinar, a alcoologia[44]. Mais do que nunca, o alcoólatra (o velho bebedor excessivo) tornava-se um autêntico objeto de estudo interdisciplinar. Para ele, o alcoolismo era "um objeto ingrato, desagradável, irritante e que 'não deveria existir'"[45].

Fouquet explorava o inventário do campo científico fazendo um apelo à colaboração interdisciplinar. Ele demonstrava a fraqueza de um método que consistia em isolar cada domínio científico para combater o mal do alcoolismo. O médico francês criticava o conceito de alcoolismo em seu modelo biomédico, mas ele não criticará jamais o discurso científico das ciências sociais contra os que bebiam excessivamente no qual as

---

42 Era assim que Pierre Fouquet definia a alcoologia: "Disciplina consagrada a tudo que diz respeito ao álcool etílico: produção, conservação, distribuição, consumo normal e patológico com todas as implicações desse fenômeno, causa e consequência, seja ao nível coletivo: nacional e internacional, social, econômico e judiciário, seja ao nível individual, espiritual, psicológico e somático. Esta disciplina autônoma tomará emprestada suas ferramentas de conhecimento das principais ciências humanas, econômicas e jurídicas, encontrando em sua evolução dinâmica suas leis próprias". Do original: "Discipline consacrée à tout ce qui a trait dans le monde à l'alcool éthylique: production, conservation, distribution, consommation normale et pathologique avec toutes les implications de ce phénomène, cause et conséquences, soit au niveau collectif: national et international, social, économique et juridique, soit au niveau individuel, spirituel, psychologique et somatique. Cette discipline autonome emprunte ses outils de connaissance aux principales sciences humaines, économiques et juridiques, trouvant dans son évolution dynamique ses lois propres" (Fouquet, 1967, p. 10).

43 "Pour aujourd'hui, il suffit que nous soyons d'accord sur ce point que vous êtes arrivé à une impasse. L'alcool, mais aussi bien d'autres facteurs vous y ont poussé. En fermant les yeux sur les causes de votre mal, on ne saurait que se désarmer devant lui" (Fouquet; Cravreul, 1956, p. 12-13).

44 Marguerite Duras é quem dizia que a alcoologia era desprovida de humor. Ver mais em Martin (2010).

45 "Um objet ingrat, déplaisant, irritant, qui 'ne devrait plus exister'" (Fouquet, 1967, p. 4).

pesquisas interdisciplinares emergiam. Ele permitirá que essas ciências tomem partido na cruzada científica contra os que bebiam excessivamente: "Para nós, e em uma via prospectiva, a conceitualização da disciplina alcoologia em todas as suas dimensões e aplicações deste conceito, a um programa de pesquisas e de ensino, aparece como uma tarefa urgente a ser executada"[46].

Entre 1980 e 1990, era percebível o desenvolvimento de uma nova clínica por toda Europa e América, centralizada nas abordagens psicoterapêuticas de Fouquet e Clavreul, relativas ao método em clínica das confidências dos fracassos e das despesas na vida cotidiana dos alcoólatras. Porém, com as mudanças nas sociedades ocidentais da era pós-industrial, sobretudo nos Estados Unidos, como o hiperconsumo e a aparição de novas adições (as drogas de todo tipo), mais uma vez, o olhar sobre os excessivos ganhará novo formato. Sublinhava-se, dessa forma, uma rápida passagem da alcoologia para a adictologia[47] no início dos anos 1990. O interesse era transferido do estudo de influência discreta e continua do consumo excessivo do álcool por análise clínica para um outro exercício, o recenciamento de itens objetivados em uma tomada de posição sobre os que bebiam quando de seus usos "problemáticos" com uma "alcoolização abusiva" (Moins, 2010).

Modificava-se, portanto, o método psicoterápico e humanístico da confidência dos fracassos e das despesas na vida cotidiana dos alcoólatras em clínica, defendido pela alcoologia, para pôr no lugar o conceito científico de livre escolha (autonomia). De agora em diante, estimava-se

---

46 "Pour nous, et dans une vue prospective, la conceptualisation de la discipline alcoologique dans toutes ses dimensions et l'application de ce concept à un programme de recherches et d'enseignement apparaissent comme la tâche pressante à entreprendre" (Fouquet, 1967, p. 11).

47 Era assim que o *Dictionnaire des drogues et des dépendances* definia adictologia: "O cruzamento de todas as disciplinas que se interessam pelo homem e suas condutas (psicologia, neurologia, clínica etc.) mas também às substâncias que ele consume para se automodificar (farmacologia, história das drogas etc.) e aos contextos que interagem sobre as condutas (sociologia, geopolítica, economia, antropologia cultural etc.)". Do original: "La croisée de toutes les disciplines qui s'intéressent à l'homme et à ses conduites (psychologie, neurobiologie, cliniques, etc.) mais aussi aux substances qu'il consomme pour s'automodifier (pharmacologie, histoire des drogues, etc.) et aux contextes qui interagissent sur ces conduites (sociologie, géopolitique, économies, anthropologie culturelle, etc.)" (Dictionnaire des drogues et des dépendances, 2004, p. 14).

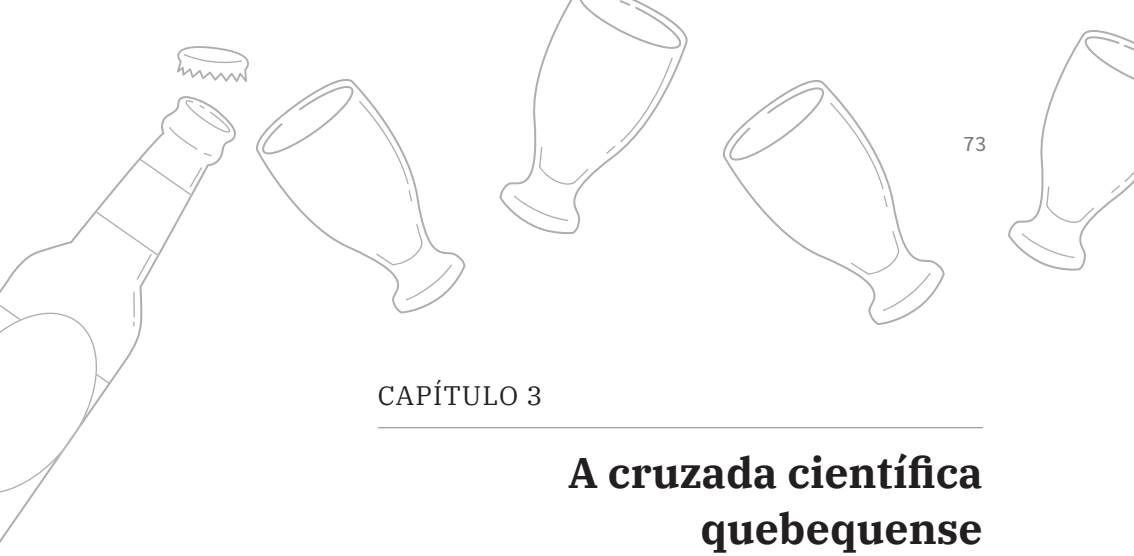
que cada um conhecia o perigo das drogas e do álcool, revelado pelos médicos e cientistas, e decidia livremente qual conduta a ser adotada.

Em 1990, o psiquiatra americano Aviel Goodman apresentava o conceito de distúrbio aditivo em substituição ao conceito de comportamento excessivo. Por distúrbio aditivo, ele entendia os distúrbios associados à utilização de substâncias psicoativas, aos distúrbios de controle dos impulsos e aos distúrbios de comportamento alimentar. Para Goodman: "O consumo excessivo pode ser definido como um processo pelo qual um comportamento, que pode funcionar tanto para produzir prazer quanto para proporcionar alívio do desconforto interno, é empregado em um padrão"[48].

As proposições do psiquiatra sobre o distúrbio aditivo foram difundidas em toda Europa e América. Nos anos 2000, aparecia o interesse cada vez mais acentuado pelos estudos em adictologia. Doravante, o olhar se direcionava para as condutas individuais dos alcoólatras (teoria da livre escolha) em face ao perigo anunciado pelos médicos e cientistas quanto às substâncias aditivas. Colocava-se de lado o método de observação dos órgãos doentes, proposto por Huss, assim como o método humanístico em clínica da confidência dos fracassos e das despesas na vida cotidiana dos alcoólatras, inventado por Fouquet e Clavreul.

---

48 "The addiction may be defined as a process whereby a behavior, that can function both to produce pleasure and to provide relief from internal discomfort, is employed in a pattern" (Goodman, 1990, p. 1404).



CAPÍTULO 3

A cruzada científica quebequense

O bordão "Não é sextista, é científico!" foi difundido na televisão quebequense pela organização filantrópica nacionalista Éduc'alcool para legitimar o discurso do rigor científico sobre a correta quantidade de álcool a ser consumida por dia pelo cidadão (dois copos para as mulheres e três copos para os homens). Assim, os que bebiam podiam proteger seus corpos, suas famílias, sua nação e a identidade quebequense, desdobramento da Revolução Tranquila[1]. Esse bordão, publicizado nos anos 2010,

1 Sobre a Revolução Tranquila, Paul-André Linteau e demais autores acrescem: "A Revolução Tranquila foi habitualmente um período de reformas políticas, institucionais e sociais realizadas entre 1960 e 1966 [...]. No sentido amplo do termo, a expressão é também utilizada para caracterizar as décadas de 1960 e 1970, marcadas pelo triunfo do neoliberalismo e do neonacionalismo e por uma remarcável continuidade nas orientações de diversos governos que se sucederam no Quebec". Do original: "La Révolution tranquille désigne habituellement la période de réformes politiques, institutionnelles et sociales réalisées entre 1960 et 1966 [...]. Au sens large, l'expression est aussi utilisée pour caractériser l'ensemble des décennies 1960 et 1970, marquées par le triomphe du néo-libératisme et du néo-nationalisme

ilustrava a maneira pela qual médicos, sanitaristas, cientistas, governo e organizações filantrópicas, sobretudo os movimentos de temperança, regulavam e difundiam o controle no consumo de álcool da população pela métrica da quantidade recomendada.

Na história do álcool no Quebec[2], ficava claro que o consumo de bebidas alcoólicas fazia parte de todas as classes da sociedade, dos mais ricos aos mais pobres. Observava-se também que a cerveja era a bebida mais popular, desde a fundação da Nova França no século XVII, pois o clima do país permitia colher o lúpulo. Na época da Nova França, o consumo de álcool servia também como medicamento que se dava aos pacientes nos hospitais e aos soldados que iam para os combates. Ele foi utilizado como moeda de troca entre os indígenas no mercado de peles e serviu, ainda, para promover a economia de importação do país como também o contrabando.

Foi na segunda metade do século XIX que a cruzada científica contra o alcoolismo se iniciou no Quebec. Ela surgiu devido ao fato de que a descoberta científica do alcoolismo crônico pelo médico sueco Magnus Huss, em 1849, havia sido propagada em toda América. Medicina e, posteriormente, psicologia foram, portanto, os principais domínios científicos nas pesquisas sobre o alcoolismo na província.

De 1840 a 1855, acontecia a grande cruzada da temperança arquitetada pela Igreja Católica e comandada pelo padre Charles Chiniquy, pelos monsenhores Forbin-Janson e Ignace Bourget, pelo bispo Édouard Quertier, entre outros religiosos. Ela constituiu a primeira estruturação da ação antialcoólica no Canadá francófono cujo objetivo era lutar contra "o mal capital deste país" que ameaçava a religião. Para Jean-Marc Bernard: "O remédio proposto era também religioso, o estabelecimento de sociedades de temperança em que só elas poderiam fazer reinar a 'inestimável virtude da temperança'"[3].

---

et par une remarquable continuité dans les orientantions des divers gouvernements qui se succèdent à Québec" (Linteau *et al.*, 1989, p. 421-422).

2 Ver mais em: Prévost, Gagne e Phaneuf (1986), Daignault (2006), Ferland (2010), Boucher (2011), Cazelais (2014) e Martel (2015).

3 "Le remède proposé était lui aussi religieux, à savoir l'établissement de sociétés de tempérance qui seules pourraient faire régner "l'inestimable vertu de tempérance" (Bernard, 1995, p. 174).

No início do século XX, os movimentos antialcoólicos quebequenses se multiplicavam. No dia 20 de dezembro de 1905, por uma carta pastoral seguida de um mandato, o arcebispo de Montreal, Paul Bruchési, lançava a "cruzada contra a intemperança"[4]. Em 1919, o governo de Quebec adotava uma lei sobre a proibição total do consumo do álcool para ser cumprida em 1º de maio do mesmo ano, mas, por conta de um referendo feito pelo próprio governo sobre o assunto, a maioria dos quebequenses votou a favor da exclusão da cerveja, do vinho e da cidra na Lei da Proibição. O Quebec era, portanto, a única província canadense em que a proibição não foi total.

A consolidação da cruzada científica contra o alcoolismo na região ocorreu entre os anos 1950 e 1960. Os anos 1950 constituíram-se como a primeira década, após a Segunda Guerra Mundial, em que a América do Norte se industrializava e as usinas recrutavam trabalhadores sóbrios. Era a época em que se cultivava os ideais de progresso, de modernidade e de futuro, tudo isso alicerçado no aumento do neonacionalismo laico entre os intelectuais, ancorado na construção política de uma identidade quebequense francófona na América.

Porém, na busca desse ideal de um futuro próspero para a nação, a Igreja Católica continuava a se reaproximar do mundo científico. Para Gilles Bourque, Jules Duchastel e Jacques Beauchamin: "Não vamos apenas proclamar a Igreja Católica acolhedora, mas a representar como parte colaborativa com a ciência, às vezes iniciadora em certa metida do progresso moderno do conhecimento científico. Fala-se da 'ciência' do padre e da 'ciência social católica'"[5].

A colaboração entre os padres católicos e os médicos, sobretudo os psiquiatras, exerceu, portanto, um papel importante na cruzada científica contra o alcoolismo. Novas disciplinas científicas se juntavam à medicina para combater o mal do alcoolismo, no mesmo momento em que a religião era copartícipe na cena médica. Ainda com Pierre Brisson: "De fato,

---

4 Voisine (1990).

5 "On ne voudra pas seulement proclamer l'Église accueillante, mais la représenter comme partie prenante de la science, voire l'initiatrice en quelque sorte des progrès modernes de la connaissance scientifique. Plusieurs énoncés tiendront ainsi à se réapproprier la notion de science. On parlera de 'science' du prêtre et de la 'science sociale catholique'" (Bourque; Duchastel; Beauchamin, 1994, p. 264-265).

a equipe de tratamento das clínicas e das unidades de reabilitação da época tinha como colaboradores cinco parceiros: o médico, o conselheiro espiritual, o psiquiatra, o enfermeiro e o assistente social"[6].

Velhas questões eram postas em dia. O alcoolismo era visto como uma doença provocada por uma desordem moral que causava o esquecimento do dever patriótico, a falta de responsabilidade, a violência doméstica, o crime e os excessos. Esse "*male habitus*" deveria ser combatido em nome de uma nação sóbria e responsável, como atestavam vários documentos daquela época.

Nos boletins *Informations sur l'alcoolisme,* publicados nos anos 1960, velhas questões eram colocadas por médicos, cientistas, padres, sanitaristas, autoridades governamentais e membros das sociedades de temperança. O cientista Roger Richard (1965) se perguntava se havia possibilidade para que o alcoólatra retomasse seu "lugar normal" na sociedade, na família e no seu meio de trabalho. O presidente do comitê provincial de segurança nas estradas, Armand Rioux (1965), se interrogava quando os cientistas iriam decidir estudar, enfim, de maneira objetiva, a implicação do álcool nos acidentes nas estradas. Finalmente, o sociólogo Jean-Marc Bernard (1968) expeculava se existiria um limite para o aumento do consumo, se seria possível chegar o dia de uma otimização no consumo para a população.

Essa cruzada científica contra o alcoolismo foi inspirada pelo médico André Boudreau, um dos pioneiros nos estudos biomédicos sobre o alcoolismo no Quebec, que irá responder ao apelo por interdisciplinaridade do cientista americano Jellinek. Considerava-se que o alcoolismo era uma doença progressiva e degenerativa que acompanhava uma perda de controle e uma incapacidade de se abster de beber em excesso. Os médicos quebequenses conjugavam essa definição com as abordagens espirituais da Associação dos Alcoólicos Anônimos (AAA) em que a confissão em clínica, sobre a impotência do alcoólatra, seria o primeiro passo para a cura e a sobriedade.

Os médicos, confrontados a uma sociedade que se industrializava rapidamente e que passava a conhecer novas drogas, adotavam a pers-

---

6 "De fait, l'équipe de traitement des cliniques et des unités de réadaptation de l'époque met à contribution cinq partenaires: le médecin, le conseiller spirituel, le psychiatre, l'infirmière et le travailleur social" (Brisson, 2000, p. 16).

pectiva da prevenção tendo como principal meta conter o comportamento excessivo dos jovens, compreendidos como o futuro da nação. A cruzada científica interdisciplinar contra essa faixa etária tinha como método a intervenção desde a pequena infância. Ela se insinuava, sobretudo, no meio escolar, fazendo a promoção da educação preventiva. Na seção "Considérations sur l'éducation des jeunes en maitère d'alcoolisme", do boletim *Informations sur l'alcoolisme,* Pierre-Arnaud Marquis assinalava: "A prevenção deve ser uma das principais preocupações desses que querem lutar contra o alcoolismo. Esta prevenção deve ser precoce, pois é difícil motivar uma atitude em um sujeito que já ultrapassou o período da adolescência"[7].

Em 1971, o médico Boudreau publicava uma obra que se tornaria clássica, *Connaissance de la drogue*, na qual buscava ditar as regras de conduta aos jovens que, segundo ele, não pensavam sobre o futuro, em função das drogas e do alcoolismo: "Para os jovens, o problema é mais complexo. Em geral, o consumo entre eles não tem como origem uma prescrição precisa [...]. As drogas variam segundo os estados de espírito e para muitos elas não são que um produto passageiro"[8].

Para as campanhas de prevenção, juntava-se um curso de verão – única fonte de formação universitária francófona sobre o tema – na Universidade de Sherbrooke, ofertado aos especialistas no intuito de aprimorar o combate. Os inscritos no curso eram, cada vez com mais frequência, europeus que vinham procurar especialização, completando, assim, um estágio na rede de clínicas Domrémy[9].

Um dos pioneiros em ciências sociais, que procurava colaborar com os médicos na contenção do alcoolismo, foi o antropólogo nacionalista Marc-Adélard Tremblay, professor na Universidade Laval. Tremblay foi

---

7 "La prévention doit être une des principales préoccupations de ceux qui veulent lutter contre l'alcoolisme. Cette prévention doit être précoce car il est difficile de motiver une attitude chez un sujet qui a franchi la période d'adolescence" (Marquis, 1966, p. 9)

8 "Pour les jeunes, le problème est beaucoup plus complexe. Em général, leur consommation n'a pas comme origine une prescription precise. [...] Pour eux, les drogues varient selon les états d'esprit et pour plusieurs, ne seront qu'un produit passager" (Boudreau, 1971, p. 36).

9 Fundada em 1955, a clínica Domrémy foi a primeira clínica de tratamento em toxicomania no Canadá. Associada aos ciclos Lacordaire, ela representava uma mescla de movimentos de temperança com intervenções de intelectuais laicos nacionalistas e prescrições médicas.

influenciado por Robert Merton, sociólogo americano da linha de Émile Durkheim, que desenvolvia teorias sobre o desvio social e a anomia, argumentando que os desejos e as aspirações dos homens foram inculcados pela cultura como Durkheim havia proposto para o conceito de sociedade. No conjunto de argumentos de Tremblay, encontrava-se os mesmos conceitos que foram desenvolvidos por Durkheim e Merton, tais como controle social, desvio social, disfunção social, taxas de normalidade e de cormobidade, condutas normais e patológicas, desregramento social, anomia e a separação entre sociedade e indivíduo. Ele foi também influenciado pelo Rutgers Center of Alcohol Studies americano, o anteriormente denominado Yale Center of Alcohol Studies, antiga American Medical Temperance Society, em que o americano Jellinek era uma das figuras eminentes.

Em 1961, o Comité d'études et d'information sur l'alcoolisme (CEIA) – do Ministério da Família e do Bem-estar Social, constituído por médicos, cientistas, representantes de indústrias de bebidas, de escolas secundárias, de universidades, de agricultores católicos, de políticos, de padres e de militantes dos movimentos de temperança – lançava o *slogan* "Um povo sóbrio é um povo forte!", no mesmo momento que se iniciava as primeiras pesquisas sociais concernentes ao alcoolismo no Quebec.

Em 1963, Tremblay foi nomeado diretor científico do CEIA e passou a dirigir a elaboração de um plano diretor para os estudos sociais sobre o alcoolismo. Esse plano era centrado no esforço para coordenar um conjunto de pesquisas socioculturais no domínio dos estudos sociais sobre o alcoolismo, em colaboração com os estudos biomédicos do Service médical sur l'alcoolisme do Ministério da Família e do Bem-estar Social. O antropólogo visava estabelecer as prioridades das pesquisas sociais para o Quebec, a saber: um conjunto de atividades científicas sobre domínios particulares (ciências humanas e sociais), sobre setores de pesquisas de uma ou de outra disciplina (sociologia da cultura de massa, econometria, antropologia psicológica, patologia social etc.) e sobre problemas particulares no interior de um dado setor (problema do alcoolismo no setor de patologia social). Finalmente, em colaboração com o governo, ele apontava as consequências psicopatológicas e socioculturais na vida diária dos alcoólatras, tais como a desvalorização da imagem de si, uma baixa no *status* socioeconômico e a deterioração das relações interpessoais.

Apostando nesse ambicioso programa de pesquisa, o CEIA investia em programas educativos e preventivos que eram ofertados nas escolas,

nas universidades e nos meios de comunicação, rádio e televisão. O comitê contribuiu para a consolidação da cruzada científica contra o alcoolismo, procurando educar o povo, inculcando o ideal de um futuro progressista sóbrio e forte.

Uma dezena de estudantes em ciências sociais da Universidade Laval e da Universidade de Montreal passava a colaborar com pesquisas no CEIA e a proceder com coleta de dados científicos concernentes ao consumo de álcool e ao alcoolismo por toda a província. Na Universidade Laval, as pesquisas eram dirigidas por Tremblay, apresentando uma imagem objetiva no domínio dos estudos sociais sobre o alcoolismo. Estudantes e pesquisadores falarão de patologia social (Laforest, 1968), de deterioração cultural (Vachon, 1968), de desorganização social (Charest, 1970) traçando, portanto, um panorama nacional negativo dos que bebiam em excesso. Os resultados desses trabalhos foram publicados na revista *Toxicomanies*[10].

Em 1964, o antropólogo Paul Charest, professor na Universidade Laval, foi financiado por uma companhia privada a executar uma pesquisa sobre alcoolismo na região rural e industrial do Baixo São Lourenço. O antropólogo Marc-Adélard Tremblay e o sociólogo Gérald Fortin, ambos professores na Universidade Laval, publicavam a obra *Les comportements économiques de la famille salariée au Québec,* questionando o custo do consumo de álcool por mês, seguindo a linha de Halbwachs e o empirismo de Merton. O sociólogo Jean-Marc Bernard apresentava um inventário de fontes de informações sobre o alcoolismo intitulado *L'alcoolisme au Québec: inventaire des sources d'informations et des instituitions traitantes* e H. Langlois e N. Lessard lançavam o artigo "Étude de l'influence de la publicité des brasseries sur les usagers de la télévision canadienne-française", que tratava da importância da impressa. Em 1968, Tremblay publicava ainda o artigo "Recherches et éducation dans le domaine de l'alcoolisme: éléments de synthèse", na revista *Toxicomanies,* orientando as pesquisas e as intervenções sociais nos programas educativos de natureza preventiva. A chamada desintegração cultural das populações

10 A revista *Toxicomanies* era subvencionada pelo Ministério das Questões Sociais e pelo Ministério da Justiça do Governo do Quebec e dirigida pelo médico André Boudreau, que teve um papel importante na divulgação científica de textos em ciências sociais nessa cruzada científica quebequense contra o alcoolismo.

indígenas pelo alcoolismo (Vachon, 1968) também foi objeto das pesquisas sociais nesse período.

Em 1970, o antropólogo Paul Charest, publicava o artigo "La consommation des boissons alcooliques sur la Basse-Côte-Nord du Saint-Laurent". Charest, como muitos outros antropólogos quebequenses dessa época, centrava-se sobre padrões de comportamento para estabelecer as características socioculturais do alcoolismo. Ele associava o alcoolismo aos roubos em residências, em que os jovens da Basse-Côte-Nord eram os mais implicados. O antropólogo fazia menção aos distúrbios nas famílias dos que bebiam excessivamente e, por consequência, à miséria humana proveniente desse consumo. Para ele, o consumo moderado não constituía um problema.

Ainda nos anos 1960, portanto, a colaboração interdisciplinar entre os médicos e os cientistas sociais sobre as várias desordens causadas pelo alcoolismo foi fundamental para inaugurar a cruzada científica contra o alcoolismo na província. Ela nasceu do fato que os médicos, os primeiros pesquisadores no domínio dos estudos sobre o alcoolismo no Quebec, passaram a alinhar-se ao modelo interdisciplinar de alcoolismo proposto pelo americano Jellinek. Foi questão de conceber o alcoolismo como doença crônica e a buscar causas psicopatológicas e socioculturais que pudessem explicar esse fenômeno.

Porém, no início dos anos 1970, os médicos quebequenses começavam a perder terreno, pois a medicina deixava de ser a principal disciplina associada aos estudos sobre o alcoolismo em detrimento do avanço de um modelo psicossocial sobre o fenômeno, este encabeçado por psicólogos. Para Amnon Jacob Suissa: "Se o discurso tradicional da doença pretende que o alcoolismo é devido a 40% de carências fisiológicas, restam 60% a explicar por outros fatores"[11]. Porém, o modelo psicossocial tinha uma limitação: ele se limitava ao plano clínico.

Os psicólogos haviam posto em questionamento todos os determinantes fisiológicos do alcoolismo enquanto doença crônica, anunciados pelos médicos, para se concentrarem, em clínica, sobre os aspectos ligados à personalidade, à história social e à psicológica do sujeito, da família,

---

11 "Si le discours traditionnel de la maladie prétend que l'alcoolisme est dû, à 40%, aux carences physiologiques, il reste 60% à expliquer par d'autres facteurs" (Suissa, 1998, p. 114).

do nível socioeconômico e às características do indivíduo em termos de abusos, de negligência na infância e da história do consumo. Vangloriavam-se de um modelo psicossocial pioneiro, diferente do modelo americano centrado na perspectiva cognitiva-comportamental e no modelo de Minnesota[12] (12 etapas) ou do europeu, em que a psiquiatria e a psicanálise eram as linhas de frente. Os psicólogos quebequenses apontavam ainda que eles se distanciavam do modelo proposto pela AAA, centrado na abstinência total, ou que eles se situavam entre todos esses modelos, já que a questão agora não era apenas as causas fisiológicas ou a abstinência total do alcoólatra, mas a "problemática", em clínica, do psicossocial da dependência.

A reforma nos anos 1970 e a criação do Ministério da Saúde e de Assuntos Sociais contribuíram para a emergência e a consolidação do modelo psicossocial nessa época, transferindo, portanto, a questão da toxicomania do registro da saúde para o dos serviços sociais. Essa reforma permitiu, entre outras coisas, deslocar o centro de gravidade dos serviços internos para os externos.

Em 1972, assistia-se à criação de Centros Locais de Serviços Comunitários (CLSC), de Departamentos de Saúde Comunitária (DSC), de Conselhos Regionais de Saúde e de Serviços Sociais (CRSS) e de Centros de Serviços Sociais (CSS) com a missão de assegurar as políticas estatais; um certo número se torna centros de acolhimento com a missão de readaptação e de reinserção, segundo a nova perspectiva em voga, a abordagem psicossocial. Além disso, o movimento dos Alcoólicos Anônimos também ganha verdadeiramente uma amplitude. O modelo psicossocial abria-se, portanto, a sua dimensão multivariável: "A virada psicossocial teria também contribuído no desenvolvimento de uma intervenção por esferas [...]. Esse tipo de intervenção permite, assim, ter em conta várias

12 Para Fábio Augusto Ferreira Marques: "O Método Minnesota é um modelo de tratamento direcionado ao dependente químico com uma abordagem biopsicossocial do indivíduo, sendo eficaz no combate aos principais mecanismos de defesa da doença (negação, racionalização, projeção, orgulho), que aliado à prática dos 12 passos, onde o indivíduo dentro de um processo de autoconhecimento desenvolve a prática da fé e conecta-se com um Poder Superior da sua compreensão, formam um alicerce espiritual da recuperação do dependente químico" (Marques, 2018).

variáveis. Os serviços estavam preparados para responder a um número maior de necessidades clínicas"[13] .

Em 1975, psicólogos decidiram que a toxicomania não seria em psiquiatria, mas em readaptação e seria autônoma, independente e associada ao modelo psicossocial. Retirando dos médicos o monopólio da assistência em toxicomania para transferi-lo aos interventores psicossociais. Já em 1976, o Ministério das Questões Sociais publicava um documento de orientação intitulado *L'usage et l'abus des drogues: un aperçu global.* Ficava claro que o governo lançava um apelo aos interventores para que eles colocassem em prática o modelo psicossocial na luta contra a toxicomania na província. Podia-se dizer que esse modelo psicossocial ampliava a participação das ciências humanas e sociais, mas dessa vez ele entregaria a direção da cruzada científica contra o alcoolismo aos psicólogos. Sociólogos e antropólogos vão, portanto, colaborar fazendo a junção entre os fatores psicológicos e os fatores socioculturais referentes a esse agravo.

O psicólogo Dollard Cormier, professor na Universidade de Montreal, assumia a direção do Laboratoire de Recherche sur l'Abus d'Alcool et de Drogues, do Departamento de Psicologia, enquanto enfermeiros e assistentes sociais organizavam as primeiras atividades preventivas nas escolas. Em 1976, a Commission des Écoles Catholiques de Montréal (CECM) organizava a primeira de uma série de pesquisas sobre o consumo no meio escolar. No que concernia à readaptação, a comunidade do Portage era o modelo[14].

No trato da antropologia do alcoolismo produzida no Quebec, os antropólogos Gisèle Labrie e Marc-Adélard Tremblay (1977) passaram a adaptar suas próprias pesquisas aos contextos psicológicos e socioculturais, os quais viviam o alcoólatra, para determinar as causas da dependência. Afirmando que a etiologia do alcoolismo era multidimensional, eles acentuavam a importância do meio sociocultural para melhor

---

13 "Le virage psychosocial aurait aussi contribué au développement d'une intervention par sphères [...]. Ce type d'intervention permet dès lors d'offrir des services qui soient en mesure de répondre à un nombre plus important de besoins cliniques" (Plourde; Quirion, 2010, p. 12).

14 O Portage era uma comunidade hierárquica alicerçada sobre a reeducação e a reinserção do toxicômano, se valendo de várias fontes: tradição da AAA (confissão pública e enquadramento para os ex-toxicômanos), behaviorismo e psicologia humanista (Brisson, 2000).

compreender as questões psicossociais. Eles exploravam ainda os fatores intrínsecos que levavam o alcoólatra – em sua bagagem fisiológica e em sua personalidade –, assim como os fatores extrínsecos, associados ao meio social, família, escola, vizinhança, grupo de amigos e colegas de trabalho, em suma todos os elementos de uma cultura, a sucumbir ao alcoolismo.

A impressa, por sua vez, tinha um papel importante nessa cruzada científica. Na revista *Toxicomanies,* na seção "Faits et Opinion", podia-se ler um artigo de Boudreau, no qual o médico quebequense orientava as mensagens publicitárias sobre o consumo de álcool na província. Para Boudreau: "A publicidade deve ser verdadeira, estética e moderada. [...] Devemos manter o poder de interditar toda publicidade sobre bebidas alcoólicas que não seja de bom tom"[15].

No final dos anos 1970, os interventores associados ao modelo psicossocial discursarão cada vez mais sobre a livre escolha do alcoólatra, ao mesmo tempo que se percebia uma abordagem centrada no estilo de vida dos grupos de risco. No início dos anos 1980, assistia-se também à aparição de novos tipos de excessivos: os portadores do HIV. A aids era associada à quantidade excessiva de parceiros e ao esquecimento do dever de usar preservativo no intercurso sexual, provocando risco ao corpo do acometido e à nação. Tratava-se da emergência de um modelo centrado nas condutas individuais.

Por meio da difusão do conceito científico de grupo de risco, professores da Universidade de Montreal e da Universidade de Sherbrooke consolidavam programas de toxicomanias. Os psicólogos Dollard Cormier e Louise Nadeau, professores na Universidade de Montreal, foram figuras importantes nesse sentido ao ponto que, em 1997, o Centre de Réadaptation en Dépendance de Montréal (CRDM) passava a ser conhecido com o nome de Centre Dollard-Cormier. Ele era a fusão de três centros especializados em toxicomania e alcoolismo no Quebec: Alternatives, Domrémy-Montréal e Préfontaine[16]. Esses psicólogos publicarão obras sínteses

---

15 "La publicité doit être vraie, esthétique et modérée. [...] On devrait maintenir le pouvoir d'interdire toute publicité sur les boissons alcooliques qui ne serait pas de bon goût" (Boudreau, 1976, p. 253).

16 Disponível em: https://fondationdependances.org/la-fondation/#apropos. Acesso em: 25 nov. 2024.

sobre os estudos interdisciplinares em toxicomanias, cujo alcoolismo também era objeto.

Em 1981, a psicóloga Louise Nadeau tornava-se responsável pela emissão do certificado em toxicomanias da Universidade de Montreal. Sob influência de um artigo do psicólogo, advogado e psicoterapeuta Stanton Peele, intitulado "Addiction", publicado em 1977, ela entrou em contato com o colega Pierre Lamarche, do Ministério da Saúde, e juntos buscaram fundos no ministério para financiar a tradução desse artigo que se tornava, naquela época, a principal referência de toda uma geração de interventores em toxicomania no Quebec. O artigo será traduzido do inglês para o francês em 1982, com o título "L'expérience de l'assuétude". Peele apresentava a dependência como uma experiência, para ele, o que contava eram os aspectos subjetivos e fenomenológicos da experiência do dependente, permitindo evidenciar como a subjetividade podia contribuir a estruturar a vida do dependente. A toxicomania era, assim, uma maneira de viver, de enfrentar o mundo e a si mesmo, de interpretar suas experiências, e essa maneira de viver dependia da atitude do dependente sobre ele mesmo e a vida, decorrente das experiências da infância, da personalidade e do contexto social.

No momento que o artigo foi traduzido e difundido no Quebec, em 1984, o psicólogo Dollard Cormier, que tinha feito seu doutorado com Carl Rogers, lançava a obra *Toxicomanies: styles de vie,* apresentando uma abordagem histórica, humanística, rogeriana, peeleana, fenomenológica e centrada na autoatualização do dependente. Traçando a fenomenologia do vício, o psicólogo propunha uma nova via analítica na qual o dependente era responsável pela construção de sua própria doença crônica em função de seu estilo de vida.

Cormier lançava, em 1989, uma outra obra que se tornou clássica, *Alcoolisme, abstinence, boire contrôlé, boire réfléchi,* reservada exclusivamente ao alcoolismo. Ele produziu uma síntese das características psicossociais do alcoolismo para demonstrar a importância da colaboração interdisciplinar para conter certos estilos de vida. Para o psicólogo, o beber controlado remetia a um exercício de controle externo enquanto o beber refletido ao controle interno do dependente[17].

---

17 Para Chantal Plourde e Bastien Quirion: "Se Peele atacou, sobretudo, o *establishment* dos médicos, Cormier privilegiou o ataque ao modelo de doença vinculado pelo movimento

Quanto à contribuição da psicóloga Louise Nadeau, ela publicou várias obras nas quais encontravam-se sínteses de pesquisas em alcoolismo e em outras toxicomanias, sobretudo entre mulheres alcoólatras. Sob influência de Peele, ela traçava tabelas estatísticas sobre o estilo de vida de mulheres alcoólatras. Na sua obra *Les femmes et l'alcool en Amérique du Nord et au Québec,* publicada em 1984 e escrita com a colaboração de Celine Mercier e de Lise Bourgeois, apontava que as mulheres alcoólatras tinham uma baixa estima de si mesmas em paralelo aos homens alcoólatras. O alcoolismo e a depressão tinham uma prevalência elevada entre elas.

Em uma outra obra consagrada ao alcoolismo, *Vivre avec l'alcool: la consommation, les effets, les abus,* publicada em 1990, Nadeau discorria sobre o estilo de vida de mulheres e de homens temperantes que aplicavam o princípio segundo o qual a moderação era de bom tom. Ela tratava também da "erosão psicológica" causada pelo consumo excessivo. Na introdução da obra, sob o título curioso "L'alcool, ami ou ennemi?" ("O álcool: amigo ou inimigo?"), Nadeau perguntava e já respondia aconselhando aos alcoólatras se protegerem contra o inimigo que era o excesso. Ela valorizava a moderação: "É preciso bem dizer que os homens e as mulheres temperantes, capazes de parar após um ou dois copos de álcool, aplicam, sem dúvida, para outros setores da vida, o grande princípio segundo o qual a moderação é de bom tom"[18]. Ela ressaltava também a questão das quantidades apropriadas no consumo. Por fim, a psicóloga apontava que o consumo excessivo de álcool poderia servir como desculpa a alguém que desejasse encontrar uma razão para se liberar e desculpar sua própria conduta.

Sob influência de Peele, Cormier e Nadeau, os antropólogos quebequenses, em colaboração, voltavam-se agora para a identificação do alcoólatra como um modo de vida. Eles preferiam empregar o termo "modo

---

dos Alcoólicos Anônimos. Ele permitiu que nos liberássemos, no Quebec, do dogma da abstinência e da hegemonia da AAA". Do original: "Alors que Peele s'est attaqué surtout à l'*establishment* des médecins, Cormier s'en est surtout pris au modèle de maladie tel que véhiculé par le mouvement des Alcooliques Anonymes" (Plourde; Quirion, 2010, p. 17).

18 "Il faut bien dire aussi que les hommes et les femmes tempérants, capables de s'arrêter après un ou deux verres d'alcool, appliquent sans doute à d'autres secteurs de leur vie le grand principe selon lequel la modération a bien meilleur goût" (Nadeau, 1990, p. 49).

de vida" (valores culturais de um grupo) em vez de "estilo de vida" (escolha de um indivíduo), introduzindo o alcoolismo como algo também culturalmente construído, colaborando, assim, com o modelo psicossocial. Por exemplo, na obra *Culture et cancer, produire le sens de la maladie,* publicada em 1988, Francine Saillant, antropóloga e professora na Universidade Laval, apontava que o câncer era mais que um corpo, mais que um veículo de sintomas ou um papel a assumir temporariamente, mais que um simples comportamento, era, sobretudo, um modo de vida. Ela buscava a consolidação de uma antropologia clínica ou psicológica: "A atividade clínica, de tipo antropológica, consiste em identificar as categorias culturais em uso pelos que tratam das doenças e a compreender o modo de organização"[19].

Ainda na esteira de uma antropologia clínica ou psicológica, a obra *Dérives montréalaises, à travers des itinéraires des toxicomanies dans le quartier Hochelaga-Maisonneuve,* publicada em 1995 por Gilles Bibeau e Marc Perrault, antropólogo e farmacêutico respectivamente, ambos professores na Universidade de Montreal, construía o sujeito "nós" toxicômano. Os autores abordavam os problemas dos toxicômanos a partir de um envelope identitário socioindividual da pessoa. Para identificar esse sujeito toxicômano, eles deslocavam o olhar da clínica discursando, dessa vez, sobre um sujeito "nós", antes que sobre um "eu", e os problemas socioindividuais que daí decorrem.

Nos anos 1990, víamos a adoção de um modelo humanístico denominado redução de danos. Com esse modelo, uma nova investida dos partidários do modelo psicossocial apareceu no Quebec, no momento em que a aids e as drogas injetáveis se faziam presente em todo Ocidente. Por danos, o antropólogo Raymond Massé (2013), professor na Universidade Laval, acrescentava que eles não se referiam aos comportamentos, às práticas ou aos hábitos de vida em si (o consumo de droga, por exemplo, não é um dano), mas, antes de tudo, às suas consequências diretas ou indiretas sobre este ou aquele que os praticavam.

Em junho de 1990, o Comité Toxicomanie-SIDA para a redução de danos surgia no Quebec. O toxicômano não era mais um desviante, mas um doente

---

19 "L'activité clinique de type anthropologique consiste donc à identifier les catégories culturelles en usage par les soignés et les soignantes et à en saisir le mode d'organisation" (Saillant, 1988, p. 58).

que precisava ser controlado em seu comportamento em prol do interesse da sociedade (Brisson, 2000).

Nessa época, o conceito de alcoolismo era muito abrangente e não se estabelecia a distinção entre o consumo excessivo do álcool e o uso de drogas. Novos trabalhos foram publicados por grupos de sociólogos, de antropólogos e de psicólogos que se alinhavam ao modelo de redução de danos. Tratava-se de uma abordagem humanística que não procurava a abstinência total a curto prazo e que discursava sobre "dignidade humana", o "respeito" e os "direitos" dos consumidores de droga e álcool.

Um exemplo desse modelo, associado à redução de danos no consumo excessivo de álcool, foi o relatório intitulado "L'approche de réduction des méfaits: sources, situation, pratiques", divulgado pelo Comité permanent de la lutte à la toxicomanie do Ministério da Saúde e dos Serviços Sociais. Ele foi redigido por Pierre Brisson, em 1997, partindo de princípios e regras para uma otimização da gestão dos usos, a saber: controle da dosagem e da qualidade dos produtos, atenção colocada sobre a frequência e os motivos do uso, escolha dos ambientes e dos modos de consumo apropriados, entre outros.

Centrava-se nos produtos de substituição para reduzir o consumo de bebidas com alto teor alcoólico, seguindo a lógica da abordagem de redução de danos. Brisson argumentava que a naltrexona poderia ajudar no tratamento de problemas com o álcool. Ele apontava também que modificações ou deslocamento dos locais de consumo assim como intervenções públicas (comunitárias, políticas e policiais) poderiam minimizar os riscos e as consequências do consumo de produtos legais. Para tanto, o psicólogo apresentava um plano de medidas para reduzir os danos do consumo excessivo de álcool por meio de mudança na mobília do bar, na disponibilidade de instrumentos de autoavaliação de alcoolemia, no controle do sistema de estacionamento dos veículos e de pílulas para gerar o controle dos medicamentos. Em seguida, ele acrescentava um plano de medidas comunitárias a partir da formação dos garçons e a aplicação de políticas encorajando a moderação nos estabelecimentos, da efetivação de serviços de acompanhamento dos que bebiam excessivamente até suas casas, do transporte público ou do sistema de taxistas designados. Finalmente, um plano de medidas políticas, a saber: rever todas as formas de regulamentos sobre o álcool susceptíveis de ter um impacto sobre os riscos ou sobre as consequências negativas, tais como

os limites de idade, as horas de aberturas do bar, as taxas, os delitos associados ao dirigir alcoolizado, entre outras. Tratava-se, sobretudo, de "melhorar" a gestão do consumo social de álcool construindo, assim, uma "cultura responsável".

A abordagem de redução de danos tinha como síntese uma ação sobre as "consequências nocivas" do uso do álcool (perigos e prejuízos) favorecendo a responsabilização individual e coletiva, por meio do humanismo e da promoção da saúde[20]. Essa abordagem foi inspirada na Declaração Universal dos Diretos Humanos. Ela orientava os programas sanitários no Quebec com a finalidade de aprimorar o arcabouço de gestão sobre os comportamentos de risco.

Se o alcoólatra era identificado como um dependente, não se podia evitar o mal que ele sofria, mas se podia reduzir os danos. No modelo de redução de danos, os alcoólatras eram sujeitados às regras de uma "nova política de saúde pública", baseada nos direitos humanos e na autonomia dos indivíduos. Falava-se de uma "aculturação" do cidadão a uma nova cultura sanitária[21].

O modelo de redução de danos seguia quatro princípios básicos: o humanismo, a tolerância inicial ao consumo do álcool não excessivo, o pragmatismo e o utilitarismo. No que dizia respeito ao humanismo, tratava-se de um discurso que visava o "melhoramento" do alcoólatra pela autonomia, para que ele pudesse reduzir os danos "sem negar toda pertinência aos interventores visando a abstinência ou sem negar toda pertinência a um discurso proibicionista"[22]. No trato da tolerância inicial, Paul-André Lévesque (2013) apontava que ela supunha o interdito, e que se institucionalizava no governo sobre a base de justificações próprias ao desenvolvimento de dispositivos de segurança dentro das sociedades

---

20 Brisson (1997, 2000).

21 Para Raymond Massé: "O modelo de redução de danos repousa sobre uma redefinição normativa da noção de risco e [...] não prega nada menos que uma aculturação do cidadão a uma nova cultura sanitária fundada sobre o fundamento do valor saúde e de uma racionalidade utilitarista". Do original: "Elle repose sur une redéfinition normative de la notion de risque et [...] elle n'appelle rien de moins qu'une acculturation du citoyen à une nouvelle culture sanitaire fondée sur le primat de la valeur santé et d'une rationalité utilitariste" (Massé, 1999, p. 6-8).

22 "Sans nier toute pertinence aux interventions visant l'abstinence, voire sans nier toute pertinence à un discours prohibitionniste" (Massé, 2013, p. 4).

liberais. Quanto ao pragmatismo, era dito que o pesquisador poderia observar empiricamente a "evidência" dos danos causados pelo consumo excessivo de álcool. O olhar do pesquisador era, portanto, legitimado pela chamada "evidência do vivido". Finalmente, o utilitarismo valeria para "maximizar o bem-estar" dos alcoólatras e da população em geral.

A proposta inicial de redução dos danos foi sendo gradualmente modificada pelos programas governamentais. À medida que essa estratégia foi aproveitada pelos órgãos públicos, em grande escala, assistia-se a uma reconfiguração na lista dos eventos indesejáveis a prevenir. Os danos se mediam, agora, em uma escala coletiva e não mais ao nível individual (Quirion, 2002). Passava-se, portanto, da abordagem da redução dos danos para a gestão de riscos coletivos, que visava conter os riscos que constituíam certas populações (Guillet; Brochu, 2005).

Tratava-se, pois, de uma nova lógica de gestão das condutas humanas centrada na neutralização dos riscos, sem que as necessidades individuais dos consumidores fossem realmente consideradas. Procurava-se as causas da popularidade do consumo excessivo permitindo responder a novos imperativos orientados a uma regulação dos problemas sociais por uma lógica de gestão sanitária. Registra-se, de agora em diante, um deslocamento nas finalidades dos mecanismos de regulação, pois o risco não remetia mais a uma fratura social no plano individual, mas a uma ameaça que era assumida coletivamente e atribuída aos comportamentos de grupos ou da população concernida (Quirion, 2002).

A noção de risco coletivo tornava-se central, substituindo a segurança e a proteção das liberdades individuais como escolha das prioridades sanitárias. A ideia de progresso social cedia o passo a uma certa forma de insegurança em face à adversidade[23].

Na primeira década dos anos 2000, o modelo psicossocial ainda estava presente na cruzada científica contra o alcoolismo, porém iniciava-se uma reaproximação com as técnicas empregadas pela AAA. Os profissionais do psicossocial vão facilmente compreender que os movimentos de entreajuda como a AAA permitiam um suporte social que os profissionais

---

23 Para Bastien Quirion: "No plano político, essas mutações se traduzem pela passagem do Estado Providência a um Estado do tipo social-securitário". Do original: "Au plan politique, ces mutations se traduisent par le passage de l'État providentialiste à un État de type social-sécuritaire" (Quirion, 2002, p. 483-484).

não podiam ofertar. Havia, portanto, uma complementaridade de serviços. O modelo biomédico também receberá menos desconfiança, pois os profissionais do psicossocial partiam do desejo de ultrapassar a polarização entre os aspectos biomédicos e psicossociais. Era preciso que o modelo psicossocial cessasse de se sentir ameaçado pelo modelo biomédico para se abrir às numerosas dimensões, se ele desejar conservar sua pertinência. Essa constatação nascia da observação de pacientes que manifestavam, em paralelo ao consumo excessivo de álcool, "sofrimento mental", por vezes severos. Para Chantal Plourde e Bastien Quirion: "Essa necessidade dos interventores psicossociais de dominar os diagnósticos os obrigaram a 'não tratar nossos amigos psiquiatras como se eles fossem pessoas más, perigosas e inúteis'"[24]. As técnicas motivacionais foram, portanto, recuperadas e era percebido, cada vez mais, pacientes com comorbidades e se automedicando.

Na política quebequense, os líderes políticos passaram a ter uma convicção mais acentuada quanto à importância de executar pesquisas e de apoiar os interventores sob a base de uma medicina baseada em evidência. A genética e a neurociência passavam, assim, a ganhar mais incentivos. Nadeau, adepta do modelo psicossocial, falava até de uma "revolução do cérebro": "A 'revolução do cérebro' e a chegada de novas tecnologias, tais como a ressonância magnética do crânio, nos tem permitido fazer novas descobertas no campo da dependência. [...] Com a década do cérebro, há um novo modelo que aparece [...] e nosso olhar sobre o mundo mudou"[25]. Compreendia-se que certas condições do ambiente (negligência, abuso, entre outras) podiam engendrar modificações genéticas que contribuíram a tormar os dependentes mais vuneráveis. Falava-se de "décifits neuropsicológicos". Ainda com Nadeau: "Somos agora capazes de compreender que há locais de dependência no cérebro, que nem todo mundo responde da mesma forma e que há uma estrutura

---

24 "Cette nécessité pour les intervenants de maîtriser les diagnostics les aurait obligés à 'ne plus traiter nos amis les psychiatres comme s'ils étaient des gens menaçants, dangereux et inutiles'" (Plourde; Quirion, 2010, p. 23).

25 "La 'révolution du cerveau' et l'arrivée de nouvelles technologies telles que l'imagerie cérébrale, nous ont permis de faire de nouvelles découvertes dans le domaine de la dépendance [...] Avec la décennie du cerveau, il y a tout un nouveau modele qui arrive. [...] Et là, notre regard sur le monde a changé" (Plourde; Quirion, 2010, p. 26).

biológica da toxicomania onde o *craving* não é uma ilusão"[26]. Identificava-se também os dependentes sem uso de substâncias, os famosos cyberdependentes, contribuindo, assim, a ampliar o quadro e obrigando o modelo psicossocial a se adequar.

Porém, o psicólogo Serge Brochu[27] não via com bons olhos essa virada do modelo psicossocial às neurociências. Citando o trabalho de Lombroso, que considerava o criminoso nato por traços fisiológicos atávicos a partir do crânio, Brochu acrescentava que essa tendência poderia infelizmente significar que os psicólogos, adeptos do modelo psicossocial, tinham se enganado durante todos esses anos consagrados a psicoterapia e que tinham errado em tentar trabalhar sobre a motivação do cliente e sobre a aliança terapêutica. Para ele, a "revolução do cérebro" poderia marcar o fim do sonho humanista.

Um outro psicólogo adepto do modelo psicossocial, Pierre Brisson, percebia a "revolução do cérebro" como um reducionismo do modelo psicossocial ao modelo biomédico, ocupando, portanto, todo o espaço em detrimento da fenomenologia, das abordagens espirituais e das reformas políticas. Para Brisson: "O ser humano risca de ser reduzido a uma série de processos neuroquímicos condicionados aos repertórios comportamentais"[28]. Já para o psicólogo Michel Landry, a virada às neurociências era como uma espécie de pílula, isto é, uma solução fácil e apressada. Para Landry: "Em todo caso, é certo que a tendência para uma solução fácil é sempre procurar uma pílula, mas não estou certo que é esta que precisamos"[29].

Na segunda década dos anos 2000, a neurociência e o modelo psicossocial disputavam a melhor resolução ao problema da dependência e do consumo excessivo de álcool até que, em 2016, este livro, que a leitora e o leitor agora folheiam, foi publicado em formato de tese doutoral no

---

26 "On est d'abord capable de comprendre qu'il y a des sites de dépendance dans le cerveau, et que tout le monde ne répond pas pareil, et qu'il y a une structure biologique à la toxicomanie, et que le *craving*, ce n'est pas une illusion" (Plourde; Quirion, 2010, p. 26).

27 Plourde e Quirion (2010).

28 "L'être humain risque d'être réduit à une série de processus neurochimiques conditionnant des répertoires de comportements" (Plourde; Quirion, 2010, p. 27).

29 "En tout cas, c'est sûr que la tendance de la solution facile c'est toujours de chercher une pilule; mais je ne suis pas sûr que c'est de cela qu'on a besoin" (Plourde; Quirion, 2010, p. 28).

Canadá sob título *Ce qui nous rassemble autour de la "dernière bière": vivre le feeling du moment en Beauce (Québec),* associando todos esses modelos a uma cruzada científica nascida no século XVII, na Inglaterra. A pertinência deste livro tem situado diferentemente a emergência e sucesso do modelo psicossocial no Quebec, como também as pesquisas em biomedicina e em antropologia médica, do álcool e do alcoolismo.

Por exemplo, na obra coletiva *Les catholiques québécois et la laïcité*, organizada por David Koussens e Catherine Foisy, publicada em 2018, mais especificamente no capítulo "De l'esprit des étiquettes de bières: bières, religions et microbrasseries au Quebec", em que a cientista política francesa Sara Teinturier, tratando de símbolos religiosos nas marcas de bebidas artesanais quebequenses e a pertinência do *feeling* do momento entre a população rural da Beauce, passa a apontar a emergência de pensar o consumo do álcool também como uma conexão intensiva do exato instante e do local físico do consumo e não apenas em um plano da dependência (modelo psicossocial). Para Teinturier: "[Trata-se também] de um sentimento de conexão com um local físico reafirmando 'o que nos liga' *hic et nunc*"[30]; enquanto na obra "*Vive le Québec cidre!": le paysage social cidricole québécois – une ethnographie alcoologique,* publicada em 2019, o antropólogo quebequense Anaïs Détolle, após leitura sobre o *feeling* do momento, discorria a relevância histórica da cruzada científica contra o alcoolismo no Quebec e suas implicação na culpabilização bebedores. Para Détolle: "Paulo Rogers Ferreira (2016) demonstra que a abordagem sanitária institucional que associa o consumo a um número máximo de copos por dia não tem impacto real, salvo para aumentar a culpabilidade dos bebedores"[31].

Quando à obra *La bière, entre terroir et savoir-faire local. Une étude de l'ancrage régional des microbrasseries du Bas-Saint-Laurent et de la Gaspésie-Îles-de-la-Madeleine,* publicada também em 2019, o antropólogo quebequense Simon Rioux apontava que "Ferreira etnografou essa política se perguntando por que e como os beaucerons bebem álcool,

---

30 "[Il s'agit d'un] sentiment de connexion avec un lieu physique, en réaffirmant 'ce qui nous rassemble' *hic et nunc*" (Teinturier, 2018, p. 375-376).

31 "Paulo Rogers Ferreira (2016) démontre que l'approche sanitaire institutionnelle qui enjoint la consommation d'un nombre maximum de verres d'alcool par jour n'a pas d'impact réel, sauf pour augmenter la culpabilité des buveurs" (Détolle, 2019, p. 54).

com a trama de fundo dessa cruzada ocidental médica e moral que prescreve o consumo julgado excessivo”[32].

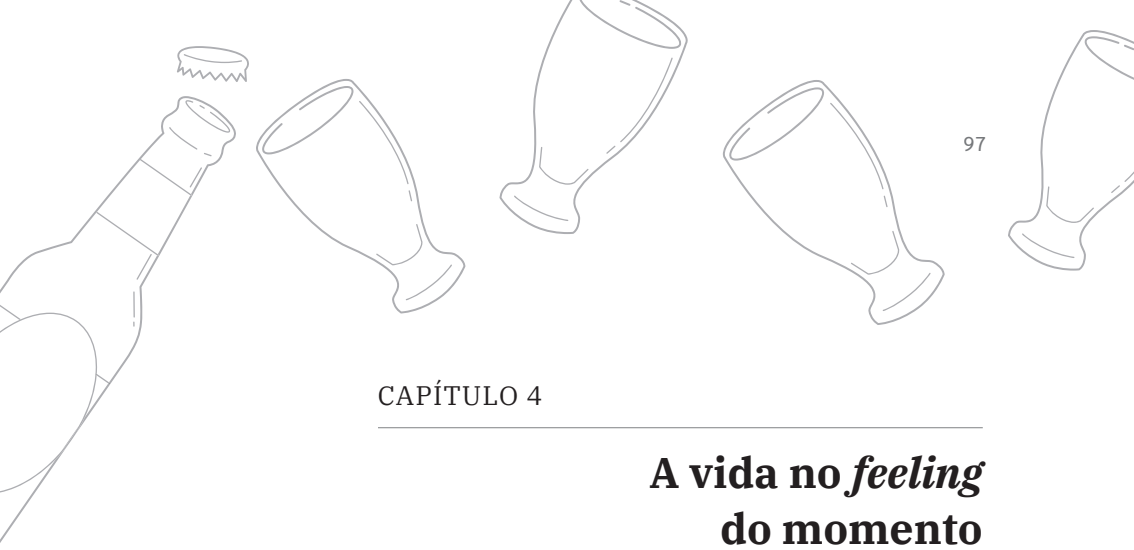
Por fim, em 2021, um grande canal de teledifusão no Quebec, Téléquebec, convidou Paulo Rogers Ferreira para participação em um documentário sob título *L’alcool au Québec*, em que esta obra serve de inspiração. O desdobramento da aparição do conceito de *feeling* do momento, contrariando a cruzada científica quebequense, ainda está em curso na comunidade científica daquele país[33].

32 “Ferreira a ethnographié cette pratique en se demandant pourquoi et comment ces gens boivent de l’alcool, avec en trame de fond cette croisade médicale et morale occidentale qui proscrit la consommation d’alcool jugée excessive” (Rioux, 2019, p. 22).

33 No Brasil, o artigo “Nem saúde, nem doença, hoje eu fico com feeling do momento: uma proposta alternativa ao diagnóstico de alcoolismo” de Marcelo Souza Oliveira (2022).

PARTE II

A vida no ***feeling*** do **momento**



CAPÍTULO 4

A vida no *feeling* do momento

Nos principais jornais quebequenses (Jornal de Montreal, Jornal de Quebec, Jornal Le Soleil, Jornal Le Devoir, La Presse, Beauce.com, Radio-Canada, Radio-Beauce, entre outros), assistia-se a toda uma cruzada midiática contra os que bebiam excessivamente. Por várias vezes, repórteres foram no vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce à busca de bebedores excessivos no intuito de produzir reportagens associadas às políticas de prevenção contra o alcoolismo. Tratava-se da mesma imprensa que produzia reportagens escandalosas associando o consumo excessivo de álcool às desordens fisiológica, econômica, moral, cultural, psicológica e social. Essa imprensa exercia um papel importante, pois ela influenciava o imaginário nacional associado a um pânico moral (Cohen, 2011) sobre as condutas dos que bebiam de forma excessiva.

A política de prevenção contra o alcoolismo era subentendida como a política de prevenção contra as condutas excessivas. Ela se manifestava, sobretudo, pela onipresença de barreiras policiais, *blitz* nas estradas da Beauce. Os policiais anotavam as placas dos carros dos

que passavam mais tempo nos bares a beber para, na saída dos estabelecimentos, interceptá-los com o bafômetro.

Os que bebiam excessivamente compreendiam por *feeling* do momento as sensações intensas e divertidas que eles provavam no momento em que bebiam uma série de cervejas em coletivo. As sensações eram sempre intensas e passageiras, pois elas não duravam que o momento do encontro entre eles e essa duração dependia das intensidades em jogo naquele momento preciso. O *feeling* do momento era o luxo entre os que bebiam excessivamente em Sainte-Brosse-de-Beauce. Ele era a necessidade de aproveitar a vida bebendo em grupo em busca de novas aventuras agradáveis.

No século XIX, vários médicos, religiosos e economistas apontavam a luxúria dos pobres. Eles argumentavam que os pobres não tinham dinheiro para comprar carne para comer, mas tinham para beber nas tavernas e cabarés; em Beauce, no início do século XX, os padres católicos repetiam sem cessar o mesmo discurso[1]. Esse olhar sobre a "luxúria" no consumo excessivo (gastos desnecessários), e não sobre o luxo (provocado pela alegria), causava mal-entendidos na sociedade quebequense que se punha em cruzada contra os excessos no consumo de álcool.

Todos os que bebiam excessivamente sabiam muito bem que o alcoolismo era uma doença crônica e perigosa que podia desfazer o *feeling* do momento do grupo a quelquer momento, quando de uma internação de um bebedor por alcoolismo em clínica de reabilitação ou hospital ou ainda por prisão, ao dirigir alcoolizado. Essa resolução complexificava o conceito de *feeling* do momento, pois sabendo que eles podiam se tornar alcoólatras (fim do *feeling*), os que bebiam excessivamente inventaram estratégias pessoais e coletivas para poder continuar a viver essa sensação intensa antes do fim. No mais, o alcoólatra era compreendido, entre eles, como aquele que não conseguiria trabalhar ou arrumar um emprego na região e, sem emprego, ele não poderia mais custear o seu próprio consumo no *feeling* do momento com os outros. Nenhum bebedor excessivo desejava, portanto, se tornar alcoólatra.

---

1 Ver mais em: Prévost, Gagne e Phaneuf (1986), Daignault (2006), Ferland (2010), Boucher (2011), Cazelais (2014) e Martel (2015).

Eram comuns comentários catastróficos dos que bebiam excessivamente sobre a vida e o futuro dos alcoólatras. Esses comentários estavam relacionados majoritariamente à perda de emprego e à doença provocada pelo alcoolismo. Apesar desse cenário catastrófico, os que bebiam excessivamente apostavam que, na incerteza do momento do beber excessivo, eles poderiam viver o *feeling* do momento sem perder seus empregos ou ficarem doentes, desde que não se tornassem alcoólatras. Essa aposta podia ser traduzida pela vontade deles de viver alguma coisa de especial nessas séries de cervejas em Beauce.

O desejo dos que bebiam excessivamente de viver a incerteza do momento no beber excessivo, como uma aposta positiva da aparição de um *feeling* do momento, sem perda de empregos ou ficarem doentes, causava mal-entendidos e preconceitos na sociedade quebequense, pois tal sociedade associava esse comportamento à dependência. Essa aposta não era uma "fuga da realidade" e nada tinha a ver com ausência de moral ou com alcoolismo. Tratava-se, pois, da primeira estratégia para abertura à vivência de um *feeling* do momento.

O antropólogo esteve no balcão de um bar, por volta das 18 horas, para tentar uma conversa com alguns clientes a fim de compreender o que os conecta a esse consumo excessivo de álcool. Por várias vezes, ele escutou bebedores que falavam de *feeling* do momento e observou que, naquele momento, eles não contavam o número de cervejas que bebiam. Eles aconselharam o antropólogo a deixar-se guiar pelo *feeling* do momento, pois sabiam qual era a melhor maneira de fazer compreender ao pesquisador a conexão desse consumo excessivo de álcool. Pouco a pouco, eles o fizeram compreender que formular questões em público, no momento específico do *feeling,* era uma forma de desfazê-lo bruscamente, pois naquele momento se deveria dar lugar à novidade, ao imprevisível do momento, às sensações e às intensidades agradáveis em jogo e não à "seriedade" de uma pesquisa. Os que bebiam excessivamente o aconselharam a apostar, em meio à incerteza do momento, em um *feeling* alegre sem que o antropólogo precisasse pensar muito se iria "perder seu emprego" na universidade, caso as questões de pesquisa não fossem respondidas, porque se ele muito pensasse, o *feeling* alegre com os outros poderia esvair-se. Um cliente explicou ao antropólogo: "*Continuemos a beber, brasileiro, e aposto que o feeling virá!*". Um outro acrescentou: "*Beba sem nada pensar, brasileiro, e aposto que o feeling virá!*".

Finalmente, uma cliente replicou: "*Se você não parar de fazer perguntas, aposto que o feeling não virá!*".

No final do mês de fevereiro, o antropólogo foi ao bar da arena de hóquei amador. Uma *gangue*[2] de jovens mulheres por volta de 25 anos encontrava-se no balcão a beber. A conversa girava em torno dos homens do vilarejo. Em um certo momento, o antropólogo quase cortou o *feeling* do momento bruscamente, pois, ao invés de embarcar na conversa sobre os homens do vilarejo, ele formulou questões fora de contexto sobre o consumo excessivo de álcool na região e sobre o alcoolismo.

A *gangue* de jovens mulheres desejava sentir e manter o *feeling* do momento, isto é, a conversa agradável sobre os homens do vilarejo. Elas apostavam que essa conversa tornaria a noite divertida e essa diversão duraria o tempo do consumo excessivo entre elas. Percebendo que o antropólogo não parava de fazer perguntas sobre o alcoolismo na região, uma delas chamou a garçonete: "*Garçonete, por favor, uma cerveja para o brasileiro, ele está precisando!*". Uma outra acrescentou: "*Pare de fazer perguntas sobre alcoolismo, brasileiro! Aposto que, se parar de fazê-las, vai entrar no nosso feeling!*". Uma terceira assim concluiu: "*Aposto que o brasileiro também gosta dos homens daqui! Entre no feeling, ora!*". Apostar no *feeling* do momento era, portanto, a primeira estratégia a essa sensação.

Uma segunda estratégia consistia em esquecer ativamente essa cruzada científica, midiática e societal para viver a intensidade do *feeling* do momento. Os que bebiam excessivamente compreendiam por esquecimento ativo[3] o ato voluntário de esquecer, voluntária e temporariamente,

---

2 Em Beauce, os bebedores da região costumam denominar *gangue* um grupo de amigos. Esse termo se popularizou com a frequência de filmes americanos de faroestes que eram exibidos nos cinemas da região entre os anos 1920 e 1930.

3 A inspiração para pensar um esquecimento ativo no *feeling* do momento vem de Friedrich Nietzsche (1971). Por esquecimento ativo, Nietzsche discorre: "Esquecer não é uma simples *vis inertiae*, como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva, no mais rigoroso sentido do termo [...]. Fechar temporariamente as portas e as janelas da consciência; permanecer um pouco a parte do barulho e da luta que levam ao subterrâneo de nossos órgãos, tanto de um com o outro, como de um contra o outro; fazer um pouco de silêncio, de tabula rasa da nossa consciência para dar lugar ao novo". Do original: "L'oubli n'est pas une simple *vis inertiae*, comme le croient les esprits superficiels, c'est bien plutôt une faculté d'inhibition active, une faculté positive dans toute la force du terme [...]. Fermer temporairement les portes et le fenêtres de la conscience; nous mettre à l'écart du bruit et de la lutte que mène le monde souterrain de nos organes, tantôt l'un pour l'autre,

os fuxicos do vilarejo sobre as condutas associadas ao consumo excessivo de álcool, como também o alcoolismo enquanto doença crônica e perigosa, as políticas de prevenção e os problemas pessoais, para abrir espaço ao *feeling* do momento no beber excessivo em coletivo. Tratava-se da faculdade de sentir as coisas enquanto durar o esquecimento ativo. Os que bebiam excessivamente diziam que se eles ficassem lembrando constantemente dessa cruzada arquitetada contra eles ou dos problemas pessoais ou ainda do alcoolismo enquanto doença, eles não poderiam abrir espaço para o *feeling* do momento, isto é, para a quantidade intensiva de sensações novas e agradáveis que eles poderiam provar enquanto o momento durasse. A faculdade ativa de esquecimento não era um distúrbio psicológico como poderiam pensar alguns, mas um ato ativo, deixando de lado o que poderia parar bruscamente o *feeling* do momento.

A estratégia pelo esquecimento ativo causava mal-entendidos e preconceitos sobre a conduta dos bebedores excessivos. No Quebec, desde os anos 1960 até os dias atuais, o esquecimento do dever patriótico, do trabalho ou da família tem servido de motivo político para controlar a conduta dos que bebem excessivamente.

Antes de chegar ao bar pela primeira vez, o antropólogo postou na página Facebook do vilarejo um pequeno comunicado, se apresentando enquanto pesquisador: "*Bom dia! Sou um antropólogo brasileiro e estou desenvolvendo etnografia sobre a temática do alcoolismo. Atualmente, estou residindo no quarto 10 do motel de estrada local. Gostaria muito de conhecer todos vocês e de prosear um pouco sobre os modos de vida local. Obrigado!*" Imediatamente, muitos responderam ao comunicado: "*Ahhh não, obrigado, meu amigo! Nós aqui não ficamos em um quarto ou em um sofá para prosear, salvo quando há uma partida de hóquei pela TV! A gente vai para onde a coisa se mexe!!!... Salão de boliche... bar central, bar da arena de hóquei... na estação de golf, na estação de patinação, no restaurante... e até mesmo em um banco que tem em frente do restaurante central... Não fique aí fechado nesse motel, pois, se ficar, seu trabalho não terá nenhum resultado... não ficamos fechados em casa esperando... saia e vamos lhe acolher com uma bela cerveja!*". Um segundo

—

tantôt l'un contre l'autre; faire un peu de silence, de table rase dans notre conscience pour laisser la place à du nouveau" (Nietzsche, 1971, p. 59).

acrescentou: "*Venha tematizar isso com a gente no salão de boliche e no bar da arena de hóquei esta noite... e traga uma caderneta para anotar tudo, pois você não vai se lembrar de nada no dia seguinte!!!*". Uma mulher, por sua vez, questionou: "*Uma pesquisa sobre alcoolismo... melhor você pesquisar o vilarejo do lado...!*", enquanto um outro alertou: "*Eu espero que meus convidados não lhe incomodem tanto esta noite!*". Por fim, postou um último: "*Você paga a cerveja lollllll*".

Chegando ao bar, o antropólogo pensou em beber aos poucos durante toda a noite para ver o que se passaria e para interrogar os que bebiam excessivamente. Das 15h à 1h da madrugada, o bar estava praticamente vazio. Havia poucos clientes idosos que chegavam, bebiam duas ou três cervejas e iam embora sem falar com o antropólogo. Só as garçonetes estavam dispostas a falar com ele, perguntando sempre o que ele fazia por lá. Por volta das 2h da madrugada, clientes das mais variadas idades começavam a chegar no bar, a maioria deles já estava sob efeito de álcool. Havia 12 clientes naquele momento, nove homens e três mulheres. Repentinamente, dois homens entraram no bar esbravejando e proferindo assertivas sarcásticas sobre a presença de um pesquisador por lá: "*Pegue seus papéis, meu amigo! Anote aí: eu bebo quatro cervejas por dia, hahaha!*". Seu amigo acrescentou: "*E eu bebo seis cervejas por dia, hahaha!*".

Para que eles parassem de proferir essas assertivas sarcásticas sobre a presença de um pesquisador no bar, o antropólogo reagiu rápido e acrescentou para eles que não se interessava em saber, sob hipótese alguma, quantas cervejas eles tinham bebido, acrescentando ainda que ele tinha vindo ao bar para encontrar seus *chums*. Um entre eles perguntou ao antropólogo quem eram os amigos dele em Sainte-Brosse-de-Beauce. Pego de surpresa por essa pergunta, pois se tratava de um vilarejo em que todo mundo se conhecia, o antropólogo respondeu simplesmente que não sabia ainda quem eram seus amigos, pois era o primeiro dia em trabalho de campo, mas que os esperava mesmo assim. Eles começaram a rir esbravejando "*Tabernáculo!*" e *"Calvário de hóstia!*". Na sequência, um entre eles se dirigiu a garçonete: "*A gente paga todas as cervejas que o brasileiro consumir esta noite!*".

Ao pagar o consumo do antropólogo naquela noite, após ele ter fornecido informações contraditórias sobre sua presença no bar, o pesquisador ficou muito confuso, pois conjeturava que eles se irritariam rapidamente da falta de precisão de sua resposta sobre o que ele realmente

fazia no bar, mas ocorreu o inverso, pois os dois homens passaram a beber com ele no balcão como se fossem *chums de gars*, o que não era fortuito. Quando o antropólogo perguntou para eles por que eles continuavam a beber com ele, mesmo depois que o pesquisador tentou os enganar, eles disseram que acharam o antropólogo divertido, pois se tratava de um pesquisador bêbado que se enganava voluntária e temporariamente para viver um *feeling* do momento.

No início, o antropólogo não sabia que seu gesto estava associado a uma das estratégias que acessaria a um *feeling* do momento entre os que bebiam excessivamente, isto é, enganar-se voluntária e temporariamente e enganar os outros para continuar no *feeling* do momento sem grandes preocupações com os excessos. Os dois homens estavam surpresos em ver um pesquisador que não propunha nenhuma questão para eles sobre o beber excessivo. Um entre eles sugeriu, sem sarcasmos dessa vez: "*Meu amigo, você esqueceu de nos perguntar quantas cervejas havíamos bebido hoje, tabernáculo, hahaha! Se quiser, a gente pode te dizer na real, cálice!*".

Os dois homens pareceram, para o antropólogo, cada vez mais, como *chums de gars*, mas o pesquisador não sabia o porquê. Eles se comportavam com ele como se eles o conhecessem bem. Eles disseram, por exemplo, que eles sabiam que o antropólogo não era sequer um bebedor, quiçá excessivo, mas que tinha todo o potencial para se tornar um. O antropólogo percebeu, assim, que alguma coisa o levava a ficar lá, a beber com aqueles belos homens, apesar do limite de seu consumo pessoal (uma ou duas cervejas esporadicamente), o que evidentemente ultrapassou naquela noite. O que o fazia permanecer lá, junto com eles, era alguma coisa agradável que fazia com que o pesquisador esquecesse ativamente do tempo, do espaço, dos problemas (das questões de pesquisa) sem que para isso ele precisasse por fim a sua etnografia, perdendo o vínculo com a universidade.

Continuaram lá a beber sem contar as cervejas, porque queriam aproveitar a companhia sedutora uns dos outros. Em um certo momento, o antropólogo perguntou para eles que sensação agradável era essa que fazia com que todos continuassem a beber durante horas sem contar as cervejas, o que eles responderam prontamente: "*É o feeling do momento, boy!*".

A invenção estratégica de um esquecimento ativo abria espaço ao *feeling* do momento. Ao darem conselhos para que o antropólogo esquessese ativamente as questões de pesquisa para que pudesse, assim, acessar o *feeling* do momento, os dois homens o iniciaram e o indicaram qual era a medida da quantidade intensiva daquele consumo a partir das sensações em jogo naquele momento preciso. Esquecer ativamente os problemas pessoais, as questões de pesquisa, os deveres cotidianos, o número de cervejas consumidas, era continuar a beber com os outros estabelecendo, assim, o *feeling* do momento. Nele, não era necessário falar sobre os problemas pessoais, todos se transformavam em *chums de gars*, uma amizade sem prévias[4], impessoal, sem amigos e provisória, pois o que valia era o *feeling* do momento e não os problemas pessoais de cada um ou a previsibilidade de que todo mundo se conhecia de antemão.

Tratava-se de uma amizade sem prévias ou sem passado, pois não havia amigos no *feeling* do momento, logo que o mundo pessoal era temporariamente esquecido ativamente para dar lugar ao *feeling* impessoal do grupo. Em outras palavras, essa amizade sem prévia era de uma cumplicidade anônima vivida no percurso. Tratava-se de um grupo de *chums*

---

4 A inspiração de uma amizade sem prévias, uma amizade sem amigos, vem de Maurice Blachot: "Ora, a base da comunicação não é necessariamente a palavra, ou o silêncio que é o fundo ou a pontuação, mas a exposição à morte, não mais de si mesmo, mas do outro em que a presença viva e a mais próxima já é eterna e o insuportável ausente, esta que não diminui o trabalho de qualquer perda. E é na vida mesma que essa ausência do outro deve ser reencontrada; é com ela – sua presença insólita, sempre sob a ameaça prévia de um desaparecimento – que se joga com a amizade e a cada instante se perde, relação sem relação ou sem relação outra que o incomensurável (pelo qual não há lugar de se perguntar se deve-se ser sincero ou não, verídico ou não, fiel ou não, pois ela representa por avanço a ausência de lugares ou o infinito do abandono). Assim é, assim será a amizade que descobre o desconhecido que somos nós mesmos e o reencontro de nossa solidão que precisamente não podemos prova-la sozinhos ('incapaz, eu mesmo, de ir até o fim dos extremos')". Do original: "Or, 'la base de la communication' n'est pas nécessairement la parole, voire le silence qui en est le fond et la ponctuation, mais l'exposition à la mort, non plus de moi-même, mais d'autrui dont même la présence vivante et la plus proche est déjà l'éternelle et l'insupportable absence, celle que ne diminue le travail d'aucun deuil. Et c'est dans la vie même que cette absence d'autrui doit être rencontrée; c'est avec elle – sa présence insolite, toujours sous la menace préalable d'une disparition – que l'amitié se joue et à chaque instant se perd, rapport sans rapport ou sans rapport autre que l'incommensurable (pour lequel il n'y a pas lieu de se demander s'il faut être sincère ou non, véridique ou non, fidèle ou non, puisqu'il représente par avance l'absence de liens ou l'infini de l'abandon). Ainsi est, ainsi serait l'amitié qui découvre l'inconnu que nous sommes nous-mêmes, et la rencontre de notre propre solitude que précisément nous ne pouvons être seuls à éprouver ('incapable, à moi seul, d'aller au bout de l'extrême')" (Blanchot, 1983b, p. 46).

que deixava de lado amizades anteriores para que acontecesse a amizade sem prévias, a anos-luz dos problemas individuais, para viver assim a exigência de estar lá, no *feeling* do momento, não como uma pessoa, mas como um membro de um movimento fraternal, anônimo, impessoal, delicado. Tratava-se, sobretudo, de uma estranha associação de "amigos" que poderia se desassociar a todo instante. Desse modo, o *feeling* do momento era sempre singular a cada ocasião, tudo era desconhecimento de si mesmo dentro dele. Ele era impessoal e provisório, pois tratava-se da realidade última: o *feeling* do momento.

Os dois homens viviam o *feeling* do momento sem chegar ao porre. Eles esbravejavam "*Tabernáculo!*", "*Hóstia de cálice!*", "*Cristo!*". Eles bebiam a "última" cerveja. O esquecimento ativo era a sensação que abria espaço ao novo no consumo excessivo, ambos os homens se lembravam de tudo, evidemente, mas eles selecionavam, estrategicamente, o que deveria ser esquecido ativamente para viver o *feeling* do momento com o antropólogo.

O esquecimento ativo do número de cervejas consumidas era uma questão de sobrevivência no *feeling* do momento. Os dois homens e o antropólogo tinham duas opções: ou eles esqueciam ativamente de todos os julgamentos morais da sociedade quebequense sobre as condutas excessivas para assim viver plenamente a ocasião ou lembravam de que todos estavam mergulhados em uma sociedade que exercia forte controle sobre as condutas excessivas. Os dois homens disseram ao antropólogo que eles escolheram esquecer ativamente essa cruzada contra as condutas excessivas, lembrando-se que o prazer de viver o instante com os outros era mais importante para eles naquele momento. Portanto, o esquecimento ativo constituia a segunda estratégia para viver e fazer durar o *feeling* do momento no beber excessivo.

Quanto à terceira estratégia, ela se relacionava à invenção de um corpo que suportasse o efeito do álcool para continuar no *feeling* do momento. Os que bebiam excessivamente ampliavam, assim, todo o primeiro momento do consumo que levava ao efeito do álcool. Um bebedor excessivo deveria adquirir um corpo que suportasse o *feeling* do momento sem chegar ao porre, e isso era uma necessidade física, mas também social e psicológica. O que interessava, verdadeiramente, era permanecer no *feeling* do momento em coletivo: ele era a única sensação que interessava aos que bebiam excessivamente em Beauce.

Por várias vezes, o antropólogo experimentou pequenos copos de licores ofertados pelos que bebiam excessivamente. Eles chamavam essa mistura de *feeling* do momento. Havia o "licor de Mathieu", o "licor de Thèrese", o "licor dos irmãos Lachasse", o "licor do jogador de hóquei Jean-Phillipe"[5], entre outros, tudo isso para reativar momentos divertidos vividos (eterno retorno) no *feeling* do momento, produzindo, com essa reativação, novos momentos, pois imerso nos afetos em jogo naquele momento preciso. Dito de outra maneira, os que bebiam excessivamente tinham o hábito de consumir cerveja e licores fortes na mesma ocasião para intensificar o *feeling* do momento, tratava-se de um gesto de boas-vindas permitindo acessá-lo. Para tanto, era necessário um corpo que surportasse essas variedades de misturas na mesma ocasião. Em nenhum momento foi visto bebedores excessivos em porre, rompendo, assim, o *feeling* do momento, quando da mistura de cervejas com licores. Pelo contrário, foi percebido que o *feeling* era intensificado nessas ocasiões.

Por volta das 18h, o antropólogo estava em um bar do vilarejo a beber com uma *gangue* de bebedores excessivos. Tratava-se de jovens bebedores entre 20 e 25 anos, que alternava entre licores e cervejas. Nessa ocasião, o que o chamou a atenção foi o fato que nenhum bebedor recusava os licores que os outros ofertavam. Percebendo essas ofertas graduais de licores em meio ao consumo de cerveja, o antropólogo perguntou: "*Vamos chegar ao porre se a gente continuar a beber desse jeito, não?*". Rindo, um jovem bebedor acrescentou: "*Hahaha! Para de dizer isso, brasileiro! Beba esse copo de licor com a gente! É simples assim!*", enquanto um outro bebedor chamava a garçonete: "*Garçonete, um copo de licor para meus companheiros, Jean-Pierre*[6] *e o brasileiro!*". No mais, um outro bebedor aconselhou o antropólogo: "*Brasileiro, vou lhe ensinar uma coisa. Se você chegar ao coma alcoólico bebendo com a gente, misturando cerveja com licor, então você não é nosso amigo, hóstia!*". Surpreso, o antropólogo pergutou o porquê, e o bebedor continuou: "*Porque você se torna um egoísta ao cortar o feeling do momento com a gente, tabernáculo!*".

---

5 Todos nomes fictícios.

6 Nome fictício.

Aos poucos, o antropólogo percebia que a *gangue* misturava licores ao consumo da cerveja cada vez mais para intensificar o *feeling* do momento. No mais, ela não contava o número de cervejas ou licores que eram ofertados. Todos, incluíndo o pesquisador, estavam lá, vivendo um *feeling* do momento, compartilhando licores e cervejas: "*Aceita um licor a mais, brasileiro?*". Uma vez mais, ela ofertava licor ao antropólogo. A aquisição de um corpo que ampliasse o efeito do álcool para acessar o *feeling* do momento dessa mistura entre licores e cervejas era, portanto, a terceira estratégia inventada pelos que bebiam excessivamente.

Como quarta estratégia, o ato de enganar-se, voluntária e temporariamente, enganando os outros quanto ao número de cervejas consumidas na ocasião para viver o *feeling* do momento, sendo que esses outros também se deixavam enganar voluntária e temporariamente. A ambiguidade entre o dito e o contradito, quanto ao número de cervejas consumidas, constituia a condição necessária para que eles pudessem continuar bebendo essas séries de cervejas experimentando o *feeling* do momento. Essa estratégia causava mal-entendidos e preconceitos na sociedade quebequense, pois tal sociedade associava o engano voluntário e temporário à dependência alcoólica.

No bar esportivo de boliche, o antropólogo bebia enquanto assistia a uma partida. Muitos jogadores bebiam cerveja, enquanto outros fumavam cigarros no exterior do bar. No final da noite, uma *gangue* adentrou o bar. Tratava-se de dois rapazes e três moças do vilarejo vizinho, com idade por volta dos 23 anos e que estavam visivelmente sob efeito do álcool, ou melhor, no *feeling* do momento. Um deles comentou com o antropólogo que foi parado em uma *blitz* na estrada antes de chegar ao bar, mas que tudo tinha se passado bem. Uma das moças pediu ao antropólogo que falasse português, a língua materna do pesquisador. Nesse momento, o brasileiro era a novidade da ocasião para eles.

O antropólogo, por sua vez, tinha feito amizade com um dos proprietários do bar, um homem de 40 anos, que era também um bebedor excessivo. Para apostar em um *feeling* do momento agradável para naquela noite, o proprietário assinalou ao antropólogo: "*Olha, brasileiro, eu vou por uma canção muito conhecida entre nós e aposto que todo mundo vai cantar. Você vai amar a novidade!*". E eis a canção "L'alcool au volant, c'est criminel" ("Dirigir alcoolizado é criminoso") de Coyouche:

DIRIGIR ALCOOLIZADO É CRIMINOSO
Dirigir alcoolizado *é* criminoso.
A cerveja vem quente e seu bolso congela.
Se você bebe dirigindo, todo tempo será parado por uma blitz.
Para todos, cinco mil dólares para mijar.

Mesmo se você for estudado, mesmo se você for idoso,
Você vai se fazer pegar, oh, pela G.R.C.! [7]
Você vai se parecer com um "cuco" [pássaro]
Mesmo que você sofra fazendo uma baliza,
Mas é melhor do que você se matar!

É divertido tomar uma cerveja, às vezes até mesmo duas.
A gente tem a festa, quando a gente é um fora da lei [membro de uma gangue].
Mas é quando você segue pelo caminho
Com um petisco nas mãos,
É nesse momento que você se torna perigoso[8].

Todos no bar cantavam em coro a canção: o grupo de rapazes do vilarejo vizinho, o proprietário do bar, os jogadores de boliche, o antropólogo, enfim. Eles se abraçavam cantando e bebendo cada vez mais. Os clientes riam da letra da música que dizia que dirigir alcoolizado era criminoso ao mesmo tempo que eles pediam mais uma cerveja: "*Cante, brasileiro! Sinta o feeling do momento com a gente! Cante com a nossa gangue! Cante para esquecer essa sua pesquisa!*", dizia o proprietário do bar.

Tratava-se do ato de "*se faire du fun*" enganando-se, voluntária e temporariamente, e enganando os outros sobre o ato infracional de dirigir alcoolizado ao mesmo tempo que se era consciente do risco de sofrer um acidente nas estradas ou de ser pego pela Guarda Real do Canadá (GRC),

7 Guarda Real do Canadá.

8 *L'alcool au volant c'est criminel,/ la bière vient chaude pis la poche te gèle./ Si tu bois en drivant, t'es tout l'temps arrêté,/ à tout les cinq mille pour piser./ Même si tu as gradué, même si que t'es âgé/ Tu vas te faire pogner, Oh, par la G.R.C.!/ Tu vas avoir l'air ben "coucoune"/ Mé que tu souffles dans la balloune,/ mais c'est bien mieux que de se faire tuer./ C'est du fun à prendre une bière, des fois même deux,/on a du fun quand ce qu'on est du l'bootleger,/ mais c'est quand tu tombes dans le chemin/ avec un char dedans les mains,/ c'est là que tu viens dangereux.*

dirigindo alcoolizado. Os que estavam no bar sabiam muito bem que dirigir alcoolizado era uma infração. Eles se enganavam voluntária e temporariamente para continuar a viver novas aventuras na região. Estavam para além da letra da música, esta que era cantada em coro em muitos bares do mundo rural quebequense por mulheres e homens bebendo em *feelings* alegres.

Como quinta estratégia, o desconhecimento de si para viver e fazer durar o *feeling* do momento no beber excessivo. Essa estratégia era estreitamente relacionada ao esquecimento ativo, porém havia uma nuance.

No que concernia ao esquecimento ativo, havia a questão de esquecer voluntária e temporariamente o número de cervejas consumidas. No desconhecimento de si, a presença de uma estranha sensação de ultrapassagem do que o bebedor considerava como seu limite pessoal no consumo para viver e fazer durar o *feeling* do momento com os outros no consumo excessivo. Esse desconhecimento de si sintetizava o que eles acreditavam ser a amizade provisória e sem prévias, impessoal, de um grupo de bebedores excessivos em *feeling*.

O antropólogo descobriu que bebedores excessivos se encontravam clandestinamente nas estradas que cortavam o vilarejo. Tratavam-se de estradas para escapadas, pois elas eram percorridas por todos que desejavam viver encontros fortuitos e anônimos, sexuais ou não. Essas estradas para escapadas suscitaram interesse antropológico, pois o fenômeno do *feeling* do momento também se passava nesses locais. O antropólogo descobriu essas escapadas no momento que decidiu contar e fotografar garrafas e latinhas de cervejas jogadas para fora dos carros nas estradas da região, quando do beber alcoolizado, para acrescentar esse material fotográfico em seu diário de campo.

No momento em que o antropólogo percorria a pé uma distância de 5 km em uma das três estradas que cortava o vilarejo, repentinamente para um carro com cinco garotas entre 20 e 25 anos, todas sob *feeling* do momento. Gritando "*Tabernáculo!*", elas rapidamente convidaram o antropólogo para entrar no carro: "*Uau... um belo rapaz perdido em nossas estradas! Entra no nosso carro!*". Nesse momento, ele perguntou: "*Vocês são do vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce?*". E com essa pergunta, o pesquisador cortou abruptamente o *feeling* ao ponto que uma das garotas retrucou irritada: "*Tabernáculo! Calvário de cálice! Que pergunta imbecil! Deixa pra lá, então!*". E elas partiram sem embarcá-lo no carro.

Após esse breve incidente, uma dúvida surgia para o antropólogo. Ele se interrogava se era um evento isolado ou escapadas nas estradas da região eram frequentes. Para saber, ele foi ao bar no centro do vilarejo e perguntou aos clientes se esse tipo de evento se produzia com frequência. Um dos clientes, por volta dos 25 anos, começou a gritar no bar para que todo mundo pudesse ouvir: "*Tabernáculo, brasileiro! Você manchou a imagem dos homens do vilarejo! As moças da região vão pensar agora que os homens de Sainte-Brosse-de-Beauce são 'fifs'* [homossexuais, termo pejorativo]*. A próxima vez, calvário de cálice, entre no carro sem nada dizer! Viva o feeling do momento!*".

A garçonete e os clientes do bar começaram a fazer troça do antropólogo. Nesse momento, ele perguntou a todo mundo se essas escapadas nas estradas eram conhecidas no vilarejo. Eles disseram em coro que sim, mas sempre rindo. Mais tarde, perguntou ao proprietário de um outro bar se ele sabia da existência dessas escapadas, e ele também as confirmou. Uma noite, os que bebiam excessivamente explicaram como o antropólogo deveria comportar-se nas estradas da região em face a alguém que parasse o carro para viver o *feeling* do momento com ele. Um bebedor excessivo, de 32 anos, o aconselhou: "*Brasileiro, a primeira coisa a fazer é jamais perguntar às moças de qual vilarejo elas vêm, desde que elas parem um carro bêbadas para prosear com você de maneira mais íntima!*". Um outro, de 21 anos, acrescentou: "*Esquece sua pesquisa, brasileiro, e entre no carro!*". Uma bebedora excessiva de 48 anos assinalou de forma irônica: "*Moças bêbadas nas estradas... ah... isso acontece sempre, hahaha!*". Por fim, um outro bebedor, de 24 anos, apresentou a fórmula: "*Brasileiro, a fórmula é simples: o que se passa em Beauce morre em Beauce... hahaha!*".

Seguindo esses conselhos, o antropólogo foi para as estradas a fim de compreender a dinâmica das escapadas sem levar, dessa vez, sua máquina fotográfica. Uma só vez, um jovem transeunte, de 26 anos, que bebia uma lata de cerveja enquanto dirigia, parou o carro e assinalou: "*Perdido, meu amigo?*". Dessa vez, informado pelos que bebiam excessivamente que ele não deveria perguntar o local de residência dos que viviam o *feeling* do momento nas estradas da região, respondeu: "*Talvez!*". Logo, o jovem transeunte esbravejou: "*Tabernáculo, hóstia de cálice!*". O antropólogo, então, acrescentou: "*Na verdade, estou desenvolvendo uma*

pesquisa científica sobre o consumo do álcool no vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce!". O jovem transeunte, por sua vez, riu alto: "*Hahaha, você está desenvolvendo uma pesquisa científica sobre o consumo do álcool andando a pé pelas estradas da região, hahaha! Você se enganou de endereço,* boy*, hahaha?*". O antropólogo logo o retrucou: "*Não, eu não me engano. É aqui que farei minha pesquisa!*". E o jovem transeunte prosseguiu: "*Hahaha! E você trouxe algum gravador, alguma máquina fotográfica ou papel para anotações?*". O antropólogo, por sua vez, o revelou: "*Ah, esqueci! Não, não trouxe nenhum gravador, nenhuma máquina fotográfica ou papel para anotações!*". Finalmente, o jovem transeunte foi direto: "*Cálice de tabernáculo! Entra aí no meu carro, hóstia, pois o que se passa em Beauce morre em Beauce!*".

Cortando o *feeling*, o antropólogo perguntou para ele o porquê o convidou a entrar em seu carro, já que o antropólogo era um desconhecido. O jovem transeunte acrescentou que percebeu que o antropólogo era "*cool*" ("divertido"), pois ele via um jovem, no caso o antropólogo, que se identificava como pesquisador, enganando-se voluntária e temporariamente e o enganando para viver uma escapada nas estradas da região, utilizando-se do mote de uma pesquisa científica sobre o consumo do álcool em um local que não tinha nenhuma venda de bebida alcóolica. Assim, ele concluiu que era evidente que o antropólogo estava ali para viver o *feeling* do momento com alguém.

Como sexta estratégia, o gosto pelo risco do que podia acontecer de imprevisível e positivo no *feeling* do momento, que vinha do fato que os bebedores excessivos estavam em busca de novas aventuras divertidas. A ocasião era um risco, pois podia-se desfazê-la, se o bebedor excessivo não fosse prudente, em um encontro regado de intensidades desconhecidas. Os que bebiam excessivamente viviam o gosto de tudo arriscar, mesmo a própria vida (alcoolismo), para acessar a alegria provisória do *feeling* do momento no beber excessivo, estabelecendo, assim, um espaço de amizade em que o *feeling* era vertiginoso.

O gosto pelo risco era pouco compreendido pela sociedade quebequense em geral e pelos médicos e cientistas em particular. Ele era associado, no discurso científico, aos "grupos de risco" para definir, moral e cientificamente, as condutas excessivas e a dependência alcoólica sem levar em conta a fascinação pelo risco entre os que bebiam excessivamente em coletivo. Em Sainte-Brosse-de-Beauce, o gosto pelo risco era

essencial para perseguir e continuar no *feeling* do momento. Tratava-se de uma sensação que atirava os que bebiam excessivamente às novas aventuras na região.

No vilarejo, havia reuniões da AAA no mesmo prédio da prefeitura, que era chamado de prédio multiuso. Após uma dessas reuniões, o antropólogo conheceu um ex-bebedor excessivo. Ele tinha 45 anos, homossexual, solteiro e residente em outro vilarejo. No momento em que o antropólogo revelou para ele seu endereço exato no vilarejo, rapidamente o ex-bebedor ressaltou que queria conhecer a residência para prosear um pouco. Chegando no motel de estrada, onde residia o antropólogo, o ex-bebedor replicava, quase automaticamente, a velha política da AAA. Ele contou que tinha "bebido" sua casa, seu emprego e sua vida e que tinha consciência que era um alcoólatra, um bebedor excessivo, acrescentando que se sentia culpado de seu próprio mal-estar em função de sua má conduta. Ele dava conselhos ao antropólogo para que ele evitasse o porre, a recaída e o mal do alcoolismo. Era um bom representante da AAA até que o antropólogo tocou no tema da homossexualidade em Beauce. Rapidamente, o ex-bebedor mudou radicalmente de postura ao ponto que ele perguntou ao antropólogo se tinha uma cerveja na geladeira para que, bebendo juntos, pudessem viver o *feeling* do momento de uma prosa sobre homossexualidade. O ex-bebedor, assim, assinalou: "*Oh... que bela surpresa, meu belo rapaz!*". O antropólogo, então, perguntou: "*Como se vive a homossexualidade em Beauce?*". O ex-bebedor discorria sobre a homossexualidade ao nível local: "*Ah, não é fácil viver a homossexualidade em Beauce, meu amigo! Os rapazes são covardes! Você não pode ser afeminado! É difícil...! Mas posso ensinar a você como viver isso com prudência...!*". E o antropólogo pedia para ele ensiná-lo. O ex-bebedor, assim, continuou: "*Quando um rapaz começa a criticar alguma coisa, é um sinal que ele está lhe convidando para o sexo! Ele quer fazer sexo com você! Eles dizem sempre o contrário!*". Nesse momento preciso da conversa, o ex-bebedor revelou como muitos rapazes heterossexuais de Beauce se enganavam voluntária e temporariamente e enganavam os outros para viver uma relação homossexual com alguém na região e acrescentava: *"Em certo momento da minha vida, quando eu perdi minha casa, meu carro, tudo... ah... eu me toquei que eu não poderia mais beber para ter sexo com os rapazes... os rapazes daqui adoram homens com carro, com prestígio, homens divertidos que bebem muito! É por eles também que paro!,*

porque é impossível fazer sexo com alguém que tem recaídas constantes, que corta o feeling, que perde o emprego, como é meu caso...".

Enquanto ele bebia (desconhecimento de si, isto é, abandono ativo do autêntico representante da AAA em face ao *feeling*), o antropólogo perguntou como ele poderia manter relações sexuais com rapazes sendo um ex-bebedor. Ele, então, revelou: "*Agora, pego carona.... é assim que faço... quando percebo que vem um rapaz dirigindo na estrada, eu me faço bem enérgico. Eu grito 'Tabernáculo!', 'Calvário da hóstia do cálice!', 'Cristo!', 'Isso me faz chiar!'. Você deve gesticular como os rapazes... fazer sempre elogios às mulheres na presença deles... é assim que funcionam as coisas... passo minha energia para eles... meu feeling, como se eu estivesse sob efeito do álcool... você me entendeu?*". No mais, o ex-bebedor acrescentou como era viver um possível *feeling* do momento nas estradas da região sendo um representante da AAA: "*Eu prefiro frequentar as reuniões da AAA de Sainte-Brosse-de-Beauce. Bom, esse vilarejo fica longe da minha cidade, mas é como lhe disse. Eu não tenho carro. Após as reuniões, eu caminho pelas estradas esperando quem passa...*". O antropólogo, então, perguntou: "*Isso quer dizer o que, exatamente?*" e o ex-bebedor prontamente respondeu: "*Rapazes dirigindo alcoolizados, hóstia!*".

Era notório que o ex-bebedor vivia e fazia durar o *feeling* do momento com os rapazes pelas estradas da região. O gosto pelo risco do ex-bebedor sobre o que podia se passar de agradável com os rapazes nas estradas fazia parte da vida no *feeling* do momento. Ele se entregava a novas aventuras com os rapazes pelas estradas porque era seduzido pelo risco de um encontro sexual com eles. Tudo podia acontecer nas estradas. Os rapazes podiam sequer embarcar em um *feeling* do momento, mas o ex-bebedor mesmo assim arriscava. O gosto pelo risco era o elemento que dava vertigem, medo, receio e alegria à aventura.

Quanto à sétima estratégia, ela estava relacionada ao momento de insegurança e de incerteza durante a espera da próxima cerveja dentro do *feeling* do momento, onde tudo também podia acontecer. Esse período de espera em *feeling* representava o instante mesmo em que cada bebedor excessivo se tornava uma questão limite para ele mesmo: "*Será que posso suportar uma cerveja a mais no feeling do momento?*".

A próxima cerveja constituía o perigo do inesperado esperando. Ela era a vida no limite do desfazimento do *feeling* do momento. Tal espera em *feeling* causava mal-entendidos e preconceitos na sociedade

quebequense, pois ela julgava que se entregar à fascinação da espera da próxima cerveja era muito arriscado, pois, no momento em que a conduta do bebedor se tornasse excessiva, podia-se esquecer deveres familiares, patrióticos, a saúde e o trabalho.

O antropólogo, por sua vez, estava à espera da sua próxima cerveja no balcão do bar esportivo de boliche enquanto conversava com o *barman* sobre o consumo de álcool no vilarejo. Nesse interstício, ele descobriu a existência de uma casa de um velho bebedor a qual, todos os finais de tarde, era frequentada por uma *gangue* de velhos bebedores. O *barman,* assim, o revelou: "*Brasileiro, antes de terminar sua pesquisa aqui no vilarejo, você deveria conhecer a casa de um velho bebedor! Essa casa é bem conhecida por aqui! Lá, várias pessoas se reencontram para beber cerveja!*". O pesquisador então pediu para que o *barman* o conduzisse até a casa e o apresentasse ao velho bebedor, porém o *barman* teve uma ideia: "*Compre uma caixa de cerveja e bata na porta dele. Seguramente ele vai lhe receber. Ele é muito cordial!*". E foi exatamente isso que o brasileiro fez: foi à casa do velho bebedor com uma caixa de cerveja. Chegando lá, bateu na porta: "*Bom dia, meu amigo! Sou um antropólogo que pesquisa o consumo do álcool na região. Eu poderia entrar na sua casa para beber uma cerveja com você?*". O anfitrião logo exclamou: "*Cálice do tarbenáculo! Que diabo é antropólogo? Entre, meu amigo!*". E acrescentou ainda: "*Diga-me uma coisa. Quem lhe aconselhou a vir beber comigo?*". O antropólogo revelou que tinha sido o *barman* e o velho bebedor logo complementou: "*Cálice! Tudo bem, meu amigo! Mas... você esqueceu de comprar cigarros!*" e o brasileiro logo desculpou-se pela indelicadeza.

Rapidamente, o antropólogo dirigiu-se ao posto de gasolina em frente a casa do velho bebedor para comprar um maço de cigarro. Retornando, o velho bebedor continuou: "*Meu amigo, diga-me uma outra coisa. Você vem de onde, pois seu sotaque não é daqui?*". O antropólogo, assim, respondeu: "*Do Brasil!*", e o outro continuou: "*Cálice! Então nesse caso, você não é nem jornalista, nem médico, nem da polícia, é isso?*". O pesquisador logo esclareceu: "*Sim! É bem isso! Não sou nem jornalista, nem médico, nem da polícia!*". Aliviado, o velho bebedor convidou-o finalmente: "*Bom, meu amigo, aqui a gente se encontra todas as sextas-feiras por volta das 15h. Venha nesse horário para beber com a gente, ok?*". O antropólogo aceitou o convite e pediu para deixar sua caixa de cerveja na casa do velho bebedor até sexta-feira.

Sexta-feira, por volta das 15h, o antropólogo voltou à casa. Chegando lá, havia uma *gangue* de amigos de mais de 60 anos e todos estavam a beber, todos homens. Como o velho bebedor havia garantido ao antropólogo, a caixa de cerveja estava lá, intacta. A organização espacial da casa rapidamente chamava a atenção: como tratava-se de uma casa pequena de dois cômodos, o velho bebedor colocou uma mesa no centro de um deles, onde encontrava-se também uma geladeira, uma televisão e várias fotos de mulheres sensuais seminuas por todas as paredes. A casa tinha tornado-se, assim, um bar desterritorializado no vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce. Cada bebedor que frequentava a residência trazia consigo sua caixa de cerveja e seus maços de cigarros para oferecer ao dono, que aceitava o dom retribuindo-os com o acesso à sua residência. O brasileiro, então, elogiou a casa: "*Sua casa é muito bonita e asseada!*", e o outro logo complementou: "*Claro, meu amigo! Ela é sempre asseada para receber meus amigos!*".

Isso era bem verdade, pois mesmo os cinzeiros, colocados à disposição dos bebedores fumantes, eram higienizados no curso da noite. Nesse dia, todos bebiam lentamente. Quando eles foram pegos pelo *feeling* do momento, depois de ter bebido algumas cervejas, os diálogos passaram a ser breves, pausados e contraditórios. Se eles pareciam calmos, eles disseram ao antropólogo que muitas ideias circulavam na cabeça deles sem precisar externá-las ao grupo, e isso não era fortuito, pois o mundo pessoal de cada bebedor não interessava aos outros do grupo logo que se provava o *feeling* do momento no consumo excessivo em coletivo. Nessa casa, os que bebiam excessivamente perseguiam a "última" cerveja em grupo durante toda a noite. Um deles, quebrando o silêncio, assinalou: "*Brasileiro, a maioria de nós já esteve presa!*". Supreso, ele perguntou o porquê, e o velho bebedor complementou: "*Por dirigir alcoolizado!*". O antropólogo, então, esbravejou: "*Tabernáculo!*" e eles bebiam mais uma cerveja entre pausas, prosas e silêncios.

Uns olhavam para os outros; todos estavam à espera da próxima cerveja, mas não sabiam exatamente o que esperar quando a próxima chegasse. As palavras e as frases pronunciadas não tinham nem objeto, nem sujeito, elas eram breves em uma linguagem em que a linguagem mesma não estava em jogo. Um velho bebedor exclamava na sequência: "*Tabernáculo, calvário de cálice!*". Outro bebedor acrescentava: "*Caçar alce... é bom praticar!*". Silêncio. Minutos depois, um outro velho bebedor pedia: "*Passe-me um cigarro!*", e mais um dizia: "*Brasileiro, gosto muito dessa marca de*

cigarro!". Um outro velho bebedor retirava o cigarro de sua boca e oferecia ao antropólogo, que rapidamente o aceitou. Todos os outros observavam. O anfitrião limpava o cinzeiro. Silêncio. Pausa. O que iria acontecer? Um velho bebedor quebrava novamente o silêncio, "*Brasileiro, essa é a vida em Beauce!*", e continuava: "*Mas, devagar com a cerveja, pois queremos ver você ainda com a gente!*". E o que eles pediam era que o antropólogo se distanciasse de sua ansiedade para continuar no *feeling* do momento com eles. A um certo momento da noite, o velho bebedor anfitrião interveio: "*É agora que passa o programa O juiz na TV! Você vai gostar desse programa, brasileiro!*".

Ele ligou a TV. No canal V, passava um programa de casos policiais com a juíza da vara da família Anne-France Goldwater, julgando questões de pequenas causas. Durante o programa, os que bebiam excessivamente riam constantemente daqueles que eram considerados culpados por desordens causadas por embriaguez. Eles davam risadas assistindo sentenças que colocavam em causa o consumo excessivo de álcool. Um entre eles exclamou: "*Hahaha! Cálice! Calvário de tabernáculo! O homem foi considerado culpado, hahaha!*". Um outro bebedor soltou uma gargalhada, "*Hahaha!*", e outro: "*Hahaha!*". E eles riam de um homem condenado por uma briga conjugal com sua esposa por motivo de embriaguez: "*Viu como é divertido, brasileiro?*".

Tratava-se de uma ignorância ativa do que acontecia realmente no programa de TV, uma ignorância ativa para não perder o *feeling* do momento. A noite terminara, a *gangue* de velhos bebedores partia para casa. O antropólogo passou a frequentar a casa do velho bebedor. Na verdade, ele frequentou diferentes endereços com diferentes grupos de bebedores excessivos que se reuniam para beber em bares, nas estradas e em suas residências. Ele passou mais tempo a beber regularmente que muitos bebedores excessivos da região, pois precisava estar em diferentes ocasiões de consumo em um único dia. E foi, nesse momento, que o consumo excessivo do antropólogo passou a alarmar as garçonetes dos bares do vilarejo e mesmo muitos bebedores excessivos que compartilhavam com ele o *feeling* do momento. Eles passaram a aconselhá-lo para que ele parasse de beber excessivamente antes que se tornasse um alcoólatra, isto é, antes que o antropólogo fosse impedido definitivamente de acessar o *feeling* do momento em grupo por conta de uma internação ou morte

decorrente do alcoolismo. Como eles diziam em Beauce: "*O mestre é o feeling do momento e não o álcool!*".

Eles recusavam que o antropólogo bebesse sua cerveja final (alcoolismo), pois, para eles, o antropólogo tinha se tornado um *chum*. E como um *chum,* não se devia deixá-lo cair, mesmo quando ele faltava com a prudência bebendo por dias a fio. O antropólogo começou a ter medo do alcoolismo, após advertência dos bebedores excessivos. Ele foi mais cedo à casa do velho bebedor para questioná-lo sobre as consequências desse agravo, pois passou a entender que ele também corria risco de se tornar um alcóolatra. Assinalou o brasileiro: "*Meu amigo, estou com medo de me tornar um alcoólatra! Você tem medo também?*". E o anfitrião logo revelou: "*Meu amigo, sabemos desde a primeira vez que você chegou aqui neste vilarejo que você não é um bebedor regular. Mesmo aqui, na minha casa, minha gangue aconselhou você, por várias vezes, a beber mais devagar. Mas você embarcou cada vez mais com a gente no feeling do momento e aprendeu a beber mais devagar. Hoje, considero você como um filho, pois você é bem inocente!*". O antropólogo ficou em silêncio por uns 15 minutos e depois perguntou: "*Por que sou inocente?*". O velho bebedor, assim, acrescentou: "*Porque você está perdido como nós! Tenho certeza que não encontrou o que procurava aqui em Beauce, porque até hoje também não encontramos!*". Angustiado, o pesquisador, então, perguntou: "*Mas, o que se busca em Beauce, finalmente?*". O outro logo definiu: "*A 'última' cerveja com os amigos, meu camarada... a 'última'...!*". Ainda assustado, o antropólogo continuava: "*Mas você não tem medo do alcoolismo?*"; e o velho bebedor, assim, revelou: "*Sim, eu tenho medo! Muito! Eu sei que sou um alcoólatra! Eu sei... adoro minha gangue de amigos! Meus amigos são minha vida!*". E o brasileiro insistia, apavorado: "*O alcoolismo... estou com medo!*"; e o velho bebedor, percebendo o pânico, buscava um novo *feeling* do momento*:* "*Meu amigo, pega uma cerveja na geladeira! Você me disse uma vez que tem um escritor alcoólatra, ele se chama Jack Kerouac... é isso?*". E o antropólogo, sem se tocar, respondia ao velho bebedor: "*Sim, é isso. Eu vou a Vancouver para um congresso em antropologia médica na próxima semana, quando voltar, trago um livro dele para você!*". O velho bebedor assim respondeu: "*Oh, obrigado, meu amigo!*".

E, assim, o pesquisador começou a falar longamente sobre a vida e obra de Jack Kerouac. O velho bebedor ria e o ofertava mais uma cerveja. Eles beberam várias até a "última"! Não as contaram. Eles se enganavam voluntária e temporariamente sobre o perigo do alcoolismo. O antropólogo se deixava enganar, pois o velho bebedor conseguiu mudar o assunto do alcoolismo como doença e dependência para a vida e obra de Jack Kerouac na intenção de inaugurar um novo *feeling* do momento. Potência de corpos para continuar a viver a amizade. E continuava o velho: "*É divertido esse Jack Kerouac, meu amigo!*"; enquanto o outro respondia: "*Sim, ele é divertido... vou lhe dizer uma coisa. Jack Kerouac...*".

A conversa continuou até a "última" cerveja. Foi a única vez que o antropólogo pontuou sobre alcoolismo com o velho bebedor, pois o pesquisador constatava que não precisava se prevenir daquele *feeling* do momento sobre a vida e obra de Jack Kerouac. Sobre esse ponto, o velho bebedor e o antropólogo não se enganavam.

A oitava estratégia era o próprio conceito de "última" cerveja (algumas cervejas a mais) entre os que bebiam excessivamente. Por "última" cerveja[9], eles entendiam o "último" consumo da ocasião (algumas cervejas a mais) como sendo o êxtase do momento. A "última" fazia durar o *feeling* do momento sob condição de um alegre encontro. Após beberem a última da "última", o *feeling* do momento desfazia-se e o encontro entre bebedores excessivos chegava ao fim.

A cada ocasião, o *feeling* do momento era único porque não se podia reproduzir as mesmas sensações em jogo em um outro momento. A "última" cerveja era a que os que bebiam excessivamente procuravam por toda Beauce, e essa busca causava mal-entendidos e preconceitos na sociedade quebequense, pois essas séries de cervejas eram compreendidas como excessivas, no sentido que elas ultrapassavam a quantidade de álcool compreendida como "normal" e "moderada" (três copos por dia para os homens e dois para as mulheres).

Uma *gangue* de seis rapazes, entre 20 e 25 anos, passou a cumprimentar o antropólogo no bar quase todos os dias. Um dia, o antropólogo pediu a um deles a permissão para passar uma noite bebendo com a *gangue*.

---

9 O conceito de "última" cerveja deve estar sempre entre aspas, pois a "última" pode ser algumas cervejas a mais e isso depende da intensidade do *feeling* do momento compartilhado entre os que bebiam excessivamente.

O jovem bebedor aceitou a proposta e o pesquisador foi no dia seguinte para a residência do jovem. Como o antropólogo era um convidado, ele comprou uma caixa de cerveja e um maço de cigarro antes de chegar. Chegando na residência, a *gangue* de rapazes já se encontrava bebendo e a festejar a vida no *feeling* do momento. Havia latas de cervejas por todo os cômodos. Cada novo bebedor que chegava trazia consigo uma caixa de cerveja. Eram quatro jovens bebedores e o antropólogo. Eles assistiam na televisão a luta de boxe do Ultimate Fighting Championship (UFC) e conversavam sobre assuntos variados. Os jovens bebedores passaram toda a noite a dizer ao antropólogo que eles bebiam por prazer e não para se tornar alcoólatras ou depressivos. Um entre eles acrescentou: "*Brasileiro, anote uma coisa: beber por prazer é beber apenas nos finais de semana com os amigos. Já beber para se tornar alcoólatra/depressivo, é beber todos os dias. Você me compreende?*". O antropólogo aproveitou a ocasião e logo apontou: "*Mas você se recorda que bebemos no bar todos os dias da semana?*". E o jovem bebedor, assim, respondeu: "*Meu amigo, foi apenas 'uma' cerveja, nada mais!*".

FIGURA 1: Uma cerveja na varanda da casa do jovem bebedor durante a semana
Fonte: Paulo Rogers Ferreira (2016).

Em um certo momento, o anfitrião exclamou: "*É agora! Todos para o bar!*". O anúncio de tal injunção era intensivo, pois foi para o bar que ele ordenava toda a *gangue* de rapazes a buscar a "última" cerveja. Quando chegaram no bar, rapidamente o antropólogo compreendeu o que o jovem bebedor queria dizer quando afirmou beber apenas "uma" cerveja por dia. Apenas "uma" era, pois, a "última" cerveja que ele não bebia em sua residência e que, no final da noite, buscava no bar. Havia, portanto, um fluxo intensivo que pulsava os jovens bebedores a deixar de lado as cervejas estocadas na residência para ir beber a "última" no bar. No mais, a cerveja consumida no bar era mais cara. A intenção da *gangue* era também economizar, aumentando os custos excessivos apenas com a "última" cerveja[10].

Chegando ao bar, após ter bebido por horas a fio na residência, o antropólogo percebeu que a *gangue* de rapazes fazia um esforço para continuar sua busca pela "última" cerveja sem jamais chegar ao porre. No bar, a proprietária, preocupada pela repercussão da pesquisa na mídia, no que dizia respeito a imagem do seu bar, começou a declarar ao antropólogo que ela fazia cursos no Éduc'alcool e que tinha consciência que a moderação era de bom tom. Enquanto ela assinalava nervosa sobre a formação recebida nos cursos, o antropólogo percebia que os clientes observavam o que ele poderia responder para a proprietária. Então, percebendo que o discurso sobre a prevenção do alcoolismo poderia romper com o *feeling* do momento da noite, o antropólogo reagiu rapidamente: "*Uma cerveja, senhora, pois a noite será longa!*". A proprietária lhe serviu a cerveja e mudou de assunto. Nesse momento, os que bebiam excessivamente gritaram em coro: "*Cálice do tabernáculo!*", pois ficaram surpresos de ouvir uma tal resposta da parte de um pesquisador.

No início da etnografia, o antropólogo não sabia que muitos clientes já adentravam os bares do vilarejo sob efeito do *feeling*. Um dia, um jovem bebedor do vilarejo vizinho, de 23 anos e que frequentava os bares de

---

10 A estratégia de beber apenas o "último" consumo da ocasião em bares e tavernas não se restringia aos beaucerons. Craig Heron (2003), ao tratar da história do consumo de álcool no Canadá, aponta que, em grandes momentos de crise financeira no país ou após o aumento das taxas sobre bebidas alcoólicas, influencido pelos movimentos de temperança nacionalistas, por médicos sanitaristas e por cientistas, muitos canadenses passavam a comprar bebidas alcoólicas para consumir em suas residências com os amigos e, no final da noite, se delocavam à busca do "último" consumo nos bares e tavernas, reduzindo os custos.

Sainte-Brosse-de-Beauce, convidou o pesquisador para beber em sua residência, que aceitou o convite de imediato. Ele também convidou três outros jovens bebedores para a ocasião. Durante o trajeto até a residência, eles cantavam, riam e falavam das mulheres do lugar: eles viviam um *feeling* do momento. Chegando na residência, continuaram a beber, e beberam várias cervejas por horas a fio. A "última" cerveja era anunciada desde a primeira e, nessa ocasião, inversamente à precedente, eles saíram do bar à busca da "última" na residência de um deles. Na verdade, o antropólogo passou muito tempo antes de perceber que, naquele *feeling* do momento, ele mesmo era a "última" cerveja do grupo de rapazes. E um deles esbravejou: "*Meu amigo brasileiro, a próxima é a 'última'!*". Em um certo momento da noite, eles mudaram de cerveja para vodca, o que fez o antropólogo perguntar surpreso: "*Vamos beber vodca, agora?*". E um jovem bebedor logo completou: "Yeah... *meu amigo, pois estamos próximos da 'última'!*". Após beber vodca, todos beijaram abruptamente o antropólogo de uma só vez.

Quando a *gangue* de rapazes chegou na última vodca da ocasião, o antropólogo compreendeu que o segredo sempre sedutor da vida era o *feeling* do momento para todos os sem segredos e que ele abria todas as possibilidades atraentes de viver alguma coisa agradável. Após a última da "última" vodca, todos desfizeram o *feeling* do momento.

A nona estratégia se voltava à conceitualização do que era excesso para viver e fazem durar o *feeling* do momento. Os que bebiam excessivamente entendiam por excesso umas cervejas a mais contidas na "última" cerveja. Esse momento era o retardamento do fim do *feeling* do momento que eles viviam em um encontro agradável entre eles. O excesso era doce e não cessava de ser atraente. Nessas séries de cervejas, exceder era perceber que o futuro finalmente tinha chegado[11].

O excesso dos que bebiam em Beauce causava mal-entendidos e preconceitos na sociedade quebequense que o percebia como um "mau hábito" em consumir quantidades desmedidas de álcool, provocando, portanto, a falta de prudência para com o futuro da família, do emprego, da saúde e do Quebec.

---

11 Trata-se aqui de um contraponto à cruzada científica contra o alcoolismo que argumenta, até nos dias de hoje, que o bebedor excessivo não pensa no futuro.

A primeira semana passada no campo foi muito difícil para o antropólogo. Os habitantes do vilarejo enviavam mensagens na página Facebook do vilarejo ordenando-lhe a abandonar a pesquisa no local, pois, segundo eles, não havia alcoólatras por lá. Nos bares, os que bebiam excessivamente faziam piadas sarcásticas, as garçonetes lembravam a cada cliente que o antropólogo iria escrever um relatório sobre o consumo excessivo, outros bebedores lhe perguntavam se ele trabalhava para alguma rede hospitalar, se era um sanitarista que procurava promover as políticas de prevenção contra o alcoolismo ou, ainda, se o pesquisador era um agente da GRC infiltrado. O pesquisador estava no ponto de abandonar a pesquisa para recomeçá-la em outro lugar.

Um dia, o brasileiro decidiu ir ao bar e esquecer ativamente todas as piadas sarcásticas dos que bebiam excessivamente sobre ele e estabelecer, enfim, contato com os clientes de forma mais agradável. Chegando ao bar, no centro do vilarejo, ele pediu uma cerveja à garçonete, esperando o que ia se passar. Repentinamente, um rapaz começou a falar alto para que todo mundo pudesse ouvi-lo. Aproximando-se, ele assinalou: "*Você curte realmente beber, meu amigo? Você está fazendo uma pesquisa científica com a gente? Se é o caso, você deve beber comigo, hóstia!*".

O jovem bebedor pediu à garçonete que ela entregasse para o antropólogo uma bebida alcoólica das mais fortes, o famoso *feu de la prairie* ("fogo da pradaria"), uma mistura de vodca com molho de tabasco. E continuou: "*Você deve bebê-lo de um só gole! Agora! Vamos!*". Todos os clientes do bar observavam atentivamente a cena, e o antropólogo bebeu-o de um só gole. O que causou espanto no jovem bebedor: "*Oh,* boy*... eu não tenho essa sua coragem de beber isso de um só gole, cálice!*".

Todos ficaram muito impressionados em ver um pesquisador que bebia de um só gole bebida tão forte. Após a cena, os clientes do bar aproximaram-se do antropólogo para beber com ele. Ao misturar o *feu de la prairie* com as cervejas sem chegar ao porre, o antropólogo compreendeu o excesso nessas séries de cervejas consumidas em Beauce, pois a estratégia do jovem bebedor em misturar bebidas como sendo a "última" fazia durar o *feeling* do momento.

Como décima estratégia, a prudência relativa dos que bebiam excessivamente. Ela era dividida em dois aspectos, a saber: a certeza de que o alcoolismo era uma doença crônica e que se deveria ser prudente em não o adquirir e a prudência em manter o *feeling* do momento durante

o excesso provocado pela chegada da "última" cerveja da ocasião, sem chegar ao porre. O conceito de prudência era relativo, pois tratava-se de uma distração ativa. Os que bebiam excessivamente diziam que, caso prestassem muita atenção no discurso sobre alcoolismo das políticas de prevenção ou no olhar moral da sociedade quebequense sobre condutas excessivas, eles poderiam cometer a imprudência de por fim ao *feeling* do momento em coletivo.

Mas como os que bebiam excessivamente se distraiam ativamente ao mesmo tempo em que eram prudentes? A prudência relativa não excluía o gosto pelo risco, pela distração e mesmo o perigo de ser imprudente com o alcoolismo. Tratava-se de uma prudência ativa que abria espaço para a distração, isto é, aos encontros agradáveis no *feeling* do momento. E, para eles, um encontro agradável não poderia conter o porre ou o alcoolismo. A prudência relativa permitia estar sempre à altura do *feeling*, ainda que causasse mal-entendidos e preconceitos na sociedade quebequense que considerava imprudente ser tão distraído em face ao perigo do alcoolismo.

Quando o antropólogo retornou ao bar, três clientes estavam a beber no balcão. Repentinamente, um homem adentrou o bar. Ele dizia que estrangeiros, como o pesquisador, não eram bem-vindos no vilarejo. Nesse momento, um velho bebedor veio ao socorro do brasileiro: "*Esquece o que ele diz, meu amigo! Ele está com ciúmes de você porque você é jovem e a mulher dele é a garçonete do bar! Aqui, as pessoas vêm para o bar para ver as mulheres como essa bela garçonete! Jean-Luc*[12]*, pare de fazer arruaça! O brasileiro é meu amigo! Pare de fazer arruaça agora contra meu convidado!*". Após a ordem do velho bebedor, o marido da garçonete deixou o bar com receio de sua mulher perder o emprego por conta de seu despautério. O velho bebedor então acrescentou: "*O marido da garçonete vem ao bar todos os dias, meu amigo! Ele está bêbado e enciumado com sua mulher! Mas, me diz uma coisa, meu caro, o que você procura aqui no vilarejo?*". O antropólogo prontamente respondeu: "*Estou à procura de um conceito que explique por que beber!*". O outro, surpreso, exclamou: "*Tabernáculo, calvário de cálice! Não é difícil o que você busca, hóstia! É muito simples o que você procura aqui! Bebemos, meu amigo,*

12 Nome fictício.

para ver as 'criaturas'... ah... a 'criatura' é uma mulher como esta bela garçonete com suas belas nádegas... é por ela que retornamos... é por esta 'criatura' que bebemos!". A garçonete agradece a "gentileza" e o velho bebedor continuava: "*Olhe para a 'criatura', meu amigo...!*". O brasileiro olhava para a garçonete servindo os clientes. O outro aconselhava, então, ao antropólogo: "*Meu amigo, eu vou lhe dar um conselho: pare de beber tão rápido! Pare imediatamente! Se você continua bebendo assim vai chegar ao porre!*". O antropólogo respondeu então que iria beber mais lentamente e o velho bebedor continuou: "*Meu amigo, você deve aprender uma coisa: quando a gente bebe... a gente bebe para ver 'criaturas'... agora, se você bebe como está bebendo [rapidamente], a única coisa que você vai ver é uma cama de hospital!*".

O antropólogo começou a beber mais lentamente. Nesse momento, o velho bebedor deixou o balcão dizendo que iria ao banheiro. Após 30 minutos, sem retorno do bebedor ao balcão, o pesquisador perguntou à garçonete o que tinha se passado, pois o velho bebedor não havia regressado. A garçonente respondeu sorrindo: "*Não se preocupe! Ele sempre faz isso! Ele bebe algumas cervejas e depois vai embora sem se despedir de ninguém!*".

Alguns dias mais tarde, o antropólogo reencontrou o velho bebedor no balcão do mesmo bar a beber sua "última" cerveja da ocasião. Ele continuava a afirmar que o que o seduzia ao bar eram as "criaturas" e sempre falando alto para que as garçonetes pudessem ouvi-lo. Nesse momento, o pesquisador perguntou a ele o que tinha se passado na última vez no momento que ele foi ao banheiro e não mais retornou. O velho bebedor logo respondeu: "*Meu amigo, você deve aprender uma nova lição: devemos deixar o bar quando termina a nossa 'última' cerveja do dia! Você me compreende?*". E eles beberam, assim, algumas cervejas a mais até o momento em que o velho bebedor foi ao banheiro, como na última vez.

O velho bebedor ensinava que quem bebia excessivamente deveria ter uma prudência relativa, isto é, sempre partir quando do término da "última" cerveja para que o *feeling* do momento seja agradável e descontraído do início ao fim.

Finalmente, a última estratégia entre os que bebiam excessivamente para acessar e fazer durar o *feeling* do momento era a busca por novidades. Eles entendiam por novidades a chegada de alguém ou de alguma coisa agradável que não tinha sido prevista por eles. Ela podia ser um

sorriso de uma garçonete, alguém que chegasse no bar com um olhar ou uma conversa sedutora ou o convite de alguém nas estradas do lugar para viver uma escapada. A busca por novidades pulsava os que bebiam excessivamente a procurar o que não se esperava de antemão e que podia surgir no *feeling* do momento.

A busca por novidades causava mal-entendidos na sociedade quebequense, sobretudo no que concernia à imprensa regional. Várias eram as reportagens escandalosas sobre bebedores "bêbados" nas estradas da Beauce em busca de novidades.

Ao adentrar no bar esportivo dos jogadores de hóquei amador, na arena municipal, o antropólogo percebeu uma *gangue* de bebedores que começava a mesclar o consumo de cerveja ao de pequenos copos de licores (mistura de vodca com suco de frutas). O pesquisador percebeu que a *gangue* desejava que ele entrasse no *feeling* do momento. Pediu à garçonete, assim, um licor e brindou à *gangue.* No avançar da noite, os rapazes e as moças se abraçavam e se beijavam. Em um certo momento, um jovem rapaz foi ao banheiro e filmou, com seu celular, o momento que sua urina não acertava o vaso sanitário. Ao retornar à mesa do bar, ele mostrou o vídeo a todo mundo. Se dirigindo ao antropólogo, assinalou: "*Olhe aqui, brasileiro! Eu mijei fora do vaso sanitário! Eu tenho uma má pontaria, não acha?*". Nesse momento, ele não sabia exatamente o que responder. Reagiu rapidamente e acrescentou: "*Ah, legal! Tua urina é dourada como as cervejas da Beauce!*". Surpreso com a resposta, o jovem rapaz esbravejou: "*Tabernáculo! Calvário de cálice! Garçonete, uma cerveja pêche 50 [Labatt 50] para meu novo amigo, o brasileiro!*"[13].

Repentinamente, um outro jovem bebedor da *gangue* acrescentou: "*Vamos, brasileiro! Venha beber com a gente! Vamos agora para Saint-Georges [cidade vizinha] à busca de novidades!*". Imediatamente, o antropólogo compreendeu que eles iriam à Saint-Georges em busca da "última" cerveja da noite, isto é, de novidades. A busca por novidades era, portanto, sinônimo do inesperado, desejado no *feeling* do momento.

---

13 A Labatt 50 era a cerveja considerada pelos que bebiam excessivamente como a mais forte. Ela tinha teor alcoólico de 5,5%.

CAPÍTULO 5

A última palavra dos que bebem excessivamente

Qual era a última palavra dos que bebiam excessivamente em Sainte-Brosse-de-Beauce e que estava entre as palavras ditas e contraditas no beber excessivo em coletivo? A última palavra era um "há!". E o que havia, em meio às palavras ditas e contraditas, era o *feeling* do momento.

A inspiração conceitual para pensar a última palavra dos que bebiam excessivamente vem de Maurice Blanchot, quando escreve, entre os anos 1935 e 1936, o romance *Le dernier mot.* Nesse romance, os personagens ignoravam, gradativamente, o sentido literal das palavras que eles pronunciavam. A última palavra era como um eco de alguma coisa que não se via ou que não se dizia, mas que se sentia em meio às palavras contraditórias e ambíguas. Conceituando a última palavra, Blanchot discorreu: "É preciso que eu explique para você claramente uma coisa [...]. Até o último momento, eu tentei acrescentar uma palavra a esta que lhe digo. Mas, por que uma palavra seria a última? A última palavra não é mais uma palavra e, também, não é

o começo de outra coisa".[1] E o autor continuava: "Peço a você que guarde isso, para bem conduzir suas observações: a última palavra não é uma palavra, nem a ausência de palavra, nem outra coisa que uma palavra"[2]. A última palavra era, portanto, um "há!" que não era uma palavra, nem a ausência de palavra, nem outra coisa que uma palavra.

O antropólogo esteve bebendo na arena de hóquei amador com os jogadores que bebiam antes e depois de cada partida. No local havia um bar, uma arquibancada e uma pista de gelo. No momento em que o brasileiro bebia antes da partida com os jogadores de hóquei amador, eles afirmavam veementemente que bebiam somente depois da partida. Um entre eles ainda assinalou: "*Brasileiro, o hóquei é um esporte que a gente leva a sério aqui no Quebec! Ou seja, só se bebe depois da partida!*".

O antropólogo ficou em silêncio sem apontar ao jogador de hóquei amador que ele estava bebendo antes da partida. O pesquisador não tinha, naquele momento, a intenção de desfazer o *feeling* do momento que compartilhava com ele. Para que pudesse continuar falando sobre o consumo do álcool antes e depois da parida, ele mudou de estratégia e situou a ação para fora de Sainte-Brosse-de-Beauce: "*Conheci jogadores de hóquei na cidade de Quebec [capital da província] que não levavam o esporte a sério e que bebiam antes da partida!*". E um jovem jogador logo acrescentou: "*São imprudentes, brasileiro, pois é perigoso beber antes da partida! O jogador pode sofrer um acidente sério na pista! Eu mesmo, eu nunca bebo antes da partida!*".

Outros jogadores chegaram no bar. Eles também se preparavam para a partida bebendo "uma" cerveja antes da partida. Escutando a conversa entre o antropólogo e os jogadores, um entre eles acrescentou: "*Meu amigo, os jogadores de hóquei amador do vilarejo bebem somente depois da partida e no vestiário. Não antes! Não há alcoólatras em Sainte-Brosse-de-Beauce!*". Apesar do risco de pôr fim ao *feeling* do momento,

---

1 "Il faut que je vous explique clairement les choses [...]. Jusqu'au dernier moment, je vais être tenté d'ajouter un mot à ce qui a été dit. Mais pourquoi um mot serait-il le dernier? La dernière parole, ce n'est déjà plus une parole et, cependant, ce n'est pas le commencement d'autre chose" (Blanchot, 1983a, p. 77).

2 "Je vous demande donc de vous rappeler ceci, pour bien conduire vos observations: le dernier mot ne peut être un mot, ni l'absence de mot, ni autre chose qu'un mot" (Blanchot, 1983a, p. 77).

o pesquisador perguntou: "*Mas estamos bebendo agora antes da partida, não?*". Um jovem jogador logo retrucou: "*Ah... meu amigo... É apenas 'uma' cerveja, nada sério, hóstia!*".

O antropólogo compreendeu, portanto, que os jogadores de hóquei amador não bebiam antes da partida, eles bebiam apenas "uma" cerveja para se divertir com os colegas, nada sério. Mais tarde, o pesquisador descobriu que depois da partida, no vestiário, os jogadores não bebiam também, pois beber após a partida não era para se levar a sério, era apenas beber "uma" cerveja para se divertir com os colegas. Para os jogadores de hóquei amador, esse consumo de álcool antes e depois da partida não era levado a sério porque ele não os impedia de jogar uma partida ou se confraternizarem depois dela no vesturário.

Os jogadores de hóquei amador bebiam ou não antes e depois da partida? Pergunta inútil, pois ela continuava a buscar o dito e o contradito entre as palavras dos que bebiam excessivamente. Mas o que se passava finalmente? Palavras contraditórias eram pronunciadas pelos jogadores antes e depois da partida. O que era dito era contradito e o que era contradito, dito. Tratava-se de pôr o dito e o contradito no mesmo plano ao invés de procurar distingui-los entre o verdadeiro e o falso. Mas qual era, enfim, a última palavra dos jogadores de hóquei amador que bebiam antes e depois da partida? A última palavra era o eco de um "há!" e o que havia eram *feelings* do momento antes e depois da partida.

Um certo dia, enquanto o brasileiro bebia com velhos clientes no balcão de um bar, eles explicavam para ele que só paravam de beber quando estavam cansados. Em um certo momento da noite, eles começaram a sentir cansaço, fecharam a conta e se preparavam para partir quando, de repente, uma mulher, amiga deles, adentrou o bar.

A mulher entrou e sentou-se no balcão ao lado dos velhos clientes que tinham pago a conta e que estavam se preparado para partir. Os velhos clientes, então, pedem mais uma cerveja à garçonete e uma a mais para o antropólogo, como cortesia. Porém, a mulher que havia chegado ouviu que eles tinham bebido a última cerveja da noite e que estavam de partida. No mais, a garçonete tinha encerrado a conta e dado a comanda na frente da mulher. Sendo assim, a mulher perguntou: "*Mas vocês estão cansados, não, hahaha?*". Um velho bebedor prontamente respondeu: "*Quem disse isso? Agora que começamos! Estamos aqui para beber! Ninguém está cansado, hahaha!*". A mulher sorriu.

O antropólogo, então, perguntou se os velhos clientes tinham esquecido que haviam dito para ele que estavam cansados de beber. Um entre eles logo retrucou: "*Meu amigo, pare de fazer tantas perguntas imbecis! Bebamos! Estamos em Beauce!*". Nesse momento, o pesquisador ficou muito confuso, pois, antes da chegada da mulher, eles tinham encerrado a conta e anunciado que estavam cansados. A questão era, antes de tudo, saber qual era finalmente a "última" cerveja da ocasião. Ele passou muito tempo antes de concluir que a chegada da mulher tinha produzido um novo *feeling* do momento.

Todos, incluso o antropólogo, beberam várias cervejas com a mulher recém-chegada sem dizer que se tratava da "última" cerveja da noite até o momento em que tal mulher também começava a se sentir cansada. Nesse momento, uma vez mais, a *gangue* de velhos clientes começou a dizer que a próxima cerveja era a "última" cerveja da noite: "*Agora a gente para, brasileiro, hahaha!*". E todos beberam umas cervejas a mais até o fim do *feeling*.

Os velhos clientes afirmavam que estavam cansados, mas o que os pulsava a continuar a beber sem cansaço foi a mulher récem-chegada. Os velhos clientes pagaram a primeira comanda porque estavam cansados de beber, mas não, eles não estavam cansados, como eles disseram para a mulher recém-chegada. Eles continuaram a beber por horas mesmo tendo afirmado, em um primeiro momento, que eles estavam cansados de beber. Enfim, eles estavam cansados ou não no momento em que bebiam com a mulher recém-chegada? Ignorava-se a resposta, mas eles estavam lá a beber com ela. A *gangue* de velhos clientes queria, sobretudo, beber com a mulher recém-chegada. Estava, por fim, entre o dito e o contradito do cansaço. O que ela sentia pela mulher era o eco de um novo "há!" e o que havia era um segundo *feeling* do momento entre a *gangue* e a mulher.

Em um outro dia, uma outra *gangue* de velhos clientes adentrou o bar do centro do vilarejo. Tratava-se de três homens e de duas mulheres. A *gangue* estava, desde a entrada, sob efeito do *feeling* do momento. Dois entre eles, muito festeiros, rapidamente começaram a falar com o antropólogo. Um entre eles assinalou: "*Então, você está aqui para monitorar nosso consumo de álcool, meu amigo?*" e o pesquisador logo respondeu: "*Não exatamente. Estou aguardando meus amigos chegarem!*". O velho bebedor continuou: "*Meu amigo, aqui na Beauce, não existe alcoólatras! Todo mundo trabalha!*". Uma velha bebedora então aconselhou o antropólogo que ele fosse etnografar Saguenay, uma outra região do Quebec.

Quando o brasileiro embarcou no *feeling* do momento bebendo com eles, a velha bebedora, surpresa, exclamou: "*Oh... você bebe também, hahaha!*" e um outro complementou: "*Cálice! Ele bebe como a gente... oh boy... hahaha!*".

Algumas horas depois, todos, incluindo o antropólogo, estavam no *feeling* do momento. Então, começaram a esbravejar "*É a 'última'!*", e não paravam de beber. Um velho bebedor se dirigiu ao antropólogo: "*Meu amigo, você deve pensar que somos uma gangue de alcoólatras, seguramente! Mas não é o caso! É para fazer a festa que bebemos! Entendeu?*". E ele pedia uma cerveja a mais dizendo que a próxima era a "última".

Os velhos bebedores disseram que a próxima cerveja era a "última" no momento em que eles bebiam umas a mais. A próxima cerveja era a última com ou sem aspas? Eles continuavam afirmando que a próxima era a "última". Tratava-se da "última" cerveja. Em realidade, a próxima era a penúltima. Não, a próxima era a antepenúltima. Enfim, a próxima era o que, finalmente? Era falso afirmar que a próxima era a última. E eles não paravam de beber. Eles não paravam de pedir a "última" e se não paravam era porque havia alguma coisa entre eles. E o que havia era o eco de um "há!" entre o dito e do contradito sobre o número de cervejas consumidas.

No final da noite, o antropólogo ouviu de um membro da *gangue* que a florista do vilarejo tinha confessado para ele que um cliente dela comprava todos os meses muitas flores e as ofertava para todas as garçonetes da região. O antropólogo conversando no dia seguinte com a florista, que estava preocupada com os gastos excessivos do cliente, ela pediu para ele que aconselhasse seu cliente a parar de disperdiçar tanto dinheiro. Tratava-se de um homem de 35 anos, proveniente do vilarejo vizinho, mas que trabalhava em uma das usinas de Sainte-Brosse-de-Beauce. Ele tinha uma namorada. O antropólogo foi, portanto, ao encontro desse cliente galanteador. No balcão de um bar, em uma outra ocasião, perguntou-o: "*Soube que você comprou flores para cada garçonete da região. Por que fez isso?*". Ele logo respondeu: "*Ah... é bem simples, meu amigo! É para ver o que se passa!*". O brasileiro, assim, continuou: "*Mas, por que ofertar flores para várias garçonetes e não para uma só? O que se passaria se as outras garçonetes descobrissem o gesto? Não seria mais fácil investir em uma só garçonete já que em Beauce todo mundo se conhece?*". E o cliente galanteador logo retrucou: "*Meu amigo,*

qual o problema se posso aumentar minha probabilidade de ver o que se passa entre elas e eu?"[3].

No momento em que o antropólogo pediu para o cliente galanteador identificar qual era sua garçonete preferida, ele, assim, respondeu: "*A garçonete 'X' do bar 'Y' é a que prefiro, mas pode ser outra!*". Como identificar, então, a garçonete preferida do cliente galanteador? O dito era que o cliente galanteador preferia a garçonete "X", mas poderia ser outra. Ele não parava de procurar sua garçonete preferida afirmado qual era sua garçonente preferida. Nesse sentido, seria um contradito que a garçonete "Y" (uma outra garçonete) era também a preferida já que a preferida era outra? Mas, qual era, pois, a garçonete que ele escolheu como preferida? A garçonete preferida do cliente galanteador era a que ele senhoreava ofertando flores e que ele recebia em troca um gesto afetuoso ou erótico. Nesse momento de galanteio, o cliente galanteador percebia que havia alguma coisa entre ele e a garçonete. E o que havia era um *feeling* do momento com sua garçonete preferida daquele momento.

A caça ao alce era um dos esportes mais praticados no vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce. Os caçadores disseram para o antropólogo que no momento em que eles saíam para a caça, eles esqueciam temporariamente de tudo, inclusive de suas esposas. Eles disseram também que no final da jornada de caça, instalados em um chalé no bosque, vários entre eles bebiam para viver o *feeling* do momento. Um caçador, assim, convidou o antropólogo: "*Brasileiro, você deve vir caçar com a gente! No período de caça, bebemos e convidamos mulheres de outros vilarejos para passar alguns dias com a gente em um chalé no bosque, longe de nossas mulheres. É divertido, hóstia!*". Um outro caçador acrescia: "*Eu vou com meus amigos caçar alce amanhã, mas na cidade de Saint-Georges, no bar de dançarinas nuas, hahaha!*". O antropólogo passou, então, a etnografá-los na caça.

Em uma pousada na cidade de Saint-Georges, com quartos reservados previamente pelos caçadores para o final de semana, em que o antropólogo também precisou reservar o seu, todos bebiam durante todo o dia de

---

3 Nesse momento, o antropólogo lembrou de um trecho de Clarice Lispector: "De meu próprio mal eu havia criado um bem futuro. O medo agora é que meu novo modo não faça sentido? Mas por que não me deixo guiar pelo que for acontecendo? Terei que correr o sagrado risco do acaso. E substituirei o destino pela probabilidade" (Lispector, 2020, p. 11).

sábado, na pousada, cervejas que os caçadores haviam trazido com eles, e, no sábado à noite, todos foram à busca da "última" cerveja no bar de dançarinas nuas. Um entre eles acrescentou: "*Brasileiro, a tática é o seguinte: a gente tinha dito para nossas esposas que íamos caçar alce, mas amanhã, domingo, final da tarde, um caçador, que a gente contrata todos os anos nessa temporada, virá até a pousada e vai nos vender um alce abatido. Assim, a gente prova às nossas esposas que a gente passou todo o fim de semana caçando o bicho!*".

FIGURA 2: Antropólogo observando o alce abatido
Fonte: Paulo Rogers Ferreira (2016).

Por outro lado, as esposas dos caçadores sabiam exatamente o que eles faziam durante a temporada de caça ao ponto que, no vilarejo vizinho, elas inventaram uma festa muito curiosa que acontecia durante a ausência dos maridos. Tratava-se da festa *Les "veuves" de la chasse* ("As 'viúvas' da caça"). A festa começava por volta das 20h, no clube esportivo do vilarejo, com a participação de dançarinos nus da cidade de Quebec. No mais, a partir da meia-noite, caçadores de toda região, excluindo, claro, os de Sainte-Brosse-de-Beauce, podiam entrar e assistir o espetáculo. Quando da entrada dos caçadores da região, as mulheres já se encontravam sob o *feeling* do momento da festa, abrindo, portanto, possiblidades para com

eles. Caçadores que também disseram para suas esposas que foram à caçada de alces. A festa concretizava, assim, o mundo erótico entre mulheres e homens naquele período.

As "viúvas da caça" criaram uma expressão para o momento da festa: "*vacance de mariage*" ("férias do casamento"). Enquanto esperavam seus maridos voltarem da caça, esse tempo de espera se perdia para melhor responder à espera do *feeling* do momento com os caçadores da região. Uma das "viúvas" assinalou: "*Bebemos nesta festa para esquecer que nossos maridos estão na 'caça', hahaha!*". Uma outra acrescentou: "*Se nossos maridos estão na 'caça', estamos aqui nas 'férias' do casamento, hahaha!*". Outra logo retrucou: "*É divertida esta festa, pois o que se passa na Beauce morre na Beauce! Você conhece esse ditado popular, brasileiro, hahaha?*". E outra ainda completou: "*Meu marido disse que foi 'caçar alce'... eu não acredito... é por isso que nós, mulheres, inventamos esta festa, hahaha!*". Por fim, ressaltou uma outra: "*Se os homens fazem a festa no 'bosque'... a gente faz com os dançarinos nus de Quebec e com os caçadores da região!*". Tratava-se de um esquecimento ativo do que os maridos faziam durante o período de caça ao alce.

As "viúvas" da caça não eram viúvas de verdade, pois os caçadores não estavam mortos. Elas afirmavam rindo viver as "férias" do casamento, mas casamento, ao menos oficialmente, não se tira férias. O dito e o contradito eram a necessidade das "viúvas" em buscar estabelecer um *feeling* do momento com os caçadores da região. Elas viviam, por fim, o eco de um "há!" entre as palavras "morte", "caça", "viuvez" e "férias".

No vilarejo de Sante-Brosse-de-Beauce havia vários clientes que bebiam sozinhos nos balcões dos bares e que eram provenientes de toda a região. Eles perambulavam de vilarejo em vilarejo na busca de esquecer problemas pessoais. Na verdade, eles estavam sobretudo em busca de novidades. Cada vez que eles diziam publicamente que tinham vindo ao bar para esquecer problemas pessoais, eles iniciavam uma prosa com alguém no balcão do bar. No final da noite, o antropólogo perguntou a muito deles por que eles repetiam tanto que bebiam para esquecer problemas pessoais. Eles responderam dizendo que o antropólogo ainda não tinha entrado no *feeling* do momento deles. Tratava-se, pois, da estratégia em dizer para alguém que eles bebiam para esquecer problemas pessoais, mas eles estavam assinalando que eles estavam desejosos de viver um *feeling* do momento com alguém. Um deles acrescentou: "*Brasileiro,*

você precisa saber de uma coisa. Quando um cliente bebe sozinho, tal como eu, e se apresenta em um bar dizendo que veio esquecer problemas pessoais, ele está mesmo é querendo que alguém possa quebrar a solidão dele! Você me entende?". E continou: "*Venha beber comigo! Faça-me companhia! Vamos beber para esquecer minha vida!*". Uma cliente, que também bebia sozinha, logo assinalou: "*Também quero esquecer minha vida! Vamos beber juntos, nós três?*".

Afinal, era falso afirmar que eles estavam no bar para esquecer problemas pessoais? Tratava-se de uma pergunta inapropriada. Entre o dito e o contradito, havia a última palavra. E essa última palavra era um convite implícito de um "há!", explorando, assim, o *feeling* do momento com alguém.

Em Sainte-Brosse-de-Beauce havia várias *gangues* de bebedores excessivos que frequentavam os bares da região e que participavam da vida social e cultural local. No mais, havia, a cada extremidade do vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce, uma placa de sinalização, fincada pelo governo, com um desenho de um enorme dedo indicador e sob a seguinte inscrição: "Álcool ao volante, isso para aqui!".

FIGURA 3**:** Placa de sinalização
Fonte: Paulo Rogers Ferreira (2016).

Os que bebiam excessivamente interpretavam essa placa de sinalização à maneira deles. Para eles, tratava-se do fim da busca pelo *feeling* do momento nas estradas e bares da região. Eles diziam que se eles

obedecessem a essa advertência, eles não poderiam continuar na busca de novidades e o governo não poderia "girar a economia" com os impostos arrecadados no consumo de cerveja no Canadá (21,4 milhões de dólares canadenses, uma alta de 2,2% em 2013, ano da etnografia). Essas placas eram, portanto, associadas por eles à cruzada nacional contra o alcoolismo. Por várias vezes, havia *blitzs* policiais nas estradas de Beauce.

Chegando ao bar, após o temor de ter sido abordado por uma *blitz* nas estradas da região, um bebedor, assim, pontuou: "*Bebamos, meus amigos! Beba brasileiro! Esquece a volta pela mesma estrada! Se deixe tocar pelo feeling do momento com a gente!*". Os que bebiam excessivamente diziam que eles não dirigiam alcoolizados ao mesmo tempo que eles dirigiam bebendo. Eles diziam que dirigir alcoolizado era crime e que eles respeitavam a placa de sinalização bebendo ativamente para esquecê-la sem esquecer a direção nas estradas. Entre o dito e o contradito, eles bebiam dirigindo nas estradas da região para viver alguma coisa sem acidentes. E o que eles viviam era o *feeling* do momento.

O antropólogo, um dia, estava na varanda da casa de um jovem bebedor bebendo com sua *gangue*. O anfitrão, então, começou a definir o que era um alcoólatra. Apontando um bebedor muito conhecido no lugar como alcoólatra, assinalou: "*Ele é um beberrão! Um beberrão é alguém que tem grande necessidade de beber. Ele bebe o dia todo! Ele não pode viver sem beber! É uma pessoa que não trabalha e vive de ajuda social!*". O antropólogo, então, perguntou: "*Mas... e você...? Você é um beberrão?*". O outro logo respondeu: "*Não, eu não sou um beberrão, pois bebo apenas 'uma' cerveja com os amigos durante a semana! Eu trabalho, meu amigo!*". O antropólogo então perguntou se ele iria jogar boliche todas as segundas-feiras e ele respondeu que sim. Na sequência, perguntou se ele bebia durante as três horas de jogo com os amigos, ele prontamente disse que sim. Perguntou, ainda, se ele jogava hóquei amador durante a semana e se ele bebia "uma" cerveja antes e depois da partida, ele disse que sim e que jogava duas vezes por semana. Então perguntou, finalmente, se no final de um dia de trabalho, de segunda a sexta, ele se dirigia ao bar no final da jornada para beber apenas "uma" cerveja. Ele respondeu que sim. Para que o antropólogo parasse com o interrogatório, o jovem bebedor assinalou: "*Meu amigo, você precisa compreender uma coisa! Em todas essas ocasiões, bebi apenas 'uma' cerveja para ser sociável!*".

O jovem bebedor anfitrião, empregado de uma usina, bebia todos os dias da semana, mas era apenas "uma" cerveja para ser sociável. Ele era sociável todos os dias, por várias vezes durante o dia. Beber apenas "uma" cerveja era como a última palavra do jovem bebedor, e a última palavra era a série de *feelings* do momento que ele vivia durante todo o dia em diversas ocasiões.

Abrindo um parêntese. Certo dia, uma senhora bateu na porta do antropólogo e o convidara para receber ajuda social todas as quintas-feiras na igreja local. Tratava-se de uma cesta básica de alimentos. Essa cesta era entregue a todos aqueles de baixa renda, como também os que não trabalhavam em decorrência do alcoolismo. A senhora acrescentou que, como o brasileiro não trabalhava e passava o dia bebendo, era necessário que ele também recebesse ajuda. O antropólogo foi até a igreja receber sua cesta básica. Os alimentos eram entregues em uma caixa de papelão e ele, ao pegar a sua, voltou para a casa a pé. Todos do vilarejo olhavam aquela movimentação ao ponto que um velho bebebor o parou no meio da rua e assinalou: "*Meu amigo, não ande com essa caixa de papelão pelas ruas! O povo desse lugar vai dizer que você é um alcoólatra porque bebe todos os dias, não trabalha e recebe ajuda social! Quando for pegar essa cesta, peça ajuda a um amigo que tem carro para que ninguém veja você recebendo ajuda social!*". Não trabalhar e receber ajuda social eram apontados, portanto, como pobreza e alcoolismo.

No bar esportivo de boliche, mulheres e homens jogavam ao mesmo tempo que bebiam cervejas. Eles bebiam por três horas a fio, isto é, o tempo da partida. A "última" cerveja nesse momento variava com a duração da partida. No fim da partida, várias garrafas vazias acumulavam-se no chão. Tratava-se da dinâmica de ser sociável durante o jogo. Ninguém perdeu o equilíbrio ou sofreu um acidente nesse dia. No mais, havia jogadores de boliche que vinham de outros vilarejos em busca de novidades no lugar. Uma velha jogadora logo acrescentou: "*Como você pode ver, todos aqui trabalham, nenhum recebe ajuda social e estão aqui para se divertir um pouco! Não há alcoólatras entre nós!*". Uma bebedora de café[4] assinalou: "*A gente bebe álcool e café no bar, mas é para ser*

4 Segundo os que bebiam álcool em Sainte-Brosse-de-Beauce, os bebedores de café eram os clientes que frequentavam os bares para fofocar sobre o que se passava no vilarejo.

sociável! Você deveria anotar essa informação no seu diário de campo, brasileiro!".

Se eles bebiam uma série de cervejas durante três horas de uma partida de boliche, a "última" cerveja era bebida desde o início da partida, pois os jogadores, após a partida, iriam ser sociáveis em outro lugar, como eles disseram rindo ao antropólogo. Os jogadores de boliche dispunham, portanto, de três horas para ser sociáveis, e se eram sociáveis, era porque havia alguma coisa entre eles durante as três horas. E o que havia era um *feeling* do momento sentido nesse eterno campeonato de todas as segundas-feiras.

Durante a partida de boliche, o antropólogo conheceu um empresário do lugar. Ele deu as coordenadas ao pesquisador de uma garagem em que os priprietários das usinas do vilarejo se encontravam para beber todos os sábados à noite. O empresário, assim, assinalou: "*Eu vou lhe dizer uma coisa importante para você colocar no seu diário de campo. Nós que trabalhamos duro em Beauce, nós não somos alcoólatras! Aquele que não trabalha, que recebe ajuda social, ele passa todo tempo bebendo, ele é um alcoólatra! Se você é capaz de trabalhar, meu amigo, você não é um alcoólatra! Aqui em Sainte-Brosse-de-Beauce, a gente trabalha duro, por isso a gente tem direito de beber com os amigos. Beber para ser sociável com os amigos não é beber para se tornar um alcoólatra! Você compreende, brasileiro?*".

No dia seguinte, gentilmente, o empresário conduziu o antropólogo até um chalé próximo à entrada do vilarejo para que ele soubesse a localização exata do encontro no sábado à noite.

O antropólogo comprou, então, uma caixa de cerveja e foi beber com os proprietários das usinas. Lá, conheceu todos os proprietários das usinas de Sainte-Brosse-de-Beauce. Em uma grande garagem próxima a um belíssimo chalé, um grande cachorro preto e dócil fazia guarda todo o tempo. Havia seis homens no local e eles bebiam a mesma marca de cerveja preferida por todos do vilarejo. Eles conversaram sobre tudo: sobre o carnaval no Brasil, sobre as mulheres brasileiras e sobre a vida e os negócios em Sainte-Brosse-de-Beauce. Os móveis no local chamaram rapidamente a atenção do antropólogo: havia uma mesa no centro da garagem com uma geladeira cheia de cerveja; nas paredes, fotos de mulheres sensuais e um relógio grande. Os proprietários tinham inventado um bar desterritorializado nessa garagem. Um entre eles perguntou ao antropólogo:

"*Você conhece outras garagens, brasileiro? Sabemos que você gosta de beber com o povo daqui! Você é um antropólogo, o que é isso?*". Um outro proprietário complementou: "*A gente sabe também que você frequenta a casa de um bebedor famoso daqui! Ele é alcoólatra!*". O antropólogo logo indagou: "*O que é um alcoólatra? O que isso quer dizer exatamente, meu amigo?*". E o proprietário respondeu: "*Um homem que só bebe, recebe ajuda social e não trabalha, brasileiro! Tentei duas vezes empregar seu amigo na minha usina, mas ele faltava muito ao trabalho, passava o dia bebendo e ainda me disse que preferia receber ajuda social que trabalhar duro como um bom beauceron!*".

Durante a noite, fortes ventos começaram a soprar. Repentinamente, houve falta de energia e o vilarejo entrou na escuridão total. Apesar do incidente, o antropólogo bebeu com eles a "última" cerveja da ocasião no escuro. Dado o *feeling* do momento, os proprietários convidaram o antropólogo para frequentar a garagem todos os sábados à noite.

Os proprietários das usinas se intitulavam "alcoólatras de final de semana". Eles disseram ainda que o antropólogo não levasse a sério a expressão, pois era apenas no final de semana que eles bebiam. Um entre eles assinalou ao antropólogo que um bom proprietário devia também ter sempre um litro de uísque em seu escritório, durante toda a semana, para recepcionar seus clientes a fim que esses últimos pudessem provar com ele o *feeling* do momento dos negócios em jogo.

Os proprietários das usinas diziam que o vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce era um bom lugar para fazer negócios tomando uísque. Eles diziam também que os acidentes nas usinas causados por consumo de álcool eram raros, pois o povo do lugar bebia apenas "uma" cerveja no final de uma jornada de trabalho. Naquele momento, eles vivam o *feeling* do momento como a última palavra de todos os sábados à noite.

CAPÍTULO 6

O alegre ter entre os que bebem excessivamente

Para traduzir a duração no *feeling* do momento em termos antropológicos, emprega-se aqui o conceito de metaestabilidade da quase parada. Por metaestabilidade, entende-se que o corpo do bebedor excessivo sob efeito do álcool é um emaranhado biológico provisoriamente metaestável sob efeito do *feeling* do momento em coletivo, isto é, um corpo em ato, cheio de potenciais, para se manter em *feeling* coletivo. A metaestabilidade da quase parada advém dessa relação heterogênea se sustentando em *feeling* e sem chegar ao porre, pois o porre é o fim do metaestável aqui estabelecido.

A inspiração para pensar uma metaestabilidade da quase parada vem de Gilbert Simondon (2020, p. 18) quando ressalta que "Os antigos só conheciam a instabilidade ou a estabilidade, o movimento e o repouso, não conheciam clara e objetivamente a metaestiblidade. Para definir a metaestabilidade, é necessário fazer intervir noção de energia potencial de um sistema, a noção de ordem e a de aumento da entropia".

Na metaestabilidade da quase parada, o efeito do álcool era atravessado. Esta só era possível quando os que

bebiam excessivamente resistiam ao porre. O *feeling* do momento vinha porque eles encontravam, a cada vez, um corpo que suportava o efeito do álcool. Na metaestabilidade da quase parada, os que bebiam excessivamente se apropriavam do efeito do álcool e o efeito do álcool se apropriava deles. No mais, nela, a noção de quase apresentava um sentido ambíguo à noção de eternidade, ou seja, é questão de continuar a beber durante toda a duração do *feeling* do momento que podia durar uma "eternidade" até a ultrapassagem da "última" cerveja. A dinâmica dos que bebiam excessivamente consistia em retardar, durante alguns minutos ou algumas horas, o fim do *feeling* do momento que eles compartilhavam, como se, com esse retardamento, eles duvidassem que esse fim chegaria.

Quanto ao termo "quase parada" que compõe a metaestabilidade, ele foi inspirado em quatro autores, a saber: Maurice Blanchot (1983a), autor de uma obra intitulada *Après Coup,* mais especificamente o capítulo intitulado "Le dernier mot", escrito nos anos 1935 e 1936; Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980) em *Capitalisme et schizophrénie 2: mille plateaux,* mais especificamente o capítulo 8 intitulado "Trois nouvelles ou 'Qu'est-ce qui s'est passé?'"; e, finalmente, Eduardo Viveiros de Castro em sua conferência intitulada "A morte como quase acontecimento" (2009). Esses quatro autores aprofundam ocasiões de experiências em que o retardamento do fim era uma quase parada "eterna".

De início, Blanchot, em seu capítulo "Le dernier mot", apresenta o conceito *jusqu'à ce que* ("até que"), que se trata de pensar a vida na beira de uma experiência limite. Citando o exemplo da infidelidade no amor, Blanchot escreve: "Logo que tu dizes: *Eu te amarei até o dia em que tu fores fiel.* Escuta bem: o que tu dizes? É necessário que tu sejas como um barco que sempre te deves faltar o porto, mas que dispõe de um leme. Por intermédio do *até que*, o tempo rejeita os recifes e torna-se o próprio naufrágio"[1]. O conceito de *até que* pode ser perfeitamente associado ao retardamento (a quase parada) da "última" cerveja no *feeling* do momento para fazer durar o alegre ter até o momento em que o *feeling* chega ao fim.

---

1 "Lorsque vous dites: *Je vous aimerai jusqu'au jour où vous me deviendrez infidèle*, écoutez bien, qu'avez-vous dit? Il faut que vous soyez comme un bateau à qui toujours doit manquer le port, mais qui dispose d'un gouvernail. Par l'intermédiaire de *jusqu'à ce que*, le temps rejette les écueils et devient sa propre épave" (Blanchot, 1983a, p. 63-64).

No capítulo intitulado "Trois nouvelles ou 'Qu'est-ce qui s'est passé?'", Deleuze e Guattari (1980) apresentam as novelas *Dans la cage,* de Henry James, *The crack up,* de Francis Scott Fitzgerald, e *Histoire du gouffre et de la lunette,* de Pierrette Fleutiaux, para analisar as posturas e atitudes dos leitores diante de novelas, contos e romances. Para os autores, os leitores de novela estão particularmente fascinados pelo segredo que resta impenetrável nesse gênero de literatura, já os leitores de contos, por sua vez, apreciam a descoberta. Quanto aos leitores de romances, o interesse é pelo segredo e pela descoberta. Segundo os autores, esses estilos literários distintos suscitam uma série de questões diferenciadas quanto ao que irá se passar durante a leitura. Para Deleuze e Guattari:

> Há novela logo que tudo é organizado entorno da questão: 'O que se passou? O que poderia ter se passado?'. O conto é o contrário da novela porque ele retém o leitor, sem fôlego, sob uma outra questão: o que vai se passar? Sempre alguma coisa vai chegar, vai se passar. Quanto ao romance, nele se passa sempre alguma coisa[2].

Deleuze e Guattari acrescem ainda a fascinação dos leitores pelo segredo na novela e pela descoberta no conto: "Não saberemos nunca o que vem a se passar. A gente vai sempre saber o que se passará, tais são os dois suspiros diferentes do leitor face à novela e ao conto, mas são, por sua vez, duas maneiras nas quais se divide, a cada instante, o presente vivido"[3]. Fazendo um paralelo com o presente vivido (duração) no *feeling* do momento, havia sempre alguma coisa se passando. Os que estavam experimentando-o viviam instantes em que tudo podia acontecer na passagem

2 "Il y a nouvelle lorsque tout est organisé autour de la question: 'Qu'est-ce qui s'est passé? Qu'est-ce qui a bien pu se passer?' Le conte est le contraire de la nouvelle, parce qu'il tient le lecteur haletant sous une tout autre question: qu'est-ce qui va se passer? Toujours quelque chose va arriver, va se passer. Quant au roman, lui, il s'y passe toujours quelque chose" (Deleuze; Guattari, 1980, p. 236).

3 "On ne saura jamais ce qui vient de se passer, on va toujours savoir ce qui se passera, tels sont les deux halètements différents du lecteur, face à la nouvelle et au conte, mais ce sont deux manières dont se divisent à chaque instant le présent vivant" (Deleuze; Guattari, 1980, p. 237).

(o porre, a alegria, o alcoolismo, o sexo, o novo, a "última" cerveja da noite, o fim do *feeling* etc.), e tudo era fascinação, vertigem, suspiro.

Essa metaestabilidade da quase parada, em que o efeito do álcool era a incorporação de muitos sob metaestabilidade no corpo dos que bebiam excessivamente em coletivo, produzia um presente vivido (a duração no *feeling* do momento), em que eles se questionavam sobre o que poderia se passar sob efeito do álcool ou com a próxima cerveja. Não se trata da questão "O que se passou?" ou "O que poderia ter se passado?", pois o *feeling* se encontra na situação em que as coisas estão se passando. E o que está se passando é sempre o futuro no já. Trata-se de viver um experimento no momento mesmo em que ele se passa.

Eduardo Viveiros de Castro[4] apresenta, em antropologia, a perspectiva ontológica do quase. Ouvindo as histórias dos indígenas que quase morriam após ter cruzado animais ferozes na floresta amazônica, o antropólogo elabora uma categoria ontológica para pensar esse perigo de morte, a *quasedade*. Para ele, a morte é alguma coisa que só acontece com os outros. Quando ela acontece a um indígena, ele já está morto.

A quase morte entre os indígenas da Amazônia é, assim, o acontecimento por excelência que permite que a noção de acontecimento se apresente como alguma coisa que quase acontece todos os dias até o dia em que se morre finalmente. Para Viveiros de Castro: "O que exatamente acontece, quando algo quase acontece? O quase acontecer: a repetição do que não terá acontecido? Por outra: todo quase acontecer teria sempre a forma de um quase morrer?" (Café Filosófico, 2009). No *feeling* do momento, há uma ontologia do quase. Os que bebiam excessivamente se encontravam em uma situação de quase parada, de um quase acontecimento. Os ditos e os contraditos sobre a "última" cerveja remetiam precisamente a essa quase parada que os permitia estar ainda lá, no presente vivido (duração) do *feeling* do momento.

Vivendo o perigo associado a essas séries de cervejas, havia sempre alguma coisa que quase acontecia, alguma coisa que quase se passava nesse momento preciso (o porre, a prisão ou a internação em um hospital). E era nesse quase lá que se passava sempre alguma coisa, pois o segredo

---

4 Agradeço a Eduardo Viveiros de Castro pelo pronto envio de material escrito por *e-mail*, durante a escrita deste livro, sobre o que ele denominou, no *e-mail*, o que ele denominou, no e-mail, de protoconceito: o quase-acontecimento.

para experimentar o *feeling* do momento era a propriedade metaestável da quase parada.

Essas séries de cervejas eram sempre híbridas, pois os que bebiam excessivamente podiam se tornar um quase nada e um quase tudo quando as coisas se passavam no *feeling* do momento. A duração era, pois, ao mesmo tempo, alguma coisa que se passou e alguma coisa que iria se passar, logo que essa quase parada era o presente vivido pelos que bebiam excessivamente no instante mesmo em que eles provavam o *feeling* do momento. Ela explica porque os que bebiam excessivamente repetiam constantemente a frase "*É a 'última'!*", correndo o risco de ser motivo de chacota por não pararem de beber. No fundo, os que bebiam excessivamente em Sainte-Brosse-de-Beauce desejavam apenas ser sociáveis com todo mundo.

Por fim, o alegre ter é a quantidade intensiva como propriedade na metaestabilidade da quase parada. A inspiração para conceitar o alegre ter vem de dois autores, a saber: Friedrich Nietzsche e Gabriel Tarde, se bem que Nietzsche conceitua um alegre saber. A mudança do verbo saber para ter é oriunda de uma filosofia do ter desenvolvida por Tarde:

> Toda a filosofia fundou-se até agora no verbo *Ser* cuja definição parecia a pedra filosofal a descobrir. Pode-se afirmar que, se tivesse sido fundada no verbo *Ter*, muitos debates estéreis, muitos passos do espírito no mesmo lugar teriam sido evitados. Desse princício, *eu sou*, é impossível deduzir, mesmo com toda sutiliza do mundo, qualquer outra existência além da minha; daí a negação da realidade exterior, '*Eu tenho*', como fato fundamental; o *tido* e o *tinha* são dados ao mesmo tempo como inseparáveis. Se o ter parece implicar o ser, o ser seguramente implica o ter. Esta abstração vazia, o ser, jamais é concebido senão como a *propriedade* de alguma coisa, de um outro ser, ele próprio composto de *propriedades*, e assim por diante indefinidamente. No fundo, todo o conteúdo da noção de ser é a noção de ter[5].

5 "Toute la philosophie s'est fondée jusqu'ici sur le verbe Être, dont la définition semblait la pierre philosophale à découvrir. On peut affirmer que, si elle eût été fondée sur le verbe *Avoir*, bien des débats stériles, bien des piétinements de l'esprit sur place auraient été évités. – De ce principe, *je suis*, impossible de déduire, malgré toute la subtilité du monde, nulle autre existence que la mienne; de là, la négation de la réalité extérieure. Mais posez d'abord ce postulat: '*J'ai*' comme fait fondamental, l'*eu* et l'*ayant* sont donnés à la fois comme inséparables. Si l'avoir semble indiquer l'être, l'être assurément implique l'avoir. Cette abstraction creuse, l'être n'est jamais conçu que comme la *propriété* de quelque

O alegre ter é a gaiatice na cabeça e no coração dos que bebiam excessivamente que continuavam no *feeling* do momento sem chegar ao porre, à prisão ou ao hospital. Com essa gaiatice, os que bebiam excessivamente viviam a incerteza do momento como a tragicomédia de suas vidas na beira de tudo que poderia acontecer dentro de seu corpo alcoolizado. Esbravejando "*Tabernáculo!*", dançando em grupo, beijando uns aos outros de forma acalorada, se contradizendo em palavras de forma voluntária sobre o número de cervejas consumidas, esquecendo ativamente dos problemas pessoais, em suma, os que bebiam excessivamente se serviam desse alegre ter. Dos bebedores excessivos nos balcões dos bares suportando o efeito do álcool para ver "criaturas" (garçonetes) passando por *gangues* de bebedores excessivos que se deslocavam de bar em bar na região sem sofrer acidentes nas estradas, até a oferta de cervejas e pequenas taças de licores entre jovens bebedores excessivos, os que bebiam excessivamente riam em estar ainda no *feeling* do momento. Esse alegre ter, essa gaiatice, era a resistência alegre dos que bebiam excessivamente em viver uma experiência a retardamento, pois o fim do *feeling* era o fim de tudo.

O riso tinha, nele também, uma força ativa entre os que bebiam excessivamente em Beauce. Após ter passado por essas séries de cervejas sem chegar ao porre, à prisão ou ao hospital, os que bebiam excessivamente podiam rir dessa experiência, pois eles estavam "sempre de pé!". A expressão "sempre de pé!", muito usada entre os que bebiam excessivamente na região, se aproxima do que Nietzsche conceitua de "grande saúde"[6]. Ora, o alegre ter era efêmero e só aparecia logo que eles experimentavam o *feeling* do momento em coletivo. Ele era algo adquirido sem cessar, pois, abandonado novamente, um abandono incessante.

Nietzsche discorre ainda sobre a gaiatice dos homens preliminares, que se assemelham em tudo aos que bebiam excessivamente vivendo

---

chose, d'un autre être, lui-même composé de *propriété*, et ainsi de suite indéfiniment. Au fond tout le contenu de la notion d'être, c'est la notion d'avoir" (Tarde, 1999, p. 123).

6 Para Friedrich Nietzsche: "Uma sorte de saúde que não somente possuímos, mas que adquirimos e que devemos ainda adquirir sem cessar, pois a abandonamos novamente, não cessamos de abandoná-la...". Do original: "Cette sorte de santé que non seulement on possède, mais que l'on acquiert et que l'on doit encore acquérir sans cesse, parce qu'on l'abandonne à nouveau, qu'on ne cesse pas de l'abandonner à nouveau..." (Nietzsche, 1967, p. 279).

o *feeling* do momento: "Homens tendo suas próprias festas, seus próprios dias trabalháveis, seus próprios tempos de luto. Habituados a comandar com segurança, igualmente prontos a obedecer, desde que isso os importe em um como no outro. Orgulhosos, servindo igualmente suas próprias causas"[7]. E acresce, ainda, a alegria e o viver perigosamente (o gosto pelo risco dos homens preliminares): "Homens expostos ao perigo, homens mais fecundos, homens mais alegres! Pois, acreditem-me, o segredo de colher a maior fecundidade, o maior júbilo da existência, consiste em viver perigosamente! Construam, pois, vossas cidades ao pé do Vesúvio!"[8].

Construir uma cidade ao pé do Vesúvio era viver na beira de um porre, de uma prisão ou de um hospital entre os que bebiam excessivamente. Esse alegre ter era possível porque eles inventaram estratégias para acessá-lo, fazer durá-lo e permanecer no *feeling* do momento. O alegre ter era, pois, a abertura às propriedades de uma metaestabilidade da quase parada.

Porém, é mister aprofundar, na metaestabilidade da quase parada, o que assinala Simondon sobre a noção de informação[9]. Ora, a questão que se coloca é como pensar a vida no *feeling* do momento levando em conta o princípio de individuação daquele que bebe anterior à própria individuação em *feeling* coletivo. A busca de uma individuação em *feeling* do momento se desloca do privilégio ontológico de um bebedor excessivo acabado em *feeling* do momento, recolocando-o no sistema de realidade em que a individuação em *feeling* do momento se produz partindo de um pré-individual[10], o que inclui os potenciais advindo do malte,

---

7 "Des hommes ayant leurs propres fêtes, leurs propres jours ouvrables, leurs propres temps de deuil, habitués à commander avec assurance, également prêts à obéir, dès qu'il importe, dans l'un comme dans l'autre cas également fiers, servant également leur propre cause" (Nietzsche, 1967, p. 181).

8 "Des hommes plus exposés au danger, des hommes plus féconds, des hommes plus heureux! Car croyez-moi! Le secret de récolter la plus grande fécondité, la plus grande jouissance de l'existence, consiste à vivre dangereusement! Construisez vos villes au pied du Vésuve!" (Nietzsche, 1967, p. 181-182).

9 Para Gilbert Simondon: "A informação é aquilo pelo qual a incompatibilidade do sistema não resolvido devém dimensão organizadora na resolução; a informação supõe uma mudança de fase de um sistema, pois ela supõe um primeiro estado pré-individual que se individua segundo a organização descoberta" (Simondon, 2020, p. 27).

10 Para Simondon: "O ser pré-individual – anterior a qualquer dualidade do emissor e do receptor e, portanto, a qualquer mensagem transmitida. Desse estado fundamental, o que

lúpulo e levedura metamorfoseados em álcool, o que é uma verdadeira ontogênese[11], isto é, a confirmação, já apontanda por Simondon, de que o princípio de individuação postula que a individuação tenha um princípio. É preciso, pois, recolocar o bebedor excessivo em *feeling* do momento como sistema de realidade em que uma nova individuação se produz sem negar as anteriores no corpo do bebedor excessivo.

A chegada do efeito do álcool no corpo do bebedor excessivo em *feeling* do momento coletivo faz com que tudo que pode ser suporte de relação já é dado do mesmo modo do alegre ter do bebedor sob *feeling* do momento, ou seja, o efeito do álcool entra em relação com o corpo do bebedor em *feeling* do momento produzindo um bebedor viável através dele. Um bebedor excessivo em *feeling* coletivo não pode ser pensando como um indivíduo constituído, acabado, a ser explicado, mas como aquilo que a explicação deve ser encontrada em *feeling* do momento. É urgente desconsiderar uma suposta tensão ocasionada por essa busca de um bebedor excessivo completo, acabado, em *feeling* do momento, passando de etapa em etapa da individuação para chegar ao bebedor excessivo após a operação, pois é descartar o pré-individual individuando o próprio bebedor excessivo em *feeling* do momento, sob potenciais dos atuantes em questão: o malte, o lúpulo e a levedura.

É imprescindível, portanto, apreender um bebedor excessivo em *feeling* do momento coletivo como uma realidade relativa, uma certa fase do ter enquanto bebedor excessivo que supõe, antes dela, uma realidade pré-individual, e que não existe completamente só, mesmo depois da individuação em *feeling* do momento. O bebedor excessivo, em um processo de individuação[12] em *feeling* do momento, é relativo em dois sentidos,

---

resta, no caso clássico da informação transmitida como mensagem, não é a fonte da informação, mas a condição primordial sem a qual não há efeito de informação – logo, nada de informação: a metaestabilidade do receptor, seja ele ser técnico, seja indivíduo vivo. Podemos nomear essa informação de 'informação primeira'" (Simondon, 2020, p. 27).

11 Ainda com Simondon: "A palavra *ontogênse* ganha todo o seu sentido se, em vez de lhe concedermos o sentido, restrito e derivado, de 'gênese do indivíduo' (em oposição a uma gênese mais vasta, por exemplo, a da espécie), fizermos com que ela designe o caráter de devir do ser, aquilo por que o ser dévem enquanto é, como ser" (Simondon, 2020, p. 16).

12 Para pensar a individuação como processo, Simondon (2020, p. 27) discorre: "A individuação só pode ser apreendida como devir do ser, e não como modelo do ser, o que esgotaria sua significação. O ser individuado não é todo o ser, nem o ser primeiro".

porque ele não é todo o ter bebedor excessivo e porque resulta do estado de alegre ter. O processo de individuação em *feeling* coletivo é, assim, uma resolução parcial e relativa, manifestando em *feeling* do momento que abriga potenciais e que abrange certa incompatibilidade relativamente ao bebedor em si, pois feita de tensões entre o bebedor, o malte, o lúpulo e a levedura metamorfoseados em álcool e seus efeitos.

A ontogênese do *feeling* do momento designa o caráter de devir com o bebedor excessivo sob essa intensidade tensa, aquilo porque ele devém enquanto é devindo. O *feeling* do momento é uma dimensão do bebedor excessivo que corresponde a capacidade deste último de se defasar relativamente a si mesmo, de se resolver em um alegre ter como propriedade enquanto se defasa em *feeling* do momento. Propriedade da metaestabilidade. O *feeling* do momento é, assim, um modo de resolução de uma incompatibilidade inicial pré-individual, rica em pontenciais[13].

O *feeling* do momento é um sistema tenso provisório. O alegre ter é, ao mesmo tempo: um potencial em sua condição *superior* de grandeza se atualizando no *feeling* do momento; o efeito do álcool se ordenando e se repartindo em condições de ordem *inferior* de grandeza, pois suportável no corpo de um bebedor excessivo sob *feeling* do momento; e um bebedor excessivo estruturado provisoriamente em uma ordem *média* de grandeza, isto é, a metaestabilidade da quase parada. O *feeling* do momento não é uma consequência disposta ao lado do devir, mas essa própria operação se cumprindo.

É preciso, assim, partir do corpo do bebedor excessivo em *feeling* coletivo. Nesse corpo sob relação de bebedor com o álcool, à noção da metaestabilidade da quase parada se junta uma individuação perpetuada que é a própria vida em *feeling* do momento, segundo o modo fundamental do devir. A atividade no corpo do bebedor excessivo está em um regime de ressonância interna e que exige comunicação permanente mantendo a metaestabilidade[14], esta que é condição de vida

---

13 Para Simondon: "A individuação [...] só se pode compreendê-la a partir dessa supersaturação inicial do ser homogêneo e sem devir que, em seguida, estrutura-se e devém, fazendo aparecer indivíduo e meio" (Simondon, 2020, p. 17). O bebedor excessivo é, em síntese, uma resolução de tensões primeiras, pré-individuais, e uma conservação dessas tensões sob *feeling* do momento, sempre intensamente provisório.

14 Simondon (2020).

em *feeling* do momento. O corpo do bebedor excessivo resolve, assim, problemas não só se adaptando ao *feeling* do momento, isto é, embarcando na relação com o álcool para se manter em *feeling*, mas modificando a si mesmo, inventando novas estruturas internas provisórias, introduzindo-se completamente, no sentido dos problemas vitais, o permanecer em *feeling*. A ressonância interna de um corpo sob efeito do álcool e da tradução do *feeling* do momento a si em informação são próprias do bebedor excessivo sob a metaestabilidade da quase parada.

O *feeling* do momento pode ser compreendido como a contemporaneidade de um corpo em mediação. Esse corpo humano sob efeito de álcool em *feeling* é, em seu próprio interior, um núcleo de comunicação informativa, Simondon diria um sistema em um sistema, comportando em si mesmo mediação. Portanto, o processo de individuação em *feeling* do momento é relativo porque certo nível de potencial se mantém e as individuações ainda são possíveis através de novas informações em *feeling* do momento. Trata-se da natureza pré-individual como fonte de estados metaestáveis em um *feeling* do momento possível, de onde podem sair novas individuações.

Uma individuação mais vasta como participação é o que se passa no *feeling* do momento. O bebedor excessivo em *feeling* do momento é obrigado a intervir como elemento do problema pela sua ação. Ele representa para si sua ação através do *feeling* do momento, como elemento e dimensão desse último, em que os problemas vitais, como o efeito do álcool no corpo humano, não estão fechados sobre si mesmos. O alegre ter é, assim, uma sequência de acessos (11 estratégias) a sucessivas individuações, avançado de metaestabilidade a metaestabildiade em que o bebedor excessivo não é nem substância, nem simples parte de um coletivo. O *feeling* do momento intervém como resolução da problemática individual, o que significa que a base da realidade coletiva já está parcialmente contida em cada bebedor excessivo sob o pré-individual que permanece associada à realidade individuada em *feeling*.

O *feeling* do momento é um nível de individuação que parte de um primeiro nível pré-individual; um segundo nível, isto é, o bebedor excessivo como um vivente; malte, lúpulo e levedura metamorfoseados no efeito do álcool; e, finalmente, um coletivo com outros bebedores excessivos. No mais, o grau de individualidade está submetido a variações devido à imprevisibilidade característica do *feeling* do momento.

Chegamos, pois, ao conceito de integração. Ora, o bebedor excessivo em *feeling* do momento é parte de um grupo organizador, integrador e diferenciador. E o ilimitado biológico se encontra nele.

O *feeling* do momento é a integração correspondendo ao uso do virtual/atual e a diferenciação à atividade que distribui potências na duração do *feeling* do momento, potências adquiridas progressivamente e colocadas em reserva, ao passo que o virtual/atual coloca em reserva a informação adquirida segundo as circunstâncias, de maneira a realizar um contínuo que é o *feeling* do momento em coletivo.

Já a qualidade no *feeling* do momento não pode ser uma reatividade pela qual o bebedor excessivo aprecia sua própria ação em *feeling,* pois ela não permite que se reduza esse nexo a uma simples consciência da decalagem entre o escopo e o resultado. O *feeling* do momento é fluxo intempestivo. É preciso ainda situar a afetividade nele, pois o bebedor excessivo realiza um tipo de relação, em termos de ação, que seria conflito e, em termos de conhecimento, incompatibilidade. O alegre ter é transdutivo[15], a identidade em *feeling* do momento coletivo é transdutiva. O psíquico e o vital não se destiguem como duas substâncias, pois é quando o corpo do bebedor excessivo, sob efeito do álcool para viver um *feeling* do momento, em vez de poder recobrir e resolver em unidade a dualidade da percepção e da ação, devém paralelo a um conjunto composto pela percepção e pela ação que essa relação em *feeling* problematiza.

A entrada na via da individuação em *feeling* do momento obriga o bebebor excessivo a se ultrapassar (desconhecimento de si). Apela-se à realidade pré-individual, cheia de potenciais, para chegar às funções e às estruturas que não acabam no interior dos limites de um bebedor excessivo individuado antes do *feeling*. Trata-se, sobretudo, de um incessante processo de destruição e de reconstrução provisória sob tensão em função das trocas com o exterior em que a vida em *feeling* do momento, em seu conjunto, aparece como uma construção progressiva cada vez mais elaborada.

O *feeling* do momento não é uma totalidade, pois considerá-lo como soma de seus elementos arruína aquilo que o faz sistema: separações

---

15 Para Simondon (2020, p. 237): "A qualidade é transdutiva por natureza, pois todo aspectro qualitativo liga e distingue termos que não são nem idênticos nem estranhos uns aos outros; a identidade do sujeito é precisamente de tipo transdutivo".

relativas, estrutura analógica, disparação e, em geral, atividade relacional de informação simondiana. O *feeling* do momento, esse alegre ter, é uma "tensão psíquica", diria Simondon, isto é, um grau de metaestabilidade da quase parada, por isso não se deve pensar o *feeling* do momento como uma boa forma, pois ela seria insuficiente para explicar a segregação das unidades no campo perspectivo do *feeling* do momento. Todo sinal recebido nessa situação possui um coeficiente de intensidade possível, graças ao qual os bebedores excessivos corrigem, a todo instante, a situação relativamente ao mundo em que se encontram. O *feeling* do momento é, assim, uma realidade excepcional, mas não é ele que é percebido, mas a situação, polarizado de maneira tal que a situação tenha um sentido.

A individuação em *feeling* do momento se cumpre pela intensidade, a qual indica que os princípios de existência do bebedor excessivo individual estão colocados em questão. Portanto, viver um *feeling* do momento sem chegar ao porre, à prisão ou a uma internação em um hospital é, finalmente, experimentar a metaesabilidade da quase parada em um alegre ter tenso, provisório e em devir. A metaestabilidade da quase parada é, por fim, o direito adquirido por todos os que bebem excessivamente e que continuam lá, em devir, na espera da próxima cerveja. Uma individuação por ressonância interna de cada um em que a medida desse consumo excessivo e coletivo nada tem a ver com a medida daqueles que se encontram fora do *feeling* do momento.

Considerações finais

O *feeling* do momento lança as bases de uma ética-estética do alegre ter e do devir. Uma ética-estética de um devir divertido, gaiato e provisório. Longe de uma essência, uma ética-estética que não serve para preservar a substancialidade teórica (um conceito acabado[1]) e prática (utiliza-se dos valores definitidos por um conceito acabado para poder constitui-lo de maneira estável).

É preciso substituir um absoluto incondicional, pela noção de uma série sucessiva de equilíbrios metaestáveis para se manter em *feeling* do momento provisório, levando em conta reserva de potenciais. Nessa ética-estética do *feeling* do momento, de sucessivos equilíbrios metaestáveis, as normas não são a consciência de si, o bebedor excessivo estável, mas as linhas de coerência interna de cada equilíbrio metaestável em que as estruturas físicas, psíquicas e coletivas de um bebedor excessivo em *feeling* se traduz em estruturas provisórias que o substitui, pois os valores

1 Publiquei, em 2022, a obra *A paixão pelo rural: o passional nas ciências*, referente à invenção do conceito inacabado de ruralidade, formulado por teóricos apaixonados pelo rural no Quebec, Canadá. Na ocasião, o conceito de ruralidade inacabada, que servia de mote político para implementação de políticas públicas sobre o que venha a ser rural no Quebec, se modificava em sua formulação a cada novo encontro *in loco* entre teóricos do rural quebequense em contato afetivo com a população de cada vilarejo rural daquela província.

são aquilo pelo qual as normas desse sistema podem devir normas de outro sistema, através de uma mudança de estruturas. Os valores, por sua vez, são a capacidade de transferência amplificadora contida no sistema de normas e as normas são conduzidas ao estado de *feeling* do momento como informação simondiana.

A ética-estética no *feeling* do momento é a exigência segundo a qual há correlação significativa das normas e dos valores, pois normas e valores não existem anteriormente aos corpos dos bebedores excessivos, normas e valores são da ordem do devir, em vez de aparecerem no devir sem fazer parte dele. É preciso acompanhar a ontogênese[2] em *feeling* do momento, no qual cada ato de um bebedor excessivo reside, ao mesmo tempo, no movimento para ir mais longe e no esquema que se integrará a outros esquemas. Trata-se mesmo de uma rede em todo que se passa no corpo do bebedor excessivo sob efeito do álcool em que esses bebedores, vivendo o *feeling* do momento, não é um ato como matéria ou forma, ele é devir no decurso do devir, ele é o próprio *feeling* na medida em que o bebedor é, ou seja, é o devindo. Uma ética-estética no corpo de ir sempre mais longe, corpo que tem realidade suficiente para ir além de si mesmo e encontrar outros atos em *feeling* do momento.

A ética-estética dos que vivem o *feeling* do momento é uma ética-estética de um corpo humano provisório pelo qual reevocado em sua realidade, prolongado, retomado por um ato, ulterior segundo a data, mas contemporâneo do primeiro segundo. A ética-estética do *feeling* do momento é uma ética-estética em rede na medida em que são tomados sobre um fundo de natureza (biota intestinal, malte, lúpulo e levedura), pois apesar de ter uma normatividade interna, ela consiste em si mesmo e se entretém na vertigem de sua existência iterativa. O iterativo provocado pelo *feeling* do momento faz do corpo do bebedor excessivo uma singularidade do *hic et nunc*, uma problemática interna e externa sempre tensionada.

A ética-estética dos que vivem o *feeling* do momento é uma ética-estética da sobriedade. Os bebedores excessivos em *feeling* são sóbrios,

---

2 Para Gilbert Simondon: "A transdução corresponde a essa existência de nexos que nascem quando o ser pré-individual se individua; ela exprime a individuação e permite pensá-la; é, portanto, uma noção a uma só vez metafísica e lógica; *aplica-se à ontogênse e é a própria ontogênese*" (Simondon, 2020, p. 30).

sóbrios face ao perigo que representa o alcoolismo. Eles são sóbrios quando eles apostam que a incerteza do momento é uma característica fundamental. Os bebedores excessivos são sóbrios se enganando voluntária e temporariamente e enganando os outros para a sociabilidade com todo mundo. Eles são sóbrios porque eles suportam o efeito do álcool dentro de seus corpos. Finalmente, eles são sóbrios porque o *feeling* do momento que eles inventaram exige. De fato, eles têm saúde, a "grande saúde" nietzschiana. Precisa-se de sobriedade para ter a prudência relativa necessária de não ultrapassar a "última cerveja" para continuar lá, no *feeling* do momento. Essa sobriedade permite que os bebedores excessivos em Saint-Brosse-de-Beauce continuem a estarem lá, vivos, depois da publicação deste livro. Em tese, a sobriedade é o direito adquirido por todos aqueles que bebem essas séries de cervejas na Beauce e alhures e que continuam lá, na espera da próxima cerveja sem cortar o *feeling* do momento.

Referências

ARISTÓTELES. *Ethique à Nicomaque*. Paris: Édition Flammarion, 1997.

BECKER, H. *Outsiders*: études en sociologie de la déviance. Paris: Métailié, 1963.

BERNARD, H. Alcoolisme et antialcoolisme en France au XIX[e] siècle: autour de Magnus Huss. *Histoire, économie e société,* [Paris], v. 3, n. 3-4, p. 609-628, 1984.

BERNARD, J.-M. *L'alcoolisme au Québec*: Inventaire des sources d'information et des institutions traitantes. Québec: Comité d'étude et information sur l'alcoolisme, 1964. v. 2.

BERNARD, J.-M. La contribution de Marc-Adélard Tremblay à la recherche en alcoolisme au Québec. *In*: TRUDEL, F.; CHAREST, P.; BRETON, Y. (org.). *La construction de l'anthropologie québécoise*: mélanges offerts à Marc-Adélard Tremblay. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1995. p. 173-180.

BERNARD, J.-M. Quelques statistiques sur la consommation d'alcool au Québec. *Information sur l'alcoolisme et les autres toxicomanies*, Québec, v. 4, n. 3, p. 15-16, 1968.

BIBEU, Gilles; PERREAULT, Marc. *Dérives montréalaises, à travers des itinéraires des toxicomanies dans le quartier Hochelaga-Maisonneuve*. Québec: Boréal, 1995.

BLANCHOT, M. *Après coup*: précédé par le ressassement éternel. Paris: Éditions de minuit, 1983a.

BLANCHOT, M. *La communauté inavouable*. Paris: Éditions de minuit, 1983b.

BOLOGNE, J.-C. *Histoire morale et culturelle de nos boissons*. Paris: Robert Laffont, 1991.

BOUCHER, A. *La petite histoire du cidre au Québec*: la fabrication du cidre maison. Trois-Pistoles: Éditions Trois-Pistoles, 2011.

BOUDREAU, A. *Connaissance de la drogue.* Montréal: Éditions du jour, 1971.

BOUDREAU, A. La publicité sur les boissons alcooliques. *Toxicomanie,* Québec, v. 9, n. 3, p. 251-254, 1976.

BOURQUE, G.; DUCHASTEL, J.; BEAUCHAMIN, J. *La société libérale duplessiste*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1994.

BRISSON, P. *L'approche de réduction des méfaits*: sources, situation, pratiques. Montréal: Comité permanent de la lutte à la toxicomanie, 1997.

BRISSON, P. *L'usage des drogues et la toxicomanie*. Montréal: Gaëtan Morin, 2000.

CAFÉ FILOSÓFICO. Íntegra: A morte como quase acontecimento: Eduardo Viveiros de Castro. *Instituto CPFL*, Campinas, 16 out. 2009. Disponível em: https://institutocpfl.org.br/integra-a-morte-como-quase-acontecimento-eduardo-viveiros-de-castro/#:~:text=O%20que%20exatamente%20acontece%2C%20quando,que%20vale%20a%20pena%20contar. Acesso em 24 nov. 2024.

CANADA. *Statistics Canada*. Ottawa, 2011.

CASTAÑEDA, C. *O fogo interior.* São Paulo: Nova Era, 2008.

CASTAÑEDA, C. *O presente da águia.* São Paulo: Nova Era, 2007.

CASTAÑEDA, C. *Passes mágicos.* São Paulo: Nova Era, 2012.

CASTAÑEDA, C. *Uma estranha realidade.* São Paulo: Nova Era, 2009.

CAZELAIS, N. *Boire et déboires*: histoires d'alcool au Québec. Montréal: Les Éditions Transcontinental, 2014.

CHAREST, P. La consommation des boissons alcooliques sur la Basse-Côte-Nord du Saint-Laurent, *Toxicomanies*, Québec, v. 3, n. 3, p. 329-370, 1970.

COHEN, S. *Folk devils and moral panics*: the creation of the mods and rockers. London: New York: Routledge, 2011.

COMITE D'ETUDE ET D'INFORMATION SUR L'ALCOOLISME (CEIA). *Un peuple sobre est un peuple fort*. Québec: Ministère de la famille et du bien-être social, 1961.

COMITE D'ETUDE ET D'INFORMATION SUR L'ALCOOLISME (CEIA). *Un peuple sobre est un peuple fort.* Québec: Ministère de la famille et du bien-être social, 1962.

COMITE D'ETUDE ET D'INFORMATION SUR L'ALCOOLISME (CEIA). *Un peuple sobre est un peuple fort*. Québec: Ministère de la famille et du bien-être social, 1963.

COMITE D'ETUDE ET D'INFORMATION SUR L'ALCOOLISME (CEIA). *Un peuple sobre est un peuple fort.* Québec: Ministère de la famille et du bien-être social, 1964.

COMITE D'ETUDE ET D'INFORMATION SUR L'ALCOOLISME (CEIA). *Un peuple sobre est un peuple fort.* Québec: Ministère de la famille et du bien-être social, 1965.

CORMIER, D. *Alcoolisme*: abstinence, boire contrôlé, boire réfléchi. Montréal: Éditions du méridien, 1989.

CORMIER, D. *Toxicomanies*: styles de vie. Chicoutimi: Gaëtan Morin, 1984.

DAIGNAULT, S. *Histoire de la bière au Québec.* Saint-Constant: Broquet, 2006.

DARWIN, C. *On the origin of species*. London: Natural History Museum, 2019.

DEFOE, D. *Moll Flanders*. São Paulo: Cosac e Naify, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Capitalisme et schizophr*énie 2: mille plateaux*.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DÉTOLLE, A. *Vive le Québec cidre!* le paysage social cidricole québécois: une ethnographie alcoologique*.* 2019. Tese (Doutorado em Antropologia) – Concordia University, 2019.

DICTIONNAIRE de Médecine. Paris: Flamarion, 2001.

DURAS, M. Moderato Cantabile. *Le monde*, Paris, 18 oct. 1962.

DURKHEIM, É. *Le Suicide*. Paris: PUF, 1985.

DURKHEIM, É. *Les règles de la méthode sociologique.* Paris: Presses Universitaires de France, 1973.

ENGELS, F. *La situation de la classe laborieuse en Angleterre*. Paris: Éditions Sociales, 1975.

FAVRET-SAADA, F. *Corps pour corps*: enquête sur la socellerie dans le Bocage. Paris: Gallimard, 1981.

FAVRET-SAADA, F. *Les mots, la mort, les sorts*. Paris: Gallimard, 1985.

FELDMAN, H. *Prohibition*: its economic and industrial aspects*.* New York: D. Appleton and Company, 1930.

FERLAND, C. *Bacchus en Canada*: boissons, buveurs et ivresses en Nouvelle-France. Québec: Septentrion, 2010.

FERREIRA, P. *A paixão pelo rural*: o passional nas ciências*.* Vitória da Conquista: Edições UESB, 2022.

FIELDING, H. *The History of Tom Jones, a Foundling*. London: Penguin Classic, 2005.

FISHER, I. *Prohibition at Its Worst.* New York: Alcohol Information Committee, 1927.

FISHER, I. *Prohibition Still as Its Worst.* New York: Alcohol Information Committee, 1928.

FISHER, I. *The "Noble Experiment".* New York: Alcohol Information Committee, 1930.

FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité II, l'usage des plaisirs*. Paris: Gallimard, 1984.

FOUCAULT, M. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 1976.

FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique.* Paris: Presses Universitaires de France, 1978.

FOUQUET, P. Éloge de l'alcoolisme et naissance de l'alcoologie. *Alcool ou Santé*, [*S. l.*], v. 2, n. 82, p. 3-11, 1967.

FOUQUET, P.; CLAVREUL, J. *Une thérapeutique de l'alcoolisme*: essai de psychothérapie éducative*.* Paris: Presses Universitaires de France, 1956.

FREUD, S. *La naissance de la psychanalyse.* Paris: Presses Universitaires de France, 1895.

FREUD, S. *Cinq psychanalyses.* Paris: Presses universitaires de France, 1911.

FREUD, S. *La vie sexuelle*. Paris: PUF, 1925.

FREUD, S. *L'avenir d'une illusion.* Paris: Presses Universitaires de France, 1927.

GOODMAN, A. Addiction: definition and implications. *Britisch Journal of Addiction,* [*S. l.*], v. 85, n. 11, p. 1403-1408, nov. 1990.

GUILLET, M.; BROCHU, S. Institutionnalisation des stratégies de réduction des méfaits au sein de l'agenda politique canadien: les enjeux et les limites de la conceptualisation actuelle. *Drogues, santé et société*, Montréal, v. 4, n. 2, p. 79-139, 2005.

HALBWACHS, M. *La classe ouvrière et les niveaux de vie*: recherches sur la hiérarchie des besoins dans les sociétés industriellles contemporaines. Paris: Librairie Félix Alcan, 1913.

HERON, C. *Booze*: a distilled history. Toronto: Between The Lines, 2003.

HEUYER, G.; LACAN, J. Alcoolisme subaigu a pouls normal ou ralenti: coexistence du syndrome d'automatisme mental. *Annales médio-psychologiques*, Amsterdam, 1933. Tomo 2.

HUSS, M. *Alcoholismus chronicus, ou maladie alcoolique chronique*: contribution à la connaissance des dyscrasies, selon mon expérience personnelle et celle des autres. Paris: Éditions KVL, 1981.

JELLINEK, E. M. *The disease concept of alcoholism*. New Haven: Hillhouse Press, 1960.

JUNG, C. *Psychogenèse des maladies mentales.* Paris: Albin Michel, 2001.

L'ABECEDAIRE de Gilles Deleuze. Produção de Pierre-André Boutang. Paris: Éditions Montparnasse, 1996. B comme boisson (12 min.).

LABRIE, G.; TREMBLAY, M.-A. Études psychologiques et socio-culturelles de l'alcoolisme: inventaire des travaux disponibles au Québec depuis 1960. *Toxicomanies*, Québec, v. 10, p. 85-136, 1977.

LACHANCE, N. Les scientifiques étudient vraiment tout. *Le journal de Montréal*, Montréal, 27 maio 2015. Disponível em: https://www.journaldemontreal.com/2015/05/27/les-scientifiques-etudient-vraiment-tout. Acesso em: 24 nov. 2024.

LAFOREST, L. Facteurs socio-culturels de l'étiologie de l'alcoolisme au Québec: quelques hypothèse de recherche. *Toxicomanies*, Québec, v. 1, n. 1, p. 105-110, 1968.

LEDERMANN, S. *Alcool, alcoolisme, alcoolisation*: données scientifiques de caractère physiologique, économique et social. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.

LEDERMANN, S. *Alcool, alcoolisme*: alcoolisation, mortalité, morbidité, accidents du travail. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

LEVESQUE, P.-A. Usage politique de l'approche de réduction des méfaits et du principe de tolérance dans les stratégies québécoises de lutte contre le VIH et contre la toxicomanie. *In*: MASSE, R.; MONDU, I. (org.). *Réduction des méfaits et tolérance en santé publique*: enjeux éthiques et politiques. Québec: Presses de l'Université Laval, 2013. p. 73-103.

LINCK, P.-D. *Histoire religieuse de la Suède (1520-1930).* Paris: Les Éditions du Cerf, 2013.

LINTEAU, P.-A. *et al*. *Histórie du Québec contemporain*: Tome II: le Québec depuis 1930. Montréal: Boréal compact, 1989.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LOMBROSO, C. *L'homme criminel*: étude anthropologique et psychiatrique. Paris: Félix Alcan, 1895.

MARQUES, F. Método minnesota e os 12 passos: alicerce espiritual da recuperação. *Clínica Jorge Jaber*, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://clinicajorgejaber.com.br/novo/2018/12/metodo-minnesota-e-os-12-passos-alicerce-espiritual-da-recuperacao/. Acesso em: 14 mar. 2022.

MARQUIS, P.-A. Considérations sur l'éducation des jeunes en matière d'alcoolisme. *Bulletin Informations sur l'alcoolisme,* [*S. l.*], v. 2, p. 3-9, 1966.

MARTEL, M. *Une brève histoire du vice au Canada depuis 1500.* Québec: Presses de l'Université Laval, 2015.

MARTIN, J.-P. *La vertu par la loi*: la Prohibition aux États-Unis: 1920-1933. Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, 1993.

MARTIN, J.-P. Petite anthropologie de l'ivresse. *l'Association Marguerite Duras*, 2010. Conferência.

MASSÉ, R. L'approche de réduction des méfaits au défi de la torérance. *In*: MASSE, R.; MONDU, I. (org.). *Réduction des méfaits et tolérance en santé publique*: enjeux éthiques et politiques. Québec: Presses de l'Université Laval, 2013. p. 3-15.

MASSÉ, R. La santé publique comme nouvelle moralité. *In*: FORTIN, P. *La réforme de la santé au Québec*. Montréal: Les éditions Fides, 1999. p. 155-174.

MERTON, R. *The sociology of science*: theoretical and empirical investigations. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

MINISTERE DES AFFAIRES SOCIALES (MAS). *L'usage et l'abus des drogues*: un aperçu global. Québec: Direction générale des affaires sociales, 1976.

MOINS, P. Alcool et nouvelles cliniques? De l'apsychognosie de Fouquet au binge drinking comme conduite à risque. *ERES*: La revue lacanienne, Toulouse, v. 2, n. 7, p. 53-64, 2010.

MOL, A. *The body multiple*: ontology in medical practice. Durham: Duke University Press, 2002.

MOL, A. *The logic of care*: health and the problem of patient choice. London: Roultedge, 2006.

MONTI, F. *Prohibitions.* Paris: Les Belles Lettres, 2014.

MOREL, B. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine.* Paris: J. B. Baillière, 1857.

MORGAN, L. *Ancient society*: or researches in the lines of human progress from savagery, through barbarism to civilization. Cambridge: Belknap Press, 1964.

NADEAU, L. *Vivre avec l'alcool*: la consommantion, les effets, les abus. Québec: Les éditions de l'homme, 1990.

NICHOLLS, J. *The politics of alcohol*: a history of the drink question in England. Manchester: Manchester University Press, 2009.

NIETZSCHE, F. *Le gai savoir.* Paris: Gallimard, 1967.

NIETZSCHE, F. *La généalogie de la morale.* Paris: Gallimard, 1971.

NIETZSCHE, F. *O anticristo e ditirambos de Dionísio.* São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NORWOOD, R. *Women who love too much.* Montréal: Stanké, 1985.

NOURRISSON, D. *Le buveur du XIX*[e] *siècle.* Paris: A. Michel, 1990.

OLIVEIRA, M. Nem saúde, nem doença, hoje eu fico com feeling do momento: uma proposta alternativa ao diagnóstico de alcoolismo. *Revista Lampejo*, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 34-43, 2022.

PATTEN, S. *Les fondements économiques de la protection*. Paris: Giard et Brière, 1899.

PEELE, S. *L'expérience de l'assuétude*. Montréal: Faculté de l'éducation permanente: Université de Montréal, 1982.

PINEL, P. *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la manie*. Paris: Libraire Richard, Caille et Ravier, 1801.

PLOURDE, C.; QUIRION, B. Trente ans d'intervention psychosociale au Québec: quatre témoins privilégiés dressent un bilan. *Drogues, santé et société*, Montréal, v. 9, n. 1, p.7-35, 2010.

PRÉVOST, R.; GAGNE, S.; PHANEUF, M. *L'histoire de l'alcool au Québec.* Montréal: Éditions internationales A. Stanké, 1986.

QUIRION, B. Réduction des méfaits et gestion des risques: les frontières normatives entre les différents registres de régulation de la pratique psychotrope. *Déviance et Société*, Chêne-Bourg, v. 26, n. 4, p. 479-495, 2002.

RENAUDIN, B. De l'alcoolisme chronique, par M. le Dr. Magnus Huss. *Annales médico-psychologique*: Journal d'aliénation mentale et de médicine légal des aliénés, [Amsterdam], v. 3, p. 60-88, 1853.

RENNEVILLE, M. Le printemps des sciences du crime. *In*: TARDE, G. *La criminalité comparée.* Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 2004. p. 7-23.

RICHARD, D.; SENON, J.-L.; VALLEUR, M. *Dictionnaire des drogues et des dépendances.* Paris: Larousse, 2004.

RICHARD, R. Études. *lnformations sur l'alcoolisme*, [*S. l.*], v. 1, n. 1, p. 5, 1965.

RIOUX, A. Alcool et circulation routière. *Informations sur l'alcoolisme*, [*S. l.*], v. 1, p. 6-9, 1965.

RIOUX, S. *La bière, entre terroir et savoir-faire local: une étude de l'ancrage régional des microbrasseries du Bas-SaintLaurent et de la Gaspésie-Îles-de-la-Madeleine*. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Université Laval, Québec, 2019.

ROOM, R. Alcohol and ethnography: a case of problem deflation? *Current Anthropology*, Chicago, v. 25, n. 2, p. 169-191, 1984.

RUSH, B. *An inquiry into the effects of ardent spirits on the human mind and body.* Pennsylvanie: Jostah Richardson Preacher of the Gospel, 1812.

SAILLANT, F. *Cancer et culture*: produire le sens de la maladie. Montréal: Éditions Saint-Martin, 1988.

SIMONDON, G. *A individuação à luz das noções de forma e de informação.* São Paulo: Editora 34, 2020.

SMOLLETT, T. *Roderick Random*. London: Penguin Classics, 1995.

SOURNIA, J.-C. *Histoire de l'alcoolisme.* Paris: Flammarion, 1986.

SUISSA, A.-J. *Pourquoi l'alcoolisme n'est pas une maladie.* Montréal: Fides, 1998.

TARDE, G. *La criminalité comparée.* Paris: Félix Alcan, 1886.

TARDE, G. *La philosophie pénale*. Paris: A. Storck. G. Masson Éditeur, 1890.

TARDE, G. *Psychologie économique*. Paris: Félix Alcan, 1902.

TARDE, G. *Les lois de l'imitation.* Paris: Félix Alcan, 1904.

TARDE, G. Monadologie et sociologie. *In*: TARDE, G. *Oeuvres de Tarde*: v. 1. Paris: Les Empêcheurs de penser em rond, 1999.

TEINTURIER, S. De l'esprit des étiquettes de bières: bières, religions et microbrasseries au Quebec. *In*: KOUSSENS, D.; FOISY, C. (org.). *Les catholiques québécois et la laïcité*. Québec: PUL, 2018. p. 367-387.

THORNTON, M. *The economics of Prohibition.* Salt Lake City: University of Utah Press, 1991.

TREMBLAY, M.-A. Recherche et éducation dans le domaine de l'alcoolisme: éléments de synthèse. *Toxicomanies*, Québec, v. 1, n. 1, p. 79-98, 1968.

TREMBLAY, M-A.; FORTIN, G. *Les comportements économiques de la famille salariée du Québec.* Québec: Presses de l'Université Laval, 1964.

TROTTER, T. *An essay, medical, philosophical, and chemical, on drunkenness and its effects on the human body.* London: T. N. Longman, and O. Rees, 1804.

VACHON, A. L'eau-de-vie dans la société indienne. *Toxicomanies*, Québec, v. 1, n. 2, p. 205-216, 1968.

VILLERMÉ, L-R. État physique et moral des ouvriers employés dans les manufactures de coton, de laine e de soie. Paris: Union Générale d'Éditions, 1971.

VOISINE, N. De la tempérance à la famille. *In*: HAMELIN, J. (ed.). *Les Franciscains au Canada, 1890-1990*. Québec: Septentrion, 1990. p. 157-179.

WARBURTON, C. *The economic results of prohibition.* New York: Columbia University Press, 1932.

WEBER, M. *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme.* Paris: Plon, 1964.

Formato: 15 x 22 cm
Fontes: Sarabun | IBM Plex Serif
Miolo: Papel Off-Set 75 g/m²
Capa: Cartão Supremo 300 g/m²
Impressão: Gráfica 3
Tiragem: 500 exemplares

PAULO ROGERS FERREIRA
é antropólogo e professor adjunto 3 na Universidade Federal da Bahia (UFBA). É autor de *A paixão pelo rural: o passional nas ciências* e *Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas*, este laureado pelo Prêmio Anpocs, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs).

Em sua etnografia, Paulo Rogers Ferreira procura compreender como os bebedores da Beauce, no Quebec, negociam os interditos sociais e institucionais associados ao controle do álcool. Sua análise demonstra que a abordagem sanitária institucional, que associa o consumo a um número máximo de copos por dia, não tem impacto real, salvo para aumentar a culpabilidade dos bebedores.

Anaïs Détolle, antropólogo quebequense
Departamento de Antropologia | Université Laval

A obra *A vida no feeling do momento* trata de um sentimento de conexão com um local físico reafirmando "o que nos liga" *hic et nunc*.

Sara Teinturier, politicóloga francesa
Faculdade de Direito | Université de Sherbrooke

Recentemente no Quebec, Paulo Rogers Ferreira estudou o consumo de álcool dos bebedores, social e medicalmente considerados excessivos, na região de Beauce. Ele etnografou essa política se perguntando por que e como os beaucerons bebem álcool, com a trama de fundo dessa cruzada ocidental médica e moral que prescreve o consumo julgado excessivo.

Simon Rioux, antropólogo quebequense
Departamento de Antropologia | Université Laval

Nem saúde, nem doença: hoje fico é com o *feeling* do momento.

Marcelo Souza Oliveira, psicólogo brasileiro
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde | Universidade Federal da Bahia

fapesb
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

GOVERNO DO ESTADO BAHIA
SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

ISBN 978-65-5630-755-8